

ndo e o nascimento, nunca pensei que tivesse me apropriado

ARTES - SONIA LINS -



o nome de Ruth, um dia em

retornando ao Brasil o que do olhar de pai namorou sobre os morenos de sete anos de Ruth contactando seu
crescimento Ruth estava pronta para namorar e foi durante um passeio pelo bairro dos funcionários que surgiu
sentindo a regularidade de sua guarda-chuva cair. Ele dançou porque que pai o pudesse espanhóis e então
então o noivo do marado chegou de moço Mendes Pimentel e Edmundo, dois amigos da casa do pai, construiu a
em casamento e no final, pai comprou terreno que era prolongamento do quintal da casa do pai, construiu a
casa pequena empalmei as de vermelho e dourado reservando a sala de espera para do pai, com passarinhos
pássaros a grilhões de três em três sobre varas de bambu, no meio faltando paticamente deu uma de ferro em
quando um dia tinham nascido e sido famiados, colheu também a casa do pai, com passarinhos
quas vezes por dia, enfeitando demônios, pois que não eram passos, não tinha tendo fácil enovar a Ruth
mas como filhos lembravam em não chegar, Ruth e pai suas amigadas, até que se retirou do pai, sem ser
de o menino esperado chegou ao namorado, depois da lua de mel e Sonia, mãe na comida mas não logo
depois um sulido em si mulher, tabando no eixo dentro de estrutura de dois metros de comprimento, cu
o centro era construído por um grande balde de plástico, com paredes de madeira e uma Clark, pois que
ela estendida esticada no meio do muro e perdali o equilíbrio, o branco e a palha, paredes que adem
eidem da mesma maneira que o muro, água mostarda, o amarelo, a travé do tato e pentura em Lopal, o chedi
de balões que se trancaram o equilíbrio, derrubando a consagração pela passagem estreita de bule, se que
o remédio de luz, sentiu no rosto a aspereza na saída do túnel, construído nela em 1968, a via chedi
chorou a ahara se nasce, a carteira, pedindo cabelos em manuseando em tempo, as pedras, pintou
ajuntou a grossura dos lábios, que um macho de censura, murmurando, menina!, já se tem em jun
juntou lábios, amando e dando para nada, mais, foi quando não fazia translado de galos, a via
de pedras, fazendo surgir no terreiro, agachava-se no chão e nos enunava a de brincar com caixas de panelas
apressado se punha de pé, tentando abrires dentro do bolso e ia trabalhar. Pegavam os ossos e com eles
tracavam os quadros, formando o mar, pulando sobre unico pi, chutando pedra molhada de par
namada linha, valdavam os crucando por sobre inferno e purgatório para em funde cancar nos
cafe que nada no dava em troco, porque nada havíamos tomado. Nunca pensei que tivesse me aprop
apropriado de tantas mitologias de leito, monstros e deusa a toda mitologia que não foi contada por
povo lins criou com sintomas encurvados, xalem formas dos buracos do meu corpo e se tornam pelos
leuões ou grandes aranhas negras, e incrivelmente pelo o processo de um meu corpo com as mães em forma
de concha em todos os pontos capitais, depois que imortal a serpente e a água, um agnendo fraudos que
que preparo com uma ténia, registra o calce de água para, Sonia Paris, 24 maio de 1973, nunca poderia con
conheci nader a mãe envidado no seio um pouco de leite para ela, contudo não perdeu a sua melade
de moçar, que o goze, quando a mulher do Paulo, um dia do pai, carregando filho vindo do interior, a via
dentro do vestido, Ruth, enlornando leite, vindo de nós, olhos de água, me lembro se ela queria morder e mand
mandando que ela abrisse a boca, inquiriu este nome branco do dente, tam sem de leite e de um dom

Uis, saem formas dos buracos do meu corpo e se tornam pelos

si contada por vovô Lins: eu estou com sintomas increi-

Sonia Lins nos introduz na intimidade de seu covívio com Lygia Clark, a irmã caçula. Que não se espere a revelação de fatos secretos, nem de sentimentos pessoais, que comporiam a memória de um eu. É convocada aqui uma outra espécie de memória, habitada pelas marcas de vibrações das coisas no corpo. Por exemplo a lembrança da mãe das meninas envolvida por seu encontro com a música: “Seria a beleza desprendida de sua pessoa que fazia a música bonita ou a boniteza da música que a tornava tão bela?”; ou a lembrança do encontro noturno das irmãs com a escada que as levava ao dormitório: “O medo subia pisando calcanhares”, ou ainda a lembrança da noite encontrando a casa da infância: “Saltara do céu a noite e se debruçava felina sobre a casa onde escuridão pulara a janela”... Magia de uma região invisível da subjetividade, onde as coisas são vivas e suas reverberações no corpo da autora destacam-se, ganham autonomia e geram mundos inesperados. Esta singular atmosfera nos é transmitida com sagacidade e sutileza pelas palavras de Sonia, apresentadas nas soluções plásticas de Júlio Villani. É nesta região que Sonia irá entrelaçar a vida e a obra de Lygia, entrelaçamento confirmado por comentários da própria artista, em trechos de cartas para a irmã ou outros textos, com os quais a autora pontua a delicada construção desta sua memória do corpo vibrátil. Acompanhamos Lygia sendo tomada de estranhamento a cada vez que uma nova composição de vibrações invade sua subjetividade; e vemos que sempre que isto acontece, tal estranhamento irá mobilizar em Lygia a busca de formas de expressão que acabarão por materializar-se na proposta de uma nova obra, mesmo que muito tempo depois. Como ela mesma escreve num texto evocado por Sonia, não se trata de “buscar uma forma a ser encontrada seja no passado, seja no futuro, mas a vivência experimental do partícipio presente da evolução incessante das formas”. Evolução das formas dos objetos, que ela vê como “matéria viva cristalizada”; mas igualmente evolução das formas da própria subjetividade, que nasce e renasce de sua fecundação pelo mundo.

Artes

Sonia Lins

Artes

Sonia Lins

Concepção e capa: Julio Villani - *realização:* Laurent Nodenot

Tradução inglês: Alfredo V.R. Chaves
impressão: Snoeck Ducaju & zoon Belgica.
Sonia Lins © 1996.

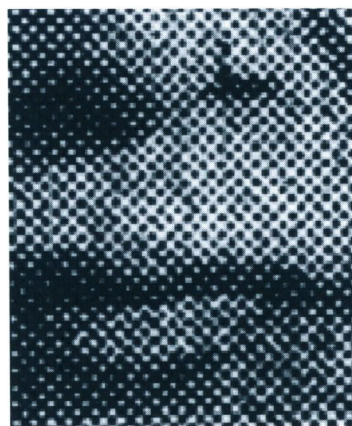
Este livro inspirado nas memórias, na infância é fascinante: editado no exato momento em que sua personagem principal começa a conquistar uma importância mundial, a ser internacionalmente reconhecida como uma das grandes artistas do nosso tempo, nele encontram-se duas linhas do tempo, dois universos. O que o torna ainda mais fascinante, quando se considera que a obra de Lygia Clark dedicou-se a desfazer, a ver através e além do mito do artista que nós herdamos. “Tomei consciência”, escreveu Lygia numa carta citada por sua irmã Sonia Lins em suas memórias, “de que, na medida em que quase todos os artistas, hoje, se vomitam à si mesmos num processo de grande extroversão, eu, solitária, engulo cada vez mais, num processo de introversão, para depois fazer a ovulação... de um ovo de cada vez”. Lygia Clark transformou nossa idéia sobre a relação entre artista e espectador. Sua série de objetos e proposições foram todas um meio de fazer com que o espectador se transformasse em participante e redescobrisse em si mesmo sua própria “poesia”. Sua arte tem implicações profundas na nossa compreensão da relação entre sujeito e objeto, entre unidade pessoal e mundo, entre real e fantasia. Ela mesma mostrou essas repercussões, usando o que descobrira para inventar uma forma de “terapia”, e para curar – ou ao menos liberar ou aliviar – algumas das formas mais extremas de crise psicológica ou contradições da vida deste Outro, que fora anteriormente o “espectador” de arte. Justo quando começamos a entender o adulto Lygia Clark, este livro nos conta sobre a criança. A conexão não é fortuita. Sonia Lins traça paralelos entre as brincadeiras da infância de Lygia Clark e seu trabalho posterior. Pelo título do livro, Sonia já anuncia este prisma: **Artes**, como em “arte” – ou “artimanhas”. Contudo, Sonia evita a armadilha de uma tese acadêmica ou de um falso distanciamento. Como ela mesma escreve, na primeira linha do livro: “Se é para brincar, eu também gosto...” Em outras palavras, ela entra na estória não como espectador, mas como participante, recriando sua infância através de seus dons literários, de sua marcável imaginação linguística e sintática, e que toma forma e corpo com a maravilhosa elasticidade do trabalho de Júlio Villani. Neste livro sobre a infância das duas irmãs se encontra uma fotografia de Lygia datando do fim de sua vida, seguida por páginas que focalizam primeiro os olhos – estes “olhos famintos” como são descritos numa das inúmeras referências à eles feitas – e depois a boca. Que idéia inteligente, a de nos fazer ler sobre o começo da vida de Lygia – inserida na cacofonia de uma grande família brasileira (cujo retrato coletivo é traçado por Sonia de uma maneira inimitável) – vendo ao mesmo tempo seu rosto marcado pela vida, contendo toda a sua beleza, o seu espírito irrequieto, e o cansaço que deve ter sido causado especialmente pela absorção das experiências de seus pacientes “borderline”. A lembrança da infância é um processo ambíguo. Pela lógica da “brincadeira”, a pessoa projeta o presente sobre o passado, e o reinventa. Este livro é cinético: seus microcosmos são compostos de ações,

relações, sensações corporais, transformações, que são as sementes do futuro trabalho de Lygia. Eu sempre fui fascinado pela relação entre o cerebral e o corpóreo presente em sua obra. A lucidez, a simplicidade e a força extraordinárias de seus **Bichos** e **Relevos** do começo, criados numa linguagem geométrico-abstrata, não desapareceram à medida em que seu trabalho se tornava cada vez mais orgânico. Seus escritos são igualmente claros, dialéticos, nunca emaranhados ou confusos, mesmo quando ela relata situações subjetivas, viscerais ou fantasmagóricas. Lygia sempre escolheu seus materiais entre os mais simples, e os utilizou de maneira engenhosa e essencial, nunca excessiva, deixando sempre um espaço livre para a imaginação. No entanto, este livro – permeado de citações tiradas de cartas de Lygia, e alusões a outros escritos seus que desconheço – me fez ver que minhas próprias preferências me fizeram enfatizar o lado imaterial da imaginação de Lygia, e minimizar sua corporalidade sensual. “No desenho abstrato, o Bicho se escondia”, como diria Sonia. Nós podemos revisar inteiramente nossa noção de inteligência vendo como a mente é iluminada no discurso que Lygia mantinha sobre o corpo. O trabalho de Lygia Clark me marcou tanto, que nos últimos 30 anos, poucos foram os dias passados sem que eu pensasse nele. Ele me abriu um mundo novo, e formou “em meio à tanta confusão, um ponto de referência, um exemplo”, como escreveu um dia um jovem admirador à Pasolini. Eu observei todos os fenômenos da arte contemporânea internacional relacionando-os com a posição adotada por Lygia, a qual parecia cristalizar todos os nossos dilemas e possibilidades. Sempre me perguntei (já que eu não tinha como **saber**), qual era a parte do elemento “Brasil” nisso tudo. E eu imaginava que a maneira com que Lygia processara e sintetizara sua experiência do Brasil dera um forte impulso à sua busca, e a ajudara a se concentrar precisamente nesta questão da relação do ser físico ao intelecto, das experiências de vida ao pensamento, que ela costumava resumir numa palavra que adorava usar, sempre pronunciada com um ronronar sensual: *vivências*. Nesta recriação de suas infâncias contada por Sonia, a maneira que tinha Lygia de **viver** seu trabalho é continuamente demonstrada. **Artes** é igualmente um livro sobre o relacionamento de duas irmãs. Esta alusão também está contida na primeira frase: Sonia também brinca. Por outro lado, do seu ponto de vista, Lygia certa feita me contou que era Sonia a linda, a brilhante entre as duas, que ela poderia ter sido uma artista ainda melhor - e que até se envolvera com arte um dia, como para provar, mas que não continuara nesta direção. Lygia sempre se apresentou como sendo, das duas, a que não tinha facilidade para isso, que não tinha inteligência, e que *apesar* de tudo... E este relacionamento continua até a última frase quando, vendo Lygia morta, Sonia resolve escrever este livro. A primeira e a última frases são contínuas e se entrelaçam, e Sonia diz: “Lygia, pode começar tudo outra vez. Mexa-se. Não fique aí deitada. Isso é só uma brincadeira de estátua. Você está viva.”

Guy Brett
Junho de 1996.







Se é para brincar eu também gosto.

Era uma vez duas irmãs. Uma chamava-se Aparecida e a outra tinha o nome de Desaparecida. Todas as vezes que Aparecida desaparecia aparecia Desaparecida. Um dia Desaparecida apareceu e Aparecida não desapareceu. Desaparecida pareceu desfalecer e Aparecida desapareceu. Desaparecida virou Aparecida e Aparecida se transformou em Desaparecida e quando Aparecida que era Desaparecida aparecia, Desaparecida que era Aparecida desaparecia. Quem era agora Aparecida e quem teria sido Desaparecida? Uma noite, Aparecida que era Desaparecida desapareceu e se escondeu debaixo da cama de Desaparecida que tinha sido Aparecida. Desaparecida que tinha então sido Aparecida, dormiu em cima da Aparecida que era Desaparecida. Debaixo da cama, Aparecida então desaparecida, aproveitou que a irmã dormia e os olhos furou da Desaparecida que tinha sido Aparecida, para que ela Aparecida realmente Desaparecida, pudesse aparecer sem fazer Desaparecida realmente Aparecida desaparecer. No dia seguinte Desaparecida que era Aparecida procurou Aparecida que era Desaparecida e Aparecida não apareceu. Aparecida ainda como Desaparecida, furando os olhos de Desaparecida na verdade Aparecida, desapareceu e Desaparecida apareceu.

Era outra vez, há pouco tempo atrás, a tataravó Donana, mãe da bisavó Chiquinha, por sua vez mãe da avó Aurea que era mãe de Ruth, mãe de Lygia Clark. A tataravó Donana não pôde esperar as netas crescerem; quando estavam ainda pequenas começou a dormir cada vez mais cedo e a levantar cada vez mais tarde até que não acordou mais. A bisavó Chiquinha, aos noventa anos lembrava-se da mãe e do bom chocolate que lhe era dado quando menina. Do pai dizia apenas ter sido colocada muitas vezes de castigo atrás da porta embora nunca soubesse porque, e contava do cabelo preto e sedoso do bisavô Vicente seu marido, pai da avó Aurea, avô de Ruth e bisavô de Lygia. Bisavó Chiquinha teve mais filhas do que filhos : Marieta, bem fornida de cadeiras, Aurea Aurora do Vale, Tarcila Dalila do Vale, Almerinda Linda do Vale e um filho homem, conhecido como Nhosinho. Aurea, bonita, pobre e valente, casou-se com Francisco Mendes Pimentel, neto de imigrante português chegado ao Brasil como clandestino num navio de Portugal com erisipela na perna. Aurea chamava o marido de Chiquinho e tratava-o como um príncipe; seu pai era o rei do arroz em Niterói. Largou a avó Aurea seu emprêgo numa fábrica de cigarros e casou-se com Chiquinho

em Barbacena, onde ele começava sua carreira jurídica. Anos depois a avó Aurea e avô Pimentel mudaram-se para Belo Horizonte, nova capital de Minas, enquanto a bisavó Chiquinha ia para o Rio morar ao lado da mãe, a tataravó Donana, ainda acordada e diminuindo de tamanho a medida que encurtava seu tempo de vida. Bisavó Chiquinha abriu pensão com a ajuda de Tarci-la a quem chamavam Didi, e junto com Almerinda faziam biscoitos e doces cristalizados a seis mãos. Ficavam os doces na janela secando até adquirirem transparência nas cores, e quando faltava fruta e dinheiro, fabricavam-nos com o verde do xuxú e o amarelo da abóbora. Contudo, Almerinda preferia fazer palavras cruzadas; magra e dentuça, quando falava os olhos brilhavam mais que seu cabelo ondeado. Insistia o médico para que tomasse água, Almerinda recusava-se dizendo não gostar. À noite sentavam-se as três nas magras cadeiras da sala de jantar e punham-se a jogar baralho; Almerinda ganhava e ria mostrando dentes para fora que muito combinavam com os zigomas do rosto. Avó Chiquinha se levantava esticando magreza do corpo, passava sabão Aristolino no coque agora livre de grampos e ia dormir de cabeça ensaboada. Era a única maneira de manter brancos os cabelos, e com eles

cada vez mais brancos, pobre e assando biscoitos, bisavó Chiquinha de uma feita sentiu súbito mal, desmaiando no ladrilho da cozinha; ao ser sacudida por Almerinda e Didi, logo se refez, dizendo :“Primeiro os biscoitos que estão no forno, depois eu !” Bisavó Chiquinha esperou que bisnetas tivessem filhas para tirar retrato com as cinco gerações e poder morrer; e Lygia já Clark, passando a frente de primas e irmãs, apareceu ao lado seu no retângulo da fotografia, barriga ainda inchada pela gravidez que mal terminara, carregando criança. Sua primeira filha, Elizabeth, acabara de nascer.

Teve a avó Aurea 19 partos, conseguindo criar 10 filhos: Alvaro que não gostava de comer galinha, Roberto cujas namoradas à noite sonhavam fugir com Camillo, Ruth, Lygia, tia de quem Clark herdaria o nome, Ruy o sensato, Chico o mais feio, Cid que ia à praia com uma perna raspada e outra cabeluda, Décio, o primeiro a morrer de venérea doença e Carlos, caçula mimado. No dia 14 de Julho de 1900, data em que franceses comemoravam a tomada da Bastilha, nascia o quarto filho do casal Mendes Pimentel, provocando grito abafado em boca de mãe. Enchendo pulmão de ar Camillo deu extensão ao protesto provocado por sua entrada no mundo e berrando continuou até que Deolinda, parteira de mãos pretas, lavando e enxugando-lhe o corpo, conduziu-o ao peito de mãe, esvaziado. O jeito era irem

atrás de ama-de-leite; Maria Antônia italiana foi recomendada e a boca de Camillo se fechou no mamilo erecto de Maria Antônia, abandonado pelo filho, olhos colados de tanto sugar. Camillo tio de Lygia Clark mamou em ama-de-leite até comprarem cabra sadia, ordenhada várias vezes por dia no jardim de sua casa. Cresceu forte e valente; contudo suas pernas não deixavam de estalar ao agachar-se. Sempre brigão, Camillo tinha a coragem antes do medo, o que lhe valeu um nariz quebrado. Alvaro, Roberto, Ruth e Camillo: os bofetões começavam e vinha a avó Mariquinhas, mãe do jurisconsulto Mendes Pimentel, sogra da avó Aurea, avó de Ruth, outra bisavó de Lygia Clark; pince-nez lhe aumentando o azul dos olhos, pegava a pequena Ruth de cabeça raspada para que nunca cabelo lhe faltasse e pelo braço levava-a até seu quarto, onde sempre havia escondida fatia de bolo para a única neta, pois Lygia tia estava ainda por nascer.

Vamos andar dois quarteirões e achar o outro avô, Edmundo Lins, mordendo o bigode, na rua Pernambuco, bairro dos Funcionários, onde morava com a segunda mulher, Maria Leonor Monteiro de Barros, espírito-santense, a quem Deus dera paciência e belas pernas. Edmundo havia nascido no Serro; órfão de pai, Miguel Pereira Lins que ao morrer deixara viúva Antônia Lins, a qual lavava e passava, passava e lavava para ajudar no sustento dos filhos. Um dia, durante uma

tempestade, um raio achou de cair no dedo mindinho do seu pé fazendo-a desmaiar; ao voltar a si Antônia constatou estar com menos um dedo num pé que no outro. Aos seis anos era Edmundo ajudante de ourives e fez um quadro com os cabelos grisalhos da mãe, quadro colocado na parede de seu quarto e levado dentro de mala nas poucas viagens que fazia. Avô Lins teve os estudos custeados pelo tio Nico e depois foi levado por padres franceses expulsos do país por Clemenceau, para estudar em seminário fundado por eles em Diamantina. Ao chegar a hora de lhe fazerem a tonsura, arranjou cavalo emprestado e se mandou para Ouro Preto. Passou a ensinar latim e com as declinações na ponta da língua conseguiu começar os estudos jurídicos. Casou-se Edmundo Lins em São Paulo com Maria Brasilina Pinheiro e Prado, mulher pequena de longa trança, percorrendo de baixo a alto a ampliação de retrato seu pendurado em parede. Vovó Mocinha como devia ser chamada se tanto vivesse, era mãe de Alcides o prefeito, Jair, fumegante pai de Lygia Clark, Esther a arguta; e quando chegou a hora de ter filha com nome seu, morreu de parto. Edmundo entregou as filhas para tias solteiras e paulistas criarem e seis meses depois, com a ponta do bigode engomada para cima, contraía segundas núpcias, dando aos dois filhos que mantivera com ele mais mãe do que madrasta, sua mulher Lolô. Filhos outros vieram depois, filhos de olhos puxados, José o hábil, Ivan quase médico mas positivista, Edmundinho o gato, Paulo de

todos o mais gordo, Miguel e David, dessemelhantes mas ambos de olhos azuis. Casa em que avô morava era um sobrado verde, com jardim ao lado, debruçada sobre calçada esperando ver bonde passar. No porão estava o quarto de Jair, estudante em direito. Jair fez das gavetas onde guardava ceroulas ninhos onde galinhas pudessem chocar e foi criando pintos e pondo-os para brigar que vamos encontrá-lo sempre falando sozinho, carregando galos debaixo do braço, de quintal em quintal , sem nunca poder parar. Ao receber o anel de rubi e brilhante de formatura, colocou-o no cofre ; foi mandado à Paris para estagiar no Banco Hipotecário e Agrícola e comendo croissants e batatas fritas aprendeu a discutir em francês consigo mesmo, para depois, em altas vozes, discutir com os outros, puxando erre do fundo da garganta. Não houve can-can que o fizesse esquecer o arrastar de asas de galo preparando esporas, prontas a sangrarem cristas que não fossem das temerosas galinhas. Escrevia para a boa madrasta Lolô mostrando ansiedade na caligrafia : *“Minha cara Lolô, Quando o Juiz de Paz for ahi, pergunte a elle pelos meus frangos que estão na casa delle e, mais uma vez, recomenda-lhe todo o cuidado para trazê-los sempre separados do resto das outras gallinhas para que não deteriore a raça. Paulo tem continuado a tractar do gallo que ahi ficou ? Não podes imaginar a falta que tenho sentido delles, até parece mentira ! Tenho sentido uma bruta falta, este raio de Paris não me dá nem o triste consolo de ouvir um gallo cantar !”* Paris 15 de junho de 1913.

Imaginar a falta que tenho sentido delles, até parece mentira !
Tenho sentido uma bruta falta, este raio de Paris não me dá nem o triste consolo de ouvir um galo cantar ! Paulo tem continuado a tractar do gallo que ahí ficou ? Não podes imaginar a falta que tenho sentido delles, até parece mentira !
Tenho sentido uma bruta falta, este raio de Paris não me dá nem o triste consolo de ouvir um galo cantar ! Paulo tem continuado a tractar do gallo que ahí ficou ? Não podes imaginar a falta que tenho sentido delles, até parece mentira !

Voltando ao Brasil, o azul dos olhos de Jair pousou sobre os morenos dezessete anos de Ruth, constatando seu crescimento. Ruth estava pronta para namorar e foi durante um passeio pelo bairro dos Funcionários que, sentindo-se seguida por ele, deixou o guarda-chuva cair-lhe das mãos para que Jair o pudesse apanhar. O noivado marcado encheu de prazer Mendes Pimentel e Edmundo Lins: ambos eram compadres. Pensando em casamento e nos galos, Jair comprou terreno que era prolongamento do quintal da casa do pai; construiu casa pequena, empapelou salas de vermelho e dourado, reservando à sala de espera papel de parede com passarinhos agrupados de três em três sobre varas de bambús, pouco faltando para cantarem. Levou cama de ferro onde irmãos tinham nascido e sido fabricados, colocou banheira cheia d'água fervendo para nela mergulhar duas vezes por dia, exorcizando demônios seus que não eram poucos. Não devia ter sido difícil engravidar Ruth, mas como filhos teimavam em não chegar, Ruth e Jair criaram cachorros até que Beatriz, olhos azuis do pai, sem ser o menino esperado, chorou ao nascer dois anos depois da lua de mel, e Sonia, morena como a mãe, veio logo depois,

insistindo em ser mulher.

Tateando no escuro dentro de estrutura de oito metros de comprimento,

cujo centro era construído por grande balão de plástico, com paredes deformadas, Lygia Clark pisou em lona estendida, esticada pouco acima do piso, e perdeu o equilíbrio. No escuro apalpa paredes que cedem da mesma maneira que o piso. Lygia proseguiu o caminho através do tato e penetrou em espaço cheio de balões que lhe tiraram o equilíbrio, derrubando-a; conseguiu sair pela passagem estreita de onde se via arremedo de luz, sentiu no rosto a aspereza de franjas na saída do labirinto construído por ela em 1968.

Lygia chorou, acabara de nascer.

A parteira Deolinda, cabelos embranquecendo em têmpera preta, ajuntou a grossura dos lábios num muchocho de censura, murmurando: menina...

Jair também lábios juntou para assobiar e dando passadas maiores do que permitiam tamanho de pernas, chaves balançando pelo gingado do corpo, foi redigir telegrama ao pai, agora ministro, residindo no Rio de Janeiro:

"Nasceu mulher, 10 horas da noite, Ruth passando bem"

21 de Outubro de 1920

Ruth piscando olhos enormes comentava o susto: Lygia nascera sentada!

Era um miúdo escorpião de Outubro, cujo choro escalava paredes, debatendo-se em vitrais, vazando amarelo e verde separados pelo preto, preenchendo espaço de rua. Lygia, mais cabeça do que tronco e mais tronco do que membros, tinha olhos famintos procurando peito de mãe esgotado pelas irmãs antes nascidas. A casa recheada de protestos ecoava voz de pai zangando com ele mesmo mais o choro de Lygia sacudida por Deolinda insistindo em consolá-la com água de arroz. Da farmácia, gritos eram ouvidos e deixava inquieta a mãe que não gostava de escândalo.

Lygia, pai e mãe partiram em carro de praça à procura de Maria Antônia italiana, ainda abotoando e desabotoando vestido, deixando peito passar. Acabara de amamentar o filho, nunca o último a nascer, sustentado pela grossura de braço de mãe, quase sem moleira, deglutindo e sugando, não viu quando se tornou irmão de leite de Lygia Clark.

O peito de Maria Antônia pulou o bordado da blusa. Fechando olhos maiores Lygia começou a esvaziá-lo, o choro estancado; provou o segundo seio e levada à casa eructando, ao descer do táxi, exigia que a colocassem no colo de Maria Antonia, cujo leite começara a descer.

Jair nada escutava, sozinho falava, explicando a si mesmo porque encomendara tijolos: construiria no quintal casa para Maria Antonia, onde pudesse amamentar Lygia num peito e filho no outro.

A fome sentida ao nascer não abandonara Lygia.

Maria Antonia estava de volta à casa com filho comendo feijão há dois anos.

Muitas vezes, deitada, olhos passeando por tábuas do teto onde lagartixa costumava deslizar, Lygia assistida pela mãe tomava mamadeira de café com leite, grande boca produzindo silvo. Com pernas começando a espichar, aproximava sem que a vissem do muro caiado para nele passar a

língua. Foi apanhada comendo terra e isto lhe custou bicha desalojada por vermífugo aplicado com chinelas no assento, que era como a mãe tratava as nádegas. As unhas de Lygia passaram a ser roídas e finos eram os cabelos onde prendiam laços de fita que doíam ao serem atados para caírem ao primeiro safanão: Francisco, sempre esperado, havia nascido e os cabelos de Lygia eram por ele arrancados.

No jardim a hera plantada pela mãe subia paredes agasalhando casa. Heráclito, empregado do pai, subia e descia escada de pedreiro depois de ter deixado barbas e bigodes de muros verdes bem aparados.

Jair comprara a casa do pai agora residindo no Rio. Trabalhava batendo máquina com dois dedos, campainha tocando no final da linha, pensando em comprar tijolos para calçar quintal, pensando em mais galo abrigar.

Dividiu-o em canteiros onde plantou horta, em cujas beiradas corríamos tentando nos equilibrar. Galinhas chocavam produzindo pintos e eram tratadas com embrocação de iodo para curar-lhes o gôgo; aos galos, pai arrancava as penas das coxas e pescoço esfregando nos buracos da carne cachaça para endurecê-la. Quanto aos pintos saídos das cascas dos ovos, por vezes morriam esmagados por pés sempre a correr.

Pai assobiando, havia feito adega debaixo da casa, onde vinhos chegados da França deitavam-se em prateleiras de terra, guardados por escorpiões; eram para serem tomados por visitas, porém eram compartilhados por Heráclito, um dia encontrado dormindo no escuro da adega. Os vinhos, depois de cheirados e bebidos todos os dias na hora do jantar, eram chegados dentro de barricas e postos em meias garrafas, lacradas de vermelho quando tinto e verde se branco. O pai as barricas aproveitou enchendo-as de piche e Lygia, desejando ter um irmão preto, convenceu Francisco a pular dentro de uma delas; e quando gritando e vomitando almoço, olhos azuis estojados em rosto negro, Francisco chorando se debatia para sair da barrica, Lygia tentando impedi-lo teve olho quase arrancado por unhada, marcando-lhe a fisionomia com lágrima de palhaço a escorrer-lhe sobre a magreza da bochecha que tanto mãe queria engordar. Lygia não sabia: sua primeira obra de arte estava feita. Foi aclamada com palmadas que fizeram arder a palma da mão materna.

Pai quando não fazia traslado de galos cacarejantes debaixo do braço, agachava-se no chão e nos ensinava a desenhar com cacos de panelas de pedra, fazendo surgir no terreiro figuras competindo em tamanho com a sombra das árvores. Apressado se punha de pé tilintando chaves dentro do bolso e ia trabalhar. Pegávamos os cacos e com eles traçávamos quadrados formando maré pulando sobre único pé, chutando pedra proibida de parar em cima de linha, saltávamos cruzando pés sobre inferno e purgatório para enfim alcançarmos céu, que nada nos dava em troca porque nada nos havia tomado.

Acapando de almocçar, pai atstava a cadreira e saia para taballar deixando casa cheia de
tunã. Avô Lin chagara de trem fujindo do calor do Rio, assosando nariz em lençolos de
xadrez encimando. Avô Lô não gostava de Belo Horizonte: não tinha nada para comprar.
Quando não fazia doce, fazia tricot, quando não fazia tricot visitava as irmãs, quando não
visitava as irmãs deitava para ler romance, quando não deitava para ler romance tecia
avô a avô. O avô gostava de música e de jogar lanque-pertume nas pernas da avô. Sen-
tado em poltrona na sala de espera, ligava a vitrola e marcando o compasso, mandava netos
dançarem, ensaiando canções. Á noite, estalando o vento e o tique-taque da avô, o avô
vava ao sono, chagava para contar histórias. Subiamos em cima da escuta-las,
misturando as histórias em latim, saídas de boca de avô, chias de dentes e amarelos,
escovados cada uma de escova. Contava de incestos, canções engraçadas, mulheres, á
Tãtã não bebia, cavalo de espessuras, homens se transformando em porcos
por haverem dormido com serias; estórias contadas com o dedo em riste, o avô nos fazia
acreditar em sua veracidade. Dormíamos e sonhávamos estar o cavalo de Tãtã tocando e
galopando dentro de nossas pernas. Ao amanhecer saímos da cama procurando avô e
esperávamos que saísse do banho onde estivera mergulhando de cabeça o primeiro canto do
galo; queríamos ver suas pernas sob o peso da enorme perna de avô, levá-
los a colher de mingau de avô sempre de manhã.

Avô procurava sol de jardim para viver, tirava com os netos. Jogava avô nos chãos e nos
precipitávamos para a rua, se brigávamos, gargalhávamos e avô sacudindo na perna
as coisas de pijama cinza. Olhava para a avô, cuja falta de leite de mãe não permitia atingir
o tamanho dos outros, e dizia ser ela filha de gata, parida no boeiro da casa. A avô
tava, o avô ria, insistindo nos gritos na metáfora de calor acapar. A avô ria as nuhas e á noi-
te sonambulava procurando mãe. Avô e avô enchiam o avô de pagagem de volta ao Rio
e a avô sacudido pelas mãos de ambos era alegre, sabia eles e nos também para volta-
rão no avô, a avô com as avô coloridas de tricot, o avô com estórias para fca-
vamos por fim, nos ouvindo nos avô com miolos de avô:

"Nunca pensei que pudesse me apaixonar de tanta gente, mas agora sei, agora sei que não foi contra-
da por você. Lin: estou com sentimentos, quero formar dos meus corpos e se formam
pelo ter sido no grande momento. É incrívelmente belo o processo: não me sinto como
um ser humano de forma de forma, mas sinto que sinto. Depois que sinto e não sinto, sinto
comigo, sinto que sinto comigo, sinto que sinto comigo."

Carta de Lygia para Sonia, Paris, 24 de Maio de 1973.

Acabando de almoçar, pai afastava a cadeira e saía para trabalhar deixando casa cheia de fumaça. Avô Lins chegara de trem fugindo do calor do Rio, assoando nariz em lenços de xadrez encarnado. Avó Lolô não gostava de Belo Horizonte: não tinha nada para comprar. Quando não fazia doce, fazia tricot, quando não fazia tricot visitava as irmãs, quando não visitava as irmãs deitava para ler romance, quando não deitava para ler romance recomeçava a fazer doce. O avô gostava de música e de jogar lança-perfume nas pernas da avó. Sentado em poltrona na sala de espera, ligava a vitrola e, marcando o compasso, mandava netos dançarem, ensaiando cantar. À noite, estalando vinte e oito degraus de madeira que o levavam ao nosso quarto, chegava para contar estórias. Subíamos em cima dele para escutá-las, misturadas às frases em latim saídas de boca dessalivada, cheia de dentes fortes e amarelos, escovados após cada refeição. Contava de incestos, cisnes engravidando mulheres, água que Tântalo não bebia, cavalos aéreos despressurizados, homens se transformando em porcos por haverem dormido com sereias; estórias contadas com o dedo em riste, o que nos fazia acreditar em sua veracidade. Dormíamos e sonhávamos estar o cavalo de Tróia roncando e galopando dentro de nossas barrigas. Ao amanhecer saíamos da cama procurando avô e esperávamos que saísse do banho onde estivera mergulhado desde o primeiro canto do galo; queríamos ver seus dedos enrugados pela demorada permanência na água, levar à boca a colher de mingau preparado pela avó sempre de penhoar.

Avô procurava sol de jardim para virar criança com os netos. Jogava moedas no chão e nos precipitávamos para apanhá-las e se brigávamos, gargalhava o avô sacudindo na barriga listas azuis do pijama cinza. Olhava para Lygia, cuja falta de leite de mãe não permitia atingir o tamanho dos outros, e dizia ser ela filha de gata rajada, parida no boeiro da casa. Lygia chorava, o avô ria, insistindo aos gritos na metáfora até calor acabar. Lygia roía as unhas e à noite sonambulava procurando mãe. Avô e avó enchiam o vagão de bagagem de volta ao Rio e o adeus sacudido pelas mãos de ambos era alegre, sabiam eles e nós também que voltariam no ano seguinte, a avó com as agulhas coloridas de tricot, o avô com estórias que ficavam borborinhando nos ouvidos nossos, mexendo com miolos de Lygia:

“Nunca pensei que tivesse me apropriado de tantos monstros graças a toda mitologia que nos foi contada por vovô Lins: estou com sintomas incríveis, saem formas dos buracos do meu corpo e se tornam polvos terríveis ou grandes aranhas negras. É incrivelmente belo o processo: abri meu corpo com as mãos em forma de concha em todos os pontos capitais. Depois que encontrei a serpente e a águia, vivo comendo frangos que preparo com uma tesão magistral.”

Carta de Lygia para Sonia, Paris, 24 de Maio de 1973.

Décadas haviam se passado e gata parida agora era Lygia, deitada na cama, já enclarkada, ao lado de filhotes há pouco mamando no grande peito de mãe em cujo mamilo escuro jamais faltara leite; rodeavam seu corpo moreno e como gatos miando queriam sentir calor de mãe.

Lençóis amarrotados mostravam ponteiros do relógio de cabeceira se esforçando por chegar ao encontro por ambos marcado, meio dia.

Elizabeth, primeira gata a nascer, grandes lábios debaixo de nariz pequeno; Alvaro, verdes olhos mais abertos do que os demais e Eduardo, cuja cor morena, apesar de preocupar a avó Ruth, matava de inveja os que gostavam de se bronzear ao sol. Queriam todos ficar sabendo o processo pelo qual filhos apareciam na barriga de mãe para poderem nascer. Lygia tinha o hábito de passar a língua sobre os lábios quando era surpreendida por pergunta difícil, e depois de humedecê-los teve uma idéia.

Saiu da cama varrendo carpete com cauda de camisola seguida de filhos e direto foi à parede onde, indolentes, se encostavam armários embutidos. Fechou as portas que bocejavam desde a noite passada fazendo desaparecer o contraste do colorido das roupas femininas com o escuro dos ternos do marido, chamando atenção de filhos que miavam, se arranhavam, puxando mãe pela camisola; tirou a chave de uma das fechaduras guardando-a na mão esquerda e apontou para o buraco de onde a retirara, tornando a introduzi-la no mesmo lugar. A fechadura era a mulher, explicava Lygia, e o homem, a chave. Para fazer a fechadura funcionar é preciso haver uma chave. Lygia passou a chave para a mão direita e outra vez a língua sobre o lábio superior e fez as crianças sentirem a saliência na extremidade da chave; recolocou-a no buraco da fechadura mantendo aberta a porta do armário sob a pupila dilatada de olhos que não piscavam. E prosseguindo a explicação concluiu: *A chave é o homem, entrou no buraco da fechadura que é a mulher, deu uma volta dentro dela e vejam o que aconteceu: apareceu o filho, a lingueta da fechadura, escondida dentro dela...*

Mal teve tempo a mãe de suspirar aliviada quando o trem parado na estação para levar avô de volta ao Rio apitou. Ouviu-se a campainha exigindo que passageiros subissem nos estribos e se acomodassem nas cabines. De volta à casa encontrou o cunhado Alcides, chegando com a família da fazenda de Juiz de Fora para ocupar casa que fôra do avô e agora pertencia ao pai.

A família do tio era grande e ia aumentar. Alcides gordo e Guiomar deformada pela gravidez supostamente dupla. Não podia comer sal e seus vestidos leves estampados de azul não escondiam o movimento dos fetos se acotovelando, disputando lugar dentro de barriga crescendo. Olhávamos sua seriedade e ela olhava para nós com suas grandes olheiras, logo se apaixonando por Lygia que embora sua filha não fosse, tinha olhos tão tristes e redondos quanto os dela. Do ventre de Guiomar vários filhos haviam partido, bonitos, mesmo os que tinham cabelo liso; inteligentes, não tinham medo de cachorro e nos ensinaram a subir em árvores e muros altos.

Lygia aprendera a fazer tricot com a avó e sentada no chão, pés descalços e dedos das mãos que muito haveriam de crescer, teceu pé de sapatinho verde para um dos quatro pés das gêmeas que logo viriam a nascer e com as mãos que não gostavam de bonecas, segurava as recém-nascidas, dando banho em ambas. Seu corpo miúdo dobrado em dois, braços dentro da banheira branca, pernas finas do lado de fora, vestido deixando a mostra Vê de calça teimando em escorregar da cintura. Alcides, irmão do pai, passava e sacudia o peso de seu corpo em gargalhadas e à noite, depois do jantar, contava ao pai da habilidade da filha.

Um dia ficamos sabendo ter sido Alcides nomeado prefeito da cidade de Belo Horizonte; por isso teve automóvel com cadeirinha onde sentávamos com primos para passear pela poeira das estradas voltando todos com cisco nos olhos.

Pensando no irmão Jair, Alcides resolveu asfaltar a rua Pernambuco onde morávamos. Vieram homens e as pedras do calçamento, pés de moleque, foram extraídas sem dor; deram lugar à camada de cascalho massacrada por maquinária, pisoteando-a enquanto era amalgamada com betume preto cheirando a goiaba. Alcides namorava a macadame pela janela da sala de visitas de sua casa e quem o olhasse da rua veria seu queixo vermelho e duplo brilhar de prazer; descia o caracol da escada para mais se acercar da máquina em atividade e escutar seu resfolegar. Da janela do porão era cumprimentado por joelhos e barras de vestidos que passavam na altura do seu rosto barbeado, entre grades; “Bom dia, Lyginha”, respondia Alcides com brilho nos olhos. Lygia fugira de casa para ver Guiomar dar de mamar. Nunca poderia conceber não ter a mãe escondido no seio um pouco de leite para ela. Contudo, não perdeu a oportunidade de provar-lhe o gosto, quando a mulher de Paulo, irmão do pai, carregando filho vindo do interior, tirou de dentro de vestido peito entornando leite. Vendo brilho nos olhos de Lygia, perguntou se ela queria provar e mandando que abrisse a boca esguichou leite sobre a brancura de seus dentes também de leite. Só serviu para agravar em Lygia o luto por não ter mamado em peito de mãe “*A análise andou dura como pau de bison na Virgem Maria e agora só falta desbloquear os seios que pedem para serem de amante e não de mãe.*”

escrevia Lygia de Paris para Sonia.

A casa onde morávamos ficava no meio da quadra com vista para a Farmácia Neves Brito, onde comprávamos, quando não ganhávamos, pastilhas de hortelã. Era pôr na boca e parecia estar chupando o inverno.

Debaixo de alpendre delineado por trepadeira vermelha, estendia-se jardim como babador de casa. Pé de jasmim estrelava flores miúdas cujo perfume saudava visitantes e verdureiros ao passarem o portão de ferro quando não o trancavam a cadeado. Em canteiro redondo limitado por cerâmica encoberta pelo verde da vegetação, edição maior de jasmineiro erguia-se, expulsando de ponta de galhos flores sempre em botão, exalando perfume quase artificial. Era o jasmim do Imperador que tinha o apelido de Xulé do Imperador. Do lado direito da entrada pai plantara perto de muro de hera palmeira para ser vista da rua, e ela cresceu sem adubos, somente espichando o pescoço no afã de ver transeuntes admirarem-na. Encostando cabeça em piso de varanda em nível acima do jardim, pé de camélia rosa que não podíamos tocar, pois ao menor esbarrão ficavam cheias de equimose e depressa amarelavam, como se não quisesse brincar. Era onde corríamos saltando sobre costas quentes de Heráclito, sempre agachado arrancando capim, catando tiriricas e tatus fechados em bolas herméticas rolando pelo chão. Heráclito se punha de pé e disparava conosco em corridas menores do que desejávamos para que mãe não o visse com os filhos montados em suas costas, coisa proibida por ela. O jardim era então varrido e aguado. Passávamos correndo sob o jato d'água, apostando qual de nós menos molhado ficasse. Os tinhorões plantados no canteiro do centro agradeciam balançando a estampa das folhas com diamantes de água e os miosotis chamavam de maneira irreversível a cor do céu para baixo. Tudo era excitação e como se estivéssemos no paraíso, todas as regras deviam ser desrespeitadas. Subíamos no muro escondidos pela vegetação, com a boca a entornar água da torneira para ser cuspidas nos que na rua passavam e, olhando para cima, xingavam as plantas que nos tornavam invisíveis, permitindo apenas que o cacarejar de nosso riso fosse escutado. *“Estava pequenina no jardim da rua Pernambuco cheirando e enfiando flores nas ventas e de repente veio a percepção da grande mãe através do seu sexo, a abóboda celeste. Abri o guarda-chuva preto de boneca para me proteger e aí nasceu a idéia de um conto mitológico que começa assim :*

No começo do mundo era o céu um gigantesco sexo de mulher. O sol parece copular esse sexo e daí nasceu a lua. Os grandes orgasmos do sexo da grande mulher eram trovões e raios e a chuva nasceu caindo sobre a superfície onde nada existia. A terra começou a se organizar, as chuvas formaram os oceanos e o grande sexo desapareceu e o espaço foi criado...”

Carta de Lygia, Paris, 4 de abril 1974.

Lygia aprendera com os primos a fazer exercício na barra e na paralela, colocada pelo pai sobre gramado, debaixo de pé de lichia, vestindo calça de pijama sob saia pregueada, pendurada pelas pernas, cabeça para baixo, cabelos procurando centro de gravidade, Lygia virava flor de corola de xadrez, pistilo de cabelo preto e haste de flanela azul, coreografando braços e pernas, compondo figuras geométricas, desdobrando-se no espaço. Corria pelo quintal empurrando aro de aço tocado a forquilha de arame, ralando tijolo do chão. Estava na hora de largar tudo isso e foi o que fez ao tentar agarrar pluma dourada suspensa no ar e ao tocá-la já se arrependera, era taturana queimando-lhe a mão, exigindo remédio amarelo posto por cima para fazê-la parar de gritar. Junto com primos foi matriculada no Grupo Barão do Rio Branco onde estavam Beatriz e Sonia.

Médico, vizinho e amigo, aconselhou o Dr. Alexandre Drumond que a pusessem no curso Decroly, onde aprenderia a ler sem conhecer as letras nem soletrar palavras. Só depois de muito reparar no perfil da frase é que perceberia se já sabia ler.

Sentada em carteira no curso “de cor li” Lygia mantinha olhos pregados em gravura sobre cavalete, mostrando menino com pasta na mão, seguido por cachorro que corria, caminhando em direção à escola sob sombra de árvores debaixo de céu azul. Escrita se estendia a frase a ser aprendida: PAULO VAI À ESCOLA.

O olhar de Lygia preferia se fixar nas figuras coloridas. Sabia que Paulo ia à escola mas não entendia porque entender.

Paulo vai a escola, Paulo vai a escola, Paul ovai a es cola, Paul ovaiaes cola, Pa ulova
iaesco la, Paulo vai a escola, Paulo vai a escola, Paul ovai a es cola, Paul ovaiaes
cola, Pa ulova iaesco la, Paulo vai a escola, Paulo vai a escola, Paul ovai a es
cola, Paul ovaiaes cola, Pa ulova iaesco la, Paulo vai a escola, Paulo
vai a escola, Paul ovai a es cola, Paul ovaiaes cola, Pa ulova
iaesco la, Paulo vai a escola, Paulo vai a escola, Paul ovai a
es cola, Paul ovaiaes cola, Pa ulova iaesco la, Paulo
vai a escola, Paulo vai a escola, Paul ovai a es
cola, Paul ovaiaes cola, Pa ulova iaesco
la, Paulo vai a escola, Paulo vai a
escola, Paul ovai a es cola,
Paul ovaiaes cola, Pa
ulova iaesco la,
Paulo vai a
escola.

Passou para o segundo ano e Paulo nunca mais foi à escola e Lygia passou férias brincando com primos.

Trancaram-se no quarto de hóspede
fazendo coração de mãe bater, e
quando coração de mãe batia
mais depressa, pintas vermelhas
apareciam na brancura do seu
braço grosso, cuja origem não
sabiam médicos explicar nem fazer desaparecer. Havia
uma cama turca onde a mãe se deitava depois do
almoço. Embora turca, a cama não falava língua
alguma e mãe entrava dentro de si mesma e
ninguém nunca soube no que ela pensava.
Levantava-se sem que fosse esperada e antes
de subir os degraus que a levavam à cozinha,
parava para escutar o que os empregados
diziam. A cozinheira tinha voz grossa,
parecia rezar missa, e as outras res-
pondiam com voz fina. Estavam
lavando a cozinha e lá não se podia
passar. Mãe fez o percurso contrário, subiu degraus outros
que comunicavam com a sala onde todos esperavam e na
ponta dos sapatos percorreu o corredor evitando acordar
tábuas do chão. Havia um clima de pecado dentro de sua
própria casa. Colocou a orelha contra a porta, procurando
buraco de fechadura. No escuro do
quarto risos e cochichos misturavam-se
aos sussurros. Os nós dos dedos de sua
mão direita reclamaram da dureza da
porta enquanto os da mão esquerda
torciam o pescoço da maçaneta. A porta
foi aberta e debaixo das sombrancelhas
cerradas, olhos da mãe procuraram a
cama e havia indícios de que nela primos
e primas haviam se deitado; procurou as
filhas entre primos e viu que recom-
punham as saias. Temendo a resposta ao
que iria perguntar, ousou: "O que estão
fazendo aí?" Os lábios lygianos, linhas

paralelas, cresceram nas quatro extremidades e rolando olhos que diziam ambos os avós serem de sabiá, retirou debaixo de cama balão colorido mostrando barriga crescida enfiando-o debaixo da saia: Filhos. Era proibido engravidar e distribuindo beliscões, mãe foi tocar piano, de boca preta fechada, sempre à sua espera para ser dedilhado.

Passarinhos agrupados em três no papel de parede começaram a trinar avistando o brilho dos dentes do piano e a lagartixa que jamais pai deixara matar por trazer dinheiro para casa, deslocava-se de onde estivera para engolir em seco perto da peroba da porta. A música ordenhada pelos dedos da mãe corria mais do branco das teclas que dos pretos bemóis, fazendo seu busto contido por corpinho ocilar, movimentando ondas do cabelo que pai deixara cortar. Seria a beleza desprendida de sua pessoa que fazia a música bonita ou a boniteza da música que a tornava tão bela? Ignorou a mãe terem primos e primas se deitado juntos, uns sobre os outros, esperando esperarem esperar.

“Numa colina à esquerda moram 5 pequenas meninas e noutra à direita moram 5 pequenos meninos que estavam sempre infelizes por se sentirem separados por um grande abismo que havia entre as duas colinas (as colinas são os pés com os dedos). Isso foi inventado quando deitada, os pés na vertical - um dia o grande corpo se pôs de pé e as crianças ficaram radiantes pois, embora separadas, faziam parte de uma totalidade, brincaram e andaram juntas porém alternadamente, às vezes podendo mesmo se tocar quando o grande corpo colocava um pé sobre o outro”. Paris, 4 de abril de 1974.

Contudo, depois dessa frustrada gravidez, Lygia teve problemas com a barriga. Foi diagnosticada apendicite e seria operada logo que chegassem seis camisolas encomendadas compridas, ninho de abelha nas palas franzindo saias que podiam ser levantadas.

A mãe calçou sapato alto, arqueou sombrancelhas assaltada por maus presságios e passou sua beleza acompanhando pai pelo corredor, chapéu na cabeça, carregando Lygia, soltando fumaça, sem nada dizer até chegar ao Instituto de Radium.

Dr. Borges da Costa, baixo, gordo e capaz, abriu-lhe o ventre e de volta ao quarto Lygia foi impedida de se movimentar; os grossos braços da mãe, pintados de pequenas manchas vermelhas, imobilizavam-na, afagando-a, explicando serem as dores apenas a consequência de queimadura produzida pela lâmpada de Raio X.

As abelhas cloroformizadas do ninho de abelha livraram-se da pala da camisola e zumbiam nos ouvidos de Lygia, levando-a ao torpor. A dor na barriga foi virando cicatriz vermelha, crescendo até o umbigo, os pontos do corte desenhavam na pele cauda, patas e ferrão fazendo aparecer grande signo de escorpião se movimentando, prestes a atacar, todas as vezes que músculos de sua barriga eram contraídos.

A casa sem Lygia ficava vazia como uma grande boca que tivesse perdido um dente de leite.

Também ela sentiu falta de nós; logo voltou e depois do almoço quando mãe repousava livre de pintas vermelhas nos braços e filhos brigavam brincando com primos no pátio atijolado dos cachorros que não mais existiam, com o escorpião vivo e acordado na barriga, Lygia tentou aperfeiçoar o método de fazer filhos e tirando a própria roupa, a dos primos e dos irmãos, descobriu o que já fora por Eva descoberto, mas os jovens Adões desnudos no pátio onde não mais latiam cachorros, estavam mais interessados em se esguicharem água fria da torneira e nada ligaram para as elucubrações de Lygia.

Eva ficou com a patente, e a barriga de Lygia, cruzada pelo escorpião, ficou grávida de idéias concebidas no quintal de sua casa, ao som do canto dos galos, entre muros coroados de cacos coloridos de vidro.

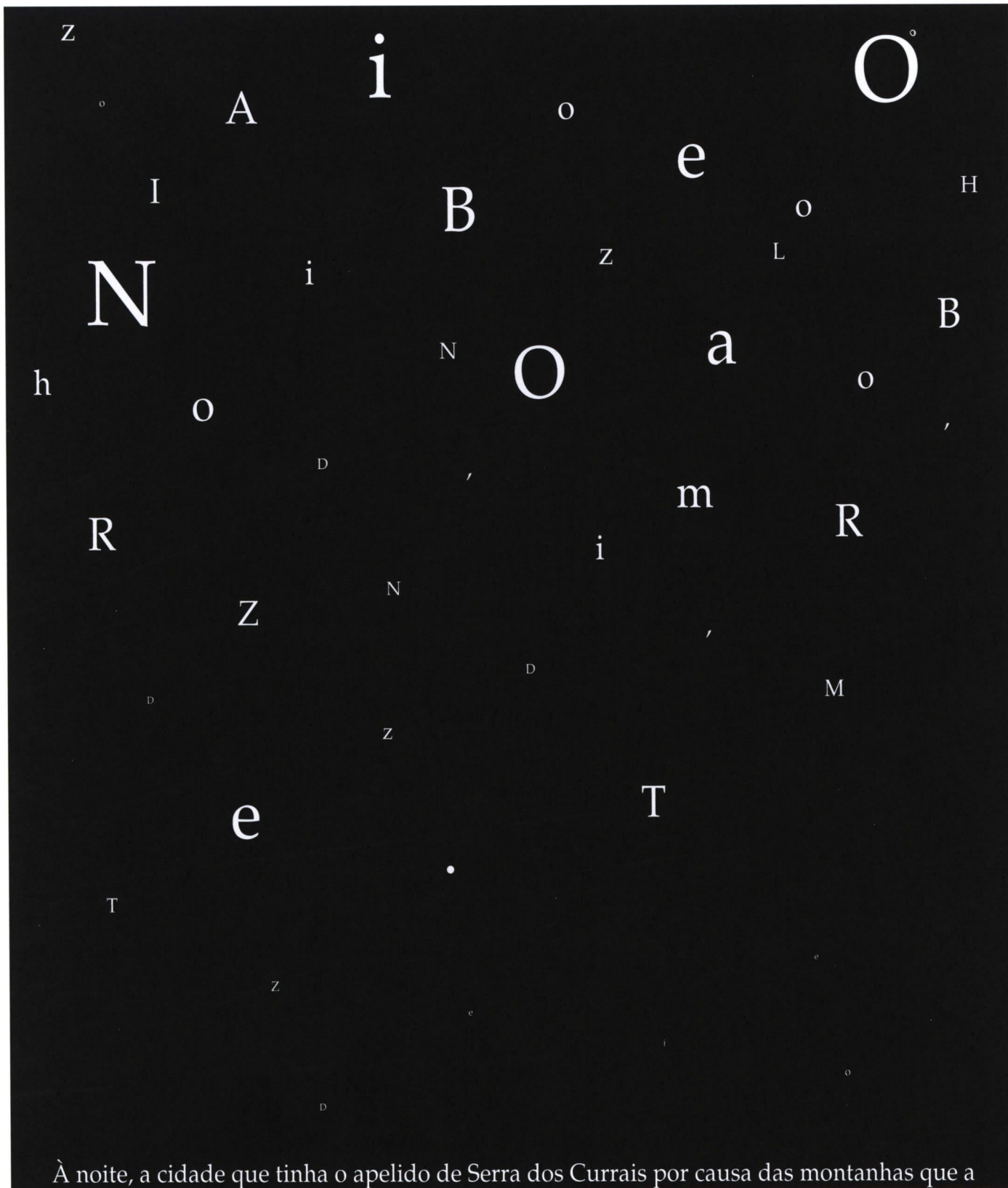
Descobriu que a essência de seu trabalho

"tinha como fundamento os culhões, matéria viva que cria."

Vestiu jovens com a cesariana, *"roupa de cujo ventre saíam frutos para serem distribuídos pelo portador, de olhos fechados, ao grupo sentado ao redor dele, também de olhos fechados, que depois da primeira mordida na fruta passava-a adiante, sem olhar a quem."*

"Agora estou pensando em fazer uma roupa com um ventre cheio d'água para o grupo da Sorbonne lavar a cara, as mãos ou beber dessa água, que tal?"

Trechos tirados de carta de Lygia para Sonia, 19 de Março de 1973.



À noite, a cidade que tinha o apelido de Serra dos Currais por causa das montanhas que a cercavam, era azul marinho quase preta. Acima da copa das mangueiras se erguendo como guarda-

chuvas contra chuva de estrelas havia lua, e quando não queria se mostrar, escondia-se, só se exibindo em noites de grande beleza ; mas poucos a viam, pois mineiros que eram, tomavam chá com canjica e iam cedo para cama para filhos fazerem. O pai exigia o que mastigar para o jantar e com maxilares de cavalo, depois de impor silêncio na hora da comida, triturava com dentes a gordura que limitava a carne, às vezes assada, com a beirada do prato. O café era servido depois de enrolado o cigarro de palha, e antes de acendê-lo sugava a quentura do café engolindo-o de um gole só. Afastava a cadeira arranhando assoalho pela manhã encerado e com a boca cheia de palavras faladas sozinho, passava pela porta da cozinha para esfregar cachaça no pescoço sem pena dos galos. Mãe também se levantava da cadeira e com o braço grosso pegava

no fino braço das filhas, levando-as para cama, ao lado de seu quarto ; rezava a Ave Maria e repetíamos o que dizia sem saber o significado das palavras, olhos colocados na barra do quarto onde tia, também Lygia, pintara figuras de bichos e bonecos coloridos.

A luz era apagada, estrelas começavam a piscar. Por vezes o sono era interrompido no meio da noite pela entrada da mãe no quarto, agitando camisola branca dentro de escuridão, gritando palavras não compreendidas, ameaçando móveis e paredes com gestos eloquentes. No dia seguinte era-nos explicado que, embora falando e brigando, estava dormindo pois era sonâmbula; e quando Lygia foi encontrada deitada no degrau da escada, soubemos a quem puxara : a mãe. Os mesmos gestos, o mesmo arregalar de olhos dentro da camisola, assombrando irmãos des-

pertados por palavras ditas em alta voz, enroladas pela língua dentro da boca. Mas quando silêncio seguia percurso sem ser picotado, olhos fechados e respiração ritmada, todos os irmãos como num balé ensaiado cresciam no escuro: as mangas amadureciam nos galhos, as jabuticabas raiavam cascas e morcegos de capa preta vinham prová-las, limpando dentes com assobios e abrindo capas terminadas em unhas, movimentando-se com pressa, assustados pelo bater de asas do primeiro galo preparando garganta para fazer dia amanhecer. Pai, pelo canto, sabia qual era o galo que acordava o dia e continuando a dormir, seu ouvido distinguia o bater de asas outras seguido do coro dos demais. Esperava mais um pouco e se levantava para amolar navalha, até conseguir com ela fio de cabelo dividir. Pensando em comprar casa do vizinho de baixo que estava à venda. O teclado da máquina Remington foi batido pelos quatro dedos do pai, dois de cada mão, com velocidade interrompida pelo tinir da campainha avisando ter o final da linha chegado; preenchendo laudas com letra de imprensa, pretas como o café servido às dez da manhã no seu escritório, enquanto descompunha clientes, Jair não podia ser interrompido antes de comprar a casa de tijolos vermelhos da esquina da rua Pernambuco com Claudio Manoel. Olhando-a pelo lado de fora ninguém diria haver no interior parede dividindo-a em duas. Vizinhos se mostravam tão próximos em janelas quase xifópagas embora não se conhecessem. Sem a mãe pressentir nós o observávamos da janela dos nossos quartos, agora no sobrado, pois o pai mandara vir

mais tijolos e construiu três quartos e um banheiro em cima do andar de baixo, onde continuava a dormir com a mãe. Da varanda da casa que acabara de comprar, já identificávamos moça sempre de penhoar, precedida por uma quase velha calçando chinelas. Através da janela víamos mesa de sala de jantar sendo posta e tirada, e de um dos quartos escutávamos choro e grito de doida escondida de todos. Lygia descobriu outro morador e se apaixonou por ele: moreno, cabelo espichado fazendo testa brilhar, à noite se vestia de branco e curvava seus vinte anos sobre grade da varanda para olhar para a rua. Lygia passou a espíá-lo sempre a mesma hora, e durante o dia aprendeu a subir no muro e lá ficava com seus seis anos deitada para vê-lo caminhar de short e sandálias pelo quintal, onde havia pé de sapoti, árvore que o pai, ao ter comprado a casa, arrependera-se de não ter deixado dentro do nosso terreno. Os olhos de Lygia cresciam mais acompanhando-o em cada passo e ele lhe dirigia sorrisos e balas sem saber ser alvo de terna paixão.

Mãe resolveu ocupar o tempo das filhas e chamou professor de piano. Filhas eram obrigadas a tocar todos os dias, sobre banquetta rolante, exercícios de escalas. Se tocássemos depressa a hora passaria mais rápido, mas a mãe tudo escutava e chegava para torcer orelhas e passávamos a tocar mais devagar. No chão da sala onça dormitava em pêlo, debruçando manchas pretas e amarelas no assoalho, patas empalhadas escondendo unhas, olhos fixos de vidro, dentes não escovados deixando língua de fora que tirávamos e colocávamos vermelha dentro da boca, antes que pai chegasse, mas quem chegava era o professor seu João Mendes, cansado de nós.

Diana, estátua caçadora de pé sem estar de castigo, obrigada a nos escutar tocar, no canto da sala, esticava arco e peitos de aço onde mamávamos nas poucas vezes que pais iam ao cinema. *“Enfim alguma coisa acontece nesse mundão louco meu, vida e amor”*, dizia Lygia em carta para Sonia em 11-4-1973.

Lygia crescia tentando alcançar Sonia e parecidas gostavam de enganar vizinhos sempre querendo saber quem era Lygia e quem se chamava Sonia ; respondiam trocado, Lygia querendo ser Sonia, Sonia querendo ser Lygia. Beatriz, olhos azuis, não era confundida nem com Francisco nem com o pai ; estava se formando no Grupo Barão do Rio Branco e fazia parte do balé que ia se apresentar na festa de formatura no Teatro Municipal.

Mãe tivera o cuidado de encomendar vestido novo do Rio e ao abrir a caixa do correio teve decepção. Não era o que esperava, não gostou do feitio, da cor cinza da renda, dos botões prateados. Experimentou-o e o espelho concordou com ela. Vestiu-se com outro e deixou vestido novo pendurado no armário e saiu com os olhos azuis de Beatriz pois a festa não podia esperar.

Lygia e Sonia abriram a porta do armário depois de terem fechado a do quarto e meteram-se dentro da renda cinza do vestido enquanto Beatriz, no palco, dançava frufuzando saio azul. Sonia e Lygia passaram pelo mesmo decote cabeças de pretos cabelos ; os quatro braços morenos procuraram o caminho das mangas compridas e ao olharem-se no espelho eram uma única pessoa contida pela transparência da renda. O espelho ria para elas, Lygia e Sonia riam para ele.

Beatriz em ponta de pés deslizava em palco remando no espaço. Dentro do vestido, cujo comprimento fazia cauda no chão, Lygia Sonia Lygia sacudiam-se em risadas ; lágrimas brotavam-lhes dos olhos e o ser de duas cabeças, quatro pernas e quatro braços jogou-se por terra, urinando no vestido cinza, cuja renda começara a rasgar.

Beatriz no palco abaixou o círculo azul do frufu até que ele atingisse posição vertical e sorriu para a mãe que a aplaudia da platéia.

Sonia e Lygia, desembaraçadas das rendas rasgadas do vestido, conduzidas para a cama sem jantar e sem sobremesa, vergões colorindo braços, pernas e coxas, agora separadas pela violência materna, foram dormir apartadas, cada uma em seu quarto.

De Paris, Lygia escreveu para Sonia :

“Estou com mais de 25 alunos em cada curso da Sorbonne ; vivências incríveis ocorrem quando cobertos fazem o corpo coletivo. Envoltos em papéis, ligados pelas mãos e pés, começam a cantar, gritam e riem às gargalhadas, e quando faço um barulho que é vivido como perigo, sentem-se seguros por se darem as mãos e quando algum deles sai do grande corpo, têm medo e se sentem como se estivessem sendo rasgados.”

"Estou com mais de 25 alunos em cada curso da Sorbonne; vivem as mãos e quando algum deles sai do grande corpo, têm medo e se sentem como se estivessem sendo rasgados." "Estou com mais de 25 alunos em cada curso da Sorbonne; vivem as mãos e quando algum deles sai do grande corpo, têm medo e se sentem como se estivessem sendo rasgados."

Envolto em papéis, ligados por se darem as mãos e quando algum deles sai do grande corpo, têm medo e se sentem como se estivessem sendo rasgados.

Envolto em papéis, ligados por se darem as mãos e quando algum deles sai do grande corpo, têm medo e se sentem como se estivessem sendo rasgados.

Envolto em papéis, ligados por se darem as mãos e quando algum deles sai do grande corpo, têm medo e se sentem como se estivessem sendo rasgados.

Envolto em papéis, ligados por se darem as mãos e quando algum deles sai do grande corpo, têm medo e se sentem como se estivessem sendo rasgados.

Envolto em papéis, ligados por se darem as mãos e quando algum deles sai do grande corpo, têm medo e se sentem como se estivessem sendo rasgados.

crescia conosco a cidade de Belo Horizonte.

Avô Lins vinha todos os anos para fazer o curso de carnaval, com netos fantasiados, de tamancos holandeses machucando pés, satanás vermelho de cetim cujo rabo não mexia, ou cobertos de penas de organdi amarelo, transformados em canários que não cantavam. A fantasia de Lygia sempre igual a de Sonia e riam todos quando avó Lolô gritava segurando o frio do lança-perfume rabiscando-lhe as pernas, cuja beleza Lygia já notara antes de todos.

Avô Pimentel, trabalhando por Minas, tinha sido nomeado Reitor da Universidade. Contrariando alunos a quem o governo de Minas, em decorrência da Revolução de trinta permitia passarem por decreto, Mendes Pimentel exigiu que fizessem os exames pois para isso deviam estar preparados. Ao discursar defendendo seu ponto de vista foi alvejado por pedrada na imensidão da testa suportada pelo grande nariz aquilino. Ouvia-se um tiro e um dos estudantes morreu, atingido por bala perdida disparada de arma acionada por Roberto, seu filho, em defesa do pai.

Mendes Pimentel teve a casa guardada por cavalaria e antes de virar as costas e pôr a língua para o Estado, avô Pimentel não escondeu sorriso no brilho verde dos olhos ao ver Lygia, vestindo saia que não escondia a finura das pernas, montada em cavalo branco do exército, puxado pela rédea por soldado fardado, desfilando no passeio como filhote de Joana D'Arc.

A pedrada na cabeça do avô afetou a cabeça de todos nós.

A mãe passou a suspirar mais alto, pai levava mais tempo no banho antes do jantar e quando saía do banheiro era galo de duas cabeças e dois pescoços vermelhos e bicos que falavam sozinhos, um em francês, outro em português, sem querer sair de Belo Horizonte para seguir a família da mãe que havia se mudado para o Rio.

Não mais era preciso impor silêncio na hora das refeições. O apetite sumira da boca de todos exceto da boca do pai. Depois de ter lavado as mãos discutindo com água e sabão, atravessava o corredor tirando as pessoas da frente, afastava a cadeira da mesa, sem olhar para ninguém.

A mãe fingia comer uma alface, Beatriz tinha dificuldade em engolir pílula, a comida era deixada no prato, só Francisco comia tudo para tudo vomitar depois.

A medida que pai matava a própria fome e a dos outros, crescia a cólera dentro dele avermelhando-o como um galo de briga. O silêncio era interrompido por um dos filhos com um engasgo provocado pela tentativa de conter o riso, sem conseguir porém segurar os ombros que subiam e desciam, antecipando eclosão de gargalhada, liberada no corredor depois de expulso da mesa levando prato na mão para comer na cozinha.

Muitas vezes mãe se juntava à nós, mãos húmidas de suor, rindo de pai, fugindo pelo estreito corredor. Avó e avô na mesa ficavam sozinhos como casal de mudos periquitos e quando o pai arrastando cadeira saía carregando pasta, cigarro aceso incendiando olhos azuis, voltávamos todos às gargalhadas para comer a sobremesa que avó Lolô nunca deixava faltar.

O pai comprou sítio e antes de ter sítio comprado, comprou carro com estribo. O sítio não tinha nada e o pai foi fazendo tudo. Fez crescer a casa do administrador e debaixo dela não se esqueceu de cavar adega. Iamos lá todos os dias para subir e descer morros, comer abacaxi e ver a piscina ser construída. Serpenteando como um grande S, calçada de lajes deixando água passar debaixo de ponte para mais longe virar viveiro de carpas. Quando ficou pronta, pai mandou que ficássemos só de calças e pulássemos na água que corria barulhenta. Lygia e Sonia ficaram surpresas, não sabiam que sabiam nadar. Jogando braços e batendo pernas eram duas cachorrinhas que sacudiam a cauda de uma margem à outra. O pai fingia não estar admirado. Olhou para Francisco apreensivo quanto a sua performance e aliviado ficou quando o viu fazer o mesmo. Seu olhar procurou Beatriz e ela e a mãe se limitavam em segurar nas bordas da piscina e a baterem pernas até pai desistir de fazê-las nadar; ambas preferiam afundar. Todas as tardes tinha a mesma briga enquanto nós outros pulávamos da beira da piscina onde Beatriz e mãe se agarravam, mostrando mais medo da água do que do pai. Às vezes a situação se resolvia por si mesma, como no caso de uma cobra, de cabeça fora d'água como se não quisesse cabelo molhar, aparecendo verde para conosco nadar. Fomos evacuados pelos gritos do pai e a cobra, cabeça erguida, passou a cor por baixo da ponte sem mesmo dizer adeus.

Mas deve ter contado para o jacaré, pois dias depois o administrador, embora tivesse bebido, jurava ter visto bicho com pele de crocodilo fazendo água balançar.

A piscina foi interditada, o que muito alegrou Beatriz e a mãe, e pai foi pôr munição na espingarda. Mas o jacaré ficou muito tempo escondido só aparecendo quando a tarde virava noite, mesmo assim fazendo questão de permanecer incógnito. O pai com paciência e cigarro de palha na boca, ficou escondido como o jacaré, agachado com a espingarda dormindo no colo. Não mexia nem mesmo picado por mosquito e quando o jacaré incauto permitiu aos seus olhos brilharem fora d'água, bala ligeira foi se alojar entre eles. Com a cauda ainda protestando, jacaré morto foi descourado, sua carne branca temperada e posta na panela sobre fogão quente de lenha. O pai comeu, mastigando com maxilares fortes, mesmo achando ruim, a mãe não quis provar e quem acabou comendo tudo foi seu Sérgio e sá Rita, com narinas dilatadas e barriga roncando na cozinha.

Lygia terminara o curso primário e fantasiada de cigarra, sacudindo grandes asas verdes, cantava na festa de formatura enquanto formiga varria a casa. Para não desafinar a cigarra dobrava a perna para trás e segurando o pé com uma das mãos, pendulava o verde corpo marcando o compasso. Foi aplaudida por todos de pé. A costureira foi chamada afim de tirar medidas para fazer o uniforme do colégio Sacre Cœur de Marie; miúda ficou Lygia entre pregas da saia azul que se abriam todas quando corria e rodopiava, pés soltos no ar, mãos agarradas às colunas de ferro que sustentavam a cobertura do corredor ligando dois pavilhões.

À tarde voltávamos para casa onde nem sempre tínhamos vontade de entrar, a mãe mandando tirar o uniforme, enquanto preferíamos com ele brincar.

No quintal as parreiras se curvavam sob peso colorido das uvas. As galinhas do pai levantavam vôo pequeno, pousavam no chão engasgando com bico cheio de uvas. Foi preciso fazer a remoção de todas elas para a horta, agora do pai, da casa de tijolos vermelhos. Lygia e Sonia voltavam do colégio e hesitavam em trocar os uniformes e só depois de muita insistência da mãe, subiam escadas em direção aos quartos do segundo andar acrescentado à casa. A noite começava a baixar e o medo subia pisando calcanhares, escalando degrau por degrau até que irmãs chegassem aos quartos; sombras passeavam pelas paredes. Unhas roídas eram cuspidas esperando coragem para olharem debaixo de babados de colchas. Era um alívio frustrante nada encontrar.

No dia seguinte o mesmo medo as esperava pendurado no pé direitíssimo dos quartos cujas janelas crescidas eram gradeadas de preto. Quando não havia visitas na sala de espera era pelo corrimão que desciam e o medo sabia esperar até a hora de deitar.

Lygia era dona de penteadeira que ocupava toda a frente de seu quarto. Era um puff no qual se sentava diante do espelho olhando o cabelo escorrido e imaginando torná-lo cacheado colocava rolinhos de metal sobre as orelhas, impedindo-a de dormir, até que cabelo revoltado começou a cair; Lygia era recompensada quando pela manhã ao chegar ao colégio, pediam as colegas que as penteasse e até Carolina, a professora, entrava em seu quarto enquanto Lygia ainda dormia; soltava o coque fazendo barulho para acordá-la e Lygia, de camisola, cada dia lhe repartia o preto cabelo em linhas orgânicas nunca antes traçadas, dividindo em capitânicas o cabeludo couro de Carolina, permitindo-lhe sair direto das aulas ministradas para namorar. Lygia tornava a se deitar com ar cansado e às vezes redormia esquecendo-se de reclamar.

No colégio Lygia não olhava as colegas, nem as professoras, nem o quadro negro. Podia até pensar que fosse branco. Ganhava sete em comportamento e isso lhe bastava. Abaixava a cabeça em cima da carteira e desenhava. Chegara a sua vez de apresentar uma tese cujo assunto competia a ela escolher.

O pai, mesmo fazendo economia, comprava livros para os filhos; voltou do trabalho trazendo dezoito volumes do Tesouro da Juventude. Depois de repassar páginas para frente e para trás, Lygia decidiu fazer a monografia sobre as funções do corpo humano coordenadas pelo cérebro. Encheu de palavras páginas munidas de ilustrações mostrando avesso de corpo como numa construção de vários andares; o título seria o mesmo dado pela Juventude do Tesouro: "A CASA DO CHICO". Lygia, seduzida pela matéria, ampliou ilustrações carregando nas cores para serem vistas de longe, escreveu texto arredondando letra e tão certa estava do sucedido que esqueceu de roer as unhas antes de galgar o estrado.

Com o rolo de papel nas mãos surpreendeu-se ao dizer o nome da monografia: além de mostrarem espanto, as colegas contorciam-se em risadas. As irmãs deixaram de dedilhar terços pedindo silêncio e os olhos de Lygia percorriam a sala de aula, a procura do que havia para rir e as gargalhadas se alastrando competiam com o soar da campainha sacudida pela mão da freira.

Lygia repetia o nome da monografia: A CASA DO CHICO!

O riso se transformara em epidemia e não havia quem dele se livrasse.

Na casa coberta de hera onde morava, atrás do preto portão que a separava da rua, só a empregada apelidava menstruação de Chico.

Um sorriso teimava em levantar os cantos dos lábios da freira, quando sem nada explicar disse à Lygia que fizesse outro trabalho sobre assunto qualquer e costas virando foi se benzer na capela. Lygia chegou em casa economizando palavras, a idéia do corpo invadindo a própria cabeça: A CASA DO CHICO, A CASA É O CORPO, O CORPO É A CASA e em 1968 desovou uma série de trabalhos que nascera na casa do Chico décadas antes.

A nostalgia do corpo se manifestou no Labirinto, "*onde o homem encontra o próprio corpo através de sensações táteis realizadas em objetos exteriores a si.*"

As máscaras sensoriais onde a cor e o som, produzidos por diferentes materiais colocados na concha do ouvido, junto a fragrâncias postas debaixo do nariz fazia com que as percepções táteis fossem aguçadas e percebidas como pela vez primeira.

Abrindo o volume dezoito do Tesouro da Juventude, Lygia procurou no Livro dos Porques o motivo das risadas provocadas pela sua monografia. O livro nada sabia e folheando outros volumes decidiu fazer a nova tese sobre o Bicho da Seda.

Subiu ao estrado do Clube de Ciências do Colégio Sacré Cœur de Marie e sob o braço, rolo de papel de onde voavam borboletas desenhadas; começou descrevendo o acasalamento com machos mais bonitos do que elas, de cujas barrigas planas se desprendiam presilhas para manterem fêmeas unidas a eles durante o vôo nupcial; depois soltavam-nas prenhas sobre hastes de plantas, aptas a

de-
sova-
rem e en-
quanto não
o faziam, expe-
liam cheiro que
impedia outros aca-
salamentos. O ovo se
mantinha fechado de três
a cinco dias, e larva minús-
cula irrompia, devorando o
que encontrava pela frente. Em
duas semanas a larva aumenta
quatro vezes seu tamanho e come-
ça a metamorfose em borboleta.
Esconde-se debaixo de galho e tece
fronha de seda na qual se fecha, cabeça
para baixo, até que fronha esticada arreben-
te. Dentro da cabeça de Lygia Clark vem a idéia
de arrebentar a moldura do quadro e passar a
integrá-la na superfície pintada. A pele arrebentada
da larva se solta. Algumas caem no chão enquanto
outras permanecem presas às teias e são chamadas crisá-
lidas. Ali ficam penduradas até que a pele nova endureça.
Passou Lygia Clark a construir planos justapostos, até chegar
às constelações suspensas à parede, no dizer de Mário Pedrosa,
aos contra-relevos em que um plano básico de superfície permite
que sobre ele se ergam desdobramentos planimétricos. A crisálida
sofre modificações hormonais, torna-se adulta. A pele seca se despren-
de da borboleta em transformação e cai. O invólucro se rompe e a borbo-
leta acabada emerge. Clark passa a nomear suas superfícies moduladas que
se distanciam da parede de casulos, e diz que seus bichos, como se dá com os
casulos de verdade, caíram da parede ao chão. Libertada do casulo, a borboleta cai,
asas fechadas em prece, dobrada em plano único. Começa a exercitar-se para o pri-
meiro vôo, move a asa que forma o plano de cima e é como se uma dobradiça a ligasse
ao corpo. Quando se ergue do chão, a borboleta está pronta para voar. Também os bichos
de Lygia Clark, lepidópteros, se mais houvesse investido neles, teriam levantado vôo.

Usan-
do lápis de
cor, Lygia começou a
desenhar rostos femininos
copiados de capa de revistas, o que
encantou o pai mais pela beleza das mu-
lheres do que pela habilidade da filha. Estimula-
da, Lygia não fazia mais cópia, desenhava a irmã Sonia
e coloria com uma profusão de matises em forma de charuto,
estendidos em fundo de caixa que ao abrir parecia arco-iris deitado ;
o pai lhe dera de presente todas as tonalidades de pastel. Lygia continuava no
colégio e no meio das colegas escolhera uma amiga : Marilda Salles. Marilda morava
na rua Paraíba perto da Pernambuco e quando Lygia acabava de almoçar chegava Marilda
de pasta para irem juntas de automóvel para o Sacré Cœur de Marie. Ao voltarem Marilda troca-
va o uniforme por vestido estampado e às vezes jantavam juntas, olhos verdes caindo em prato de sopa
tal era a timidez que dela se apoderava. Mal cruzavam os talheres, Lygia propunha e Marilda aceita-
va uma volta de bicicleta alugada na Praça da Liberdade, e antes do pai fechar o portão chegavam,
Marilda mais corada, Lygia pálida, ambas com joelhos esfolados. Voltavam às aulas no dia seguinte :
havia canto orfeônico. Todas as classes dispostas em semi-círculo, soprano e contralto, obedecendo
a sinalização da professora, entrando e saindo da melodia. Dona Bebê babando com a afinação e
docilidade auditiva das alunas. Terminada a aula, limpando garganta e testa, dona Bebê chamou Lygia
e disse querer ser retratada por ela ; esperaria as férias para começar a posar pois era quando podia
manter a boca fechada. Depois do almoço aparecia na sala de jantar, depois de mesa tirada e farelos
varridos do chão, Dona Bebê : bastante vermelho nos lábios, sempre de preto vestida, cabelos sobre
pilotis ; sentava-se cruzando as pernas diante de Lygia que rabiscava papel. O retrato exigiu várias poses
para que as maçãs do rosto de D. Bebê pudessem luzir e seus olhos achinezados parecessem
estar mergulhados nas ondas de uma valsa. E Lygia ergueu no ar a sua dona Bebê saindo branca
de decote preto, braços nus cruzados abaixo da opulência do busto e colocou-a sobre a etagère para
que a outra pudesse contemplá-la. Estavam ambas as Bebês idênticas. Sem um comentário a original
pediu crayon e antes que a pudessem deter, desenhou no retrato que a olhava longas e negras
pestanas arqueadas. Sairam juntas as duas donas Bebês e nunca mais voltaram, deixando Lygia perplexa.

Esther e Mocinha, ambas tias de Lygia, eram anti-gêmeas, de tal maneira haviam nascido diferentes uma da outra. Esther, mais velha, baixa de cabelos e olhos escuros, era comunicativa, gostava de amigos e crianças. Mocinha, não tão baixa quanto Esther e mais gorda do que esta, tinha nariz arrebitado, olhos azuis e gostava de velhas. Esther cortava moldes de roupa sem medo de errar e desenhava diretamente nos lençóis e fronhas flores e monogramas para serem bordados. Mocinha não se atrevia a tanto e usava riscos e papéis carbono. O nariz de Esther era feio e ela teria capacidade de melhorar-lhe a forma diante do espelho usando tesourinha, mas a vaidade de que dispunha não a levou a tanto. Ambas falavam fino e riam desprezando bandeiras. Não se casaram. O pai, Edmundo Lins, vigilante dos bons costumes da família, jamais consentiu que namorassem no portão. Todas as moças já haviam adotado essa prática e haviam se dado bem. Em compensação era como se tivessem casado e concebido: tomavam conta de casa e do dinheiro, e cada uma pegou criança para criar, filhos da madrasta Lolô, cujo ventre procedia como as fazes da lua, crescia e minguava. Esther, a mais velha, ficou com Miguel o penúltimo e Mocinha pegou David, o último a nascer. Faziam ambas roupas e tricots para confeitá-los, iam à missa aos domingos e sempre que iam às compras bebiam chá na cidade, Esther omitindo o açúcar e Mocinha dele se servindo. Falavam alto e sabíamos que não estavam zangando quando escutávamos gargalhadas pontuando o final das frases. Gargalhadas transmitidas geneticamente a todos os filhos do ministro Edmundo Lins, que as deixava escapar da boca como se estivesse cantando ópera, o que pouco acontecia quando não era tempo de férias. Lygia reparava no movimento dos vinte dedos das quatro mãos das duas tias quando costuravam e assentada no chão ajudava-as a desmanchar e alinhar costura e pregando botões e furando dedos sem dedais já cortava dentro da cabeça moldes de roupas corpos roupas e cesárias, e enquanto não as executava serzia com prazer as meias de tios deixando-os a imaginar haverem colocado próteses nos calcanhares furados. Lygia começara a crescer, mais um ano seu busto iria se desenvolver com impaciência e a cintura em contrapartida passaria a diminuir até atingir 52 centímetros. Seus olhos mantinham pálpebras abaixadas. Lygia olhava para dentro do decote de sua alma. *“Penso na geografia do corpo onde costuro roupas (malhas) de cores diferentes onde todos entram e fazem um todo. Meias e luvas costuradas em diferentes direções para ligar as pessoas.”* Fazer de dois um multiplica o riso, disse a agulha ao tecido.

Caminhando pela estrada que ligava a casa do sítio à usina promessa feita à mãe de não passarem além da curva primeira e da estrada as fazia desenhar com os passos a parte de baixo. Queriam chegar ao cano obeso levando água para casa, ambas quase decifrável. Subiram pelo lombo do encanamento de volta, correndo. Único pé de bambú plantado pelo pai do em direção ao azul do céu, segurando barranco. Cami e luz, Lygia refugou: sentira o peso de alguma coisa viscosa cair nado por beijos verdes, caminhando em direção aos dedos, acionava listras verdes-vermelhas esticando e encolhendo à fomos examiná-la no chão. Tinha se multiplicado em legiões a copa das árvores. Levantamos os olhos para saber de onde nossas cabeças, depilados, a folhagem substituída por lagartas bendo verde que ainda restara. Fugindo Lygia e Sonia viram do mancha verde no chão e à noite chegaria o pai, pousando no o aparecimento e desaparecimento das lagartas. Mas pai desceu rer interromper os pensamentos que lhe escapavam da boca filhos exortando-os: sai da frente, sai da frente! Saltara do pulara a janela. Era hora do jantar e sopa fumegava em pratos expulsando escuro de dentro de casa e a sopa, vesúvio-líquido, pré-histórica usando tamanhos e formas diferentes, pretos e

fornecedora de força e luz, Lygia e Sonia quebraram a pro-caminhando continuaram por curvas outras, cuja estreiteza de um ésse, para logo adiante completá-lo numa volta contrária e escutar o barulho da turbina poliglotoando linguagem para equilibrando corpo para não caírem e depois fariam o cami-se multiplicara em centopéias, semi-careca de folhas, subin-nhando na dianteira, perto do grande falus condutor de água no seu braço. Era uma lagarta-rosca sanfonando corpo termi-movimentando pares de pés com a precisão de um exército; medida que avançava. Com um grito Lygia sacudiu o braço e igualmente listradas de vermelho-verde, fazendo trânsito sob chegavam e demos com braços de grandes árvores abertos sobre percorrendo com o acordeon dos corpos, ramos pelados, lam-que debaixo de seus sapatos algumas se espinafraram deixan-banco da varanda pasta cheia de autos, daria explicação sobre do carro com o olho azul desbotado de preocupação sem que-em diálogo solitário e, interrompendo a si mesmo, afastava os céu a noite e se debruçava felina sobre a casa onde escuridão fundos aspirada pelas ventas do pai. Luzes foram acesas queimava gargantas em silêncio. Insetos chegavam da noite cintilantes, rotundos e cubistas, batendo entretelas de asas,

voando rasante sobre cabeças, borborinhando ruído de metais na grotta dos nossos ouvidos. Colheres eram abandonadas no lago amarelo da sopa e gestos eram feitos para enxotá-los. O pai não tinha medo e se enfurecia com o pânico dos outros; capturava os bichos sobre o branco da toalha, aprisionando-os debaixo de copos enquanto mastigava pão com raiva. Janelas eram fechadas por braços desdesodorantados de empregada convocada pela campainha. A sala estava invadida por insetos de densidades e cores diversas, embaraçando no brilho preto sacudido pelo medo dos cabelos de Lygia, manifestando sobre suas costas quando menos eram esperados, fazendo com que ela os diferenciase dos demais, pelo grau de temor transmitido, pelo peso, forma e gênero. Lygia estava certa que o inseto que nela pousara ao cair da cama, meio século depois,

era macho.

OS BICHOS

É o nome que dei às minhas obras, pois suas características são fundamentalmente orgânicas. Além disso a charneira de união entre os planos me faz lembrar de uma espinha dorsal. A disposição das placas de metal determina as posições do BICHO, que ao primeiro golpe de vista parece limitado. Quando me perguntam quantos movimentos o Bicho pode efetuar, eu respondo: "Não sei nada disso, você não sabe nada disso, mas ele sabe.". Os Bichos não têm avesso. Cada bicho é uma entidade orgânica que só se revela totalmente no seu tempo interior de expressão. Ele tem afinidade com as conchas e os mariscos.

É um organismo vivo, uma obra essencialmente ativa. Uma integração total, existencial, estabelecida entre ele e nós. É impossível entre nós e o Bicho uma atitude de passividade, nem de nossa parte, nem da parte dele.

O que se produziu é uma espécie de corpo à corpo entre duas entidades vivas. Na realidade, trata-se de um diálogo em que o Bicho reagiu graças a um círculo próprio e definido de movimento às estimulações do espectador.

Esta relação entre obra e espectador - antigamente virtual - torna-se efetiva. O Bicho não se compõe de formas independentes, que poderiam fazê-los evoluir indefinidamente, a seu bom grado, como um jogo. Ao contrário: suas partes jogam harmoniosamente umas contra as outras, como num verdadeiro organismo. Uma interdependência existe entre as partes quando elas estão em movimento. Nestas relações entre o Bicho e vocês há dois tipos de movimento. O primeiro puramente exterior, é o que vocês fazem. O segundo, o do Bicho, é produzido pela dinâmica de sua própria agressividade. O primeiro movimento que vocês fazem, nada tem a ver com o Bicho - pois não lhe pertence. Em compensação, a conjugação de seus gestos associados à resposta imediata do Bicho cria uma nova relação, e isto só é possível em razão dos movimentos que o Bicho sabe efetuar por ele mesmo: a vida própria do Bicho.

Arte Contemporânea Brasileira (Funarte), pg 17.

Havia um casal de armários medindo mais de dois metros e meio de altura no quarto onde dormiam pai e mãe. O armário do pai, nada maior do que o da mãe, não tinha espelho na porta e o outro, mais robusto do que o do pai era fechado por porta de espelho, cuja função era mostrar corpo inteiro de mãe, mesmo usando sapatos de salto e plumas na cabeça. Lygia se sentia atraída pela majestade desse armário. Chamava Sonia, ambas tomavam posição de cada lado da porta e, sustentadas por uma perna, montavam com a outra na superfície espelhada, deixando refletir um único braço e mantendo as bochechas coladas no espelho mudavam a posição de braços e pernas fazendo com que a imagem duplicada de cada uma parecesse suspensa no ar. Lygia gostava de repetir essa brincadeira e não se cansava dela. Havia uma magia escondida no espelho que a intrigava. Esperou 1969 para conseguir exorcizar do corpo a *“fantasmática do espelho, na fase sensorial denominada Nostalgia do Corpo. Entre as máscaras criadas, a última a ser feita era uma capuz preto escondendo o rosto de quem a usasse. Dois buracos redondos foram abertos para que os olhos pudessem enxergar diante deles um espelho virado para o interior, obrigando a quem a usasse encarar-se provocando uma sensação de introversão e dissociação.”*

Esperávamos a mãe sair e abríamos a porta do guarda-roupa, preocupados com o barulho causado pelo deslocamento, rangido alto como um rinchar de jumento. Lygia puxava a gaveta de luvas e com o sopro incutia alma dentro delas e se concentrava nas formas que tomavam. Seus olhos mais abertos Clarkisaram essa experiência numa obra que consistia no uso de luvas de diversos materiais, tamanhos e tipos para tentar pegar bolas de dimensões e texturas diversas. Após combinar todas as variações utilizando luvas grandes para apanhar bolas pequenas, Lygia retirava a luva e segurava a bola normalmente e pontificava: *“Este renascimento do tato é sentido como uma alegria, como se a pessoa estivesse vivendo novamente a descoberta do próprio tato.”*

As luvas foram recolocadas na gaveta do armário da mãe, esvaziadas do sopro de vida de Lygia, recebendo dela um epitáfio: *“Vazio pleno, no mesmo momento de existência começa a desaparecer. Só o instante do ato é vida.”*

Seu olhar voltava aos objetos e sombras decorrentes deles e quando o pai em momento de bom humor ensinava projetar figuras de cabeças de animais moldadas com as mãos e dedos se movimentando contra a luz estampando parede de quarto, Lygia arquivou-as dentro dos cinquenta e seis centímetros de sua cabeça e em Paris, na Avenida Kleber, passando pelo corredor onde o sol entrava para se olhar no espelho da chapeleira cujos cabides eram usados para pendurar molduras, Lygia deparou com sombras desenhadas nas paredes construindo figuras geométricas. Foi em busca de material e resgatou formas estruturadas em branco, cinza e preto que subiam e desciam diagonais no retângulo de papel manuseado por ela. Descobriu ao mudar a posição das molduras penduradas por barbantes em cabides novas projeções de desenhos abstratos. Foram por Lygia capturados e vendidos ao serem mostrados na sua primeira exposição individual no Brasil (Ministério da Educação do Rio de Janeiro em 1952). *“Começo a sentir o vazio da forma. No balé neoconcreto, o instante mais impressionante para mim foi quando a unidade quadrada se deslocou do fundo e foi se fazendo nítida e iluminada. Houve um momento que era o vazio dela mesma, e eu vi o recorte dela no espaço.”* 1959.

“Inventei uma outra proposição: diante da minha sombra projetada numa parede, faço gestos com bastante tensão como se empurrasse partes do meu corpo. Depois vou me abaixando e a sombra projetada vai se deformando; quando me dobro em duas no chão, a sombra e eu formamos uma poça d’água no chão. É gozado como se estivesse experimentando as articulações do meu corpo depois de recompô-lo e sair para o espaço real.”
Carta de Lygia para Sonia, 4 de Janeiro de 1973.

“O papel do artista é dar ao particip ante o objeto que em si mesmo não tem importância e que só virá a ter na medida que o participante agir. É como um ovo que só revela a sua substância quando o abrimos.”

Uma das alegrias que tinham os irmãos era quando na rua calçada com pé-de-moleque passava um burrico branco, puxado por seu Belarmino, debaixo de grande feixe de cana. Seu Belarmino subia a rua Pernambuco gritando e empregadas e patroas corriam esperando que ele parasse nos portões apregoando: “cana-de-açúcar !”

A mãe tinha sempre dinheiro para comprar uma porção delas.

Seu Belarmino morava longe e quando subia a rua, às vezes já era tarde, e a mãe não queria que as canas fossem descascadas. Tínhamos que dormir sonhando com elas, os quatro filhos fechados nos três quartos de cima. Apostávamos qual de nós acordaria primeiro para poder descer as escadas e embaixo escolher canas, bengalas verdes cheias de nós.

Lygia, a primeira a se levantar, se colocava de perfil contra a fresta da porta, não consentindo a nenhum irmão passar a sua dianteira. Olhos grandes fixos na fechadura, esperava a chave da mãe que vinha os filhos tirar da cama, fazendo desaparecer a lingueta de metal, o que mantinha as portas em par fechadas durante a noite. De ouvidos em pé e dentes à mostra, Lygia defendia sua posição e ao pressentir a chave no buraco da fechadura, com os músculos tensos impedia aos irmãos de a sobrepujarem. Acabavam empurrando mãe cujos dedos estavam preparados para beliscar. Aconteciam tombos pelas escadas e chispando pelo corredor chegavam à cozinha, onde atrás da porta canas-de-açúcar tinham passado a noite. Antes das empregadas começarem a descascá-las era preciso tomar mingau cheio de nata, impossível de descer pela garganta. Em vez de chupá-las, queriam irmãos primeiro cavalgá-las pelo quintal, cada um tinha cabresto de barbante feito pelo pai. Desciam irmãos os degraus da cozinha, equitando canas-de-açúcar. Os tijolos estavam riscados com um traço único, não interrompível e brilhante. O traço se estendia espreguiçando o brilho sobre a aspereza do chão com uma continuidade eterna. Os cavalos de cana foram freados e os cabrestos de barbante feitos pelo pai, abandonados. Os irmãos com os olhos e joelhos dobrados seguiam o percurso do brilho em trilho, evitando colocar as alpergatas sobre ele. Passaram pelos canteiros de couve e não viram o orvalho sobre elas, passaram por repolhos a repolhar, taiobas e couve-flor que mal cheiravam, e o trilho com seu brilho prosequia caminho e quando chegavam ao canteiro de espinafres, lá estava a benfeitora, lesma cor de rosa, cheia de chifres e orelhas seguindo seu caminho sem olhar para trás. A mãe mandou que lavassem o chão e tudo desapareceu como num sonho, ficando apenas a mania de Lygia de “sair na frente”...

Mas tudo recomeçou “a partir de um sonho que passou a me perseguir o tempo inteiro. Eu sonhava que abria a boca e tirava sem cessar de dentro dela uma substância, e na medida em que isso ia acontecendo eu sentia que ia perdendo a minha própria substância interna, e isso me angustiava muito muito, principalmente porque não parava de perdê-la.

Um dia, depois de ter feito as máscaras sensoriais, me lembrei de construir uma máscara que possuísse uma carretilha que fizesse a baba ser engolida. Foi realizada em seguida o que se chamou de “baba antropofágica” onde as pessoas passavam a ter carretéis dentro da boca para expulsar e introjetar a baba.

Depois disso só tive um sonho : ia mais uma vez tirando da boca a tal baba, até que tudo o que havia saído se transformou em tubo de borracha que imediatamente introjetei em minha boca. Então eu nunca mais tive esse sonho.”

“Fiz na Sorbonne uma experiência belíssima :

Um círculo de pessoas ajoelhadas rodeando um cara e sobre seu rosto eles soltam uma espécie de “baba” que na realidade são carretéis de linha de várias cores que são colocados na boca e o fio é retirado como se fosse baba. A cara do sujeito deitado vai se cobrindo de uma massa, fios vermelho, azul e amarelo.

Depois as pessoas pegam nessa baba e ficam todos ligados. Acho que foi a experiência mais forte que consegui fazer. Eles disseram que no princípio estão tirando um fio da boca, mas depois é como se o ventre virasse pelo avesso.”

Aproveitando
a proximidade das férias a mãe
tingiu vestidos de Lygia e Sonia para ficarem novos e despachou as filhas para o Rio onde moravam seus pais. O avô Pimentel e a avó Aurea tinham perdido um filho e poucos tinham se casado. A casa era grande e ficava em centro de jardim em Santa Tereza. Separada do corpo principal havia uma capela da qual fizeram os aposentos do filho Roberto, que demorava a se casar e não queria ser incomodado. Os outros dormiam em quartos separados compartilhando o mesmo banheiro. Regina era o nome da cozinheira cujos menus junto às admoestações eram discutidos com a avó Aurea pela manhã, enquanto um rapaz, nunca o mesmo da véspera, passava com desconfiança a vassoura pela casa. Sonia e Lygia foram encarregadas de arrumarem o próprio quarto e eram chamadas pela avó, cuja trança balançava ao menor movimento, para lavarem o banheiro onde todos tomavam banho. Os tios mais moços, Cid e Carlos, dividiam com as sobrinhas um táxi para levá-los e trazê-los do banho de mar em Copacabana, onde a água das ondas era fria, o sorvete de abacaxi, gelado, o sol, quente e a sombra fresca debaixo das barracas dos artistas Leila Morel e Alda Garrido, sob as quais Lygia e Sonia se abrigavam com Carlos e Cid. De volta à casa, tsnadas pelo sol e refrescadas pelo chuveiro, vestiam vestidos tingidos de azul-marinho, colocando na cabeça chapéu de palha vermelha, sem mesmo no espelho olhar. Sentavam-se à mesa sob o olhar verde derramando carinho do avô Pimentel, a vó com ruga de zanga na testa e tios mais velhos de olhos vermelhos. Quando todos terminavam Sonia e Lygia se levantavam com os chapéus na cabeça, levavam pratos para a cozinha para em seguida, com Cid e Carlos, passarem pelos arcos no bondinho de Santa Tereza para depressa chegarem à Cinelândia onde percorriam cinemas das duas às seis da tarde. Um dia resolveram pegar a sessão das dez na Tijuca.

Ao chegarem em casa meia-noite já passada, tios que haviam voltado da boemia, ao lado da avó cuja insônia deixava acordada exigiram explicações. Ficamos em observação e tios mais velhos o cenho fechavam quando nos viam aprender passos de tango com tios mais novos.

Numa manhã sem sol e sem praia, Lygia, aproveitando estar Carlos de peito nú, resolveu transformá-lo em mulher e ao tentar amarrar-lhe os peitos com barbante para dar-lhes volume, foi surpreendida pelas grossas sombrancelhas dos tios mais velhos, levantadas do jogo de gamão.

O episódio deflagrou a imediata retirada das netas de Santa Tereza antes que se perdessem na capital do país.

Lygia e Sonia desembarcaram, pele tostada pelo calor do sol, na Estação de Ferro de Belo Horizonte, usando os mesmos vestidos tintos de azul marinho, gravata branca de bolinhas azuis, pois ainda não tinham ficado menstruadas, cabelos lisos sob a palha do chapéu que por sua vez escondia na cabeça de Lygia a idéia do *“Eu e o TU vestindo pessoas de sexo diferentes com macacões fechados por zipper que ao serem puxados para baixo pelo interlocutor encontrava características do próprio sexo no interior do macacão usado pelo comparsa cujo sexo era oposto ao seu.”*

Ruth, mãe de Lygia Clark, tinha dentro de si a semente da arte criativa que tomou conta do corpo da filha, impelindo-a a fazer pesquisas, descobertas e invenções. E esse mesmo mundo que nascera com Lygia ficara latente na mãe e só saía do estado letárgico quando se aproximava o natal, pois presépio era mister fazer.

Como se fosse a autora do Novo Testamento, Ruth desdobrava cenas bíblicas, crescendo em cima de mesas, enchendo canto de paredes com montanhas de papel de embrulho lambuzado de grude e pó de carvão; e com esses papéis amassados formava grotas e vales cheios de lagos onde cisnes e patos nadavam sem água espirrar, espelhos nos quais se mirava a estrela de Nazareth, ensinando o caminho aos três magros reis de duras cabeças, onde encontrar menino nascido de Virgem, escondido de bicho papão de nome Herodes.

Era diante do presépio que rezávamos em dias de Dezembro, quando tempestade desabava, junto aos camelos e burricos, ovelhas e pastores trêmulos com os trovões.

Fomos crescendo e mãe foi modificando o presépio, cortando cabeça de personagens, tornando montanhas mais planas, secando o espelho dos lagos, fazendo desaparecer S. José, e foi o que deu sumiço à Virgem Maria, deixando só o menino Jesus, preso à mangedoura sem saber perguntar ao pai porque todos o haviam abandonado. Ruth colocou-o, no próximo ano, nú e sozinho dentro de enorme concha de cristal, tal qual boca aberta, deixando ver céu de boca e gengivas cobertas por estalactites e estalagmites roxas. O menino Jesus, indiferente ao desconforto que a dureza da pedra lhe infligia, levantava a pequena mão abençoando quem o olhasse exibindo sorriso de faquir.

Ruth também deixava sua varize artística se manifestar em árvores de natal e aproveitando ter o final do ano emagrecido as vacas, pegou embalagens vazias de ovos, colou uma contra a outra fechando-as e pintando-as de turquesa, prendeu-as em estrutura dando-lhes forma de pirâmide e com elas conseguiu fazer árvore de natal de poucos galhos e muita imaginação.

A arte de Ruth era depredatória. Dela não escapou couro de zebra pisoteado em todas as listras por todos que saíam e entravam em seu escritório da rua Pernambuco. Desapareceu a zebra do chão para aparecer logo depois, fatiada. A cauda listrada de preto e branco, como se quisesse fugir da chacina, foi parar pendurada no canto da parede.

A arte tinha acabado para a mãe de Lygia Clark.

Havia uma fruta quadrúpede no quintal de nossa casa: o pai plantara os quatro pés e cada um era regado por torneira aberta durante todo o dia, a fim de molhar as raízes que os sustentavam, caminhando dentro da terra. Esquecíamos dos quatro pés de jabuticaba até que pela manhã deparávamos com seus ramos calçados com meias de flores, cobertos das grimpas ao tronco das árvores. Emanavam deles leve cheiro de jasmim, o suficiente para despertar a atenção de alguma abelha que passasse e, pressurosa, fosse as outras chamar. Rodeavam os quatro pés estóicos das jabuticabeiras

cujos galhos, impedidos de abaixarem, permaneciam estáticos esperando a noite cair para se livrarem da cócega zumbida pelo ruflar de asas debaixo de suas axilas de madeira. Depois de uma semana, quando abelhas exaustas se retiravam, as flores não mais existiam; davam lugar à pequenas verruguinhas verdes que cresciam todos os dias. Pequenas verrugas passavam a frutas minúsculas, confiantes na seiva dos galhos para fazê-las crescer. Cresciam também os olhos das crianças sobre elas. Pela manhã mãe deixava sua cor morena se acentuar sob os raios do sol e colocava seus olhos de jabuticaba sobre as jabuticabas dos quatro pés. Erguendo os dedos ela esticava os braços diante de cada árvore, mostrando pelos raspados, e provava fruta de cada uma delas. Sempre era preciso esperar, não estavam prontas para serem chupadas. Quando verdes, esperávamos que se raiassem de marrom, o sol então se encarregaria de escurecê-las e quando enfim luziam de negrume, tínhamos que esperar a chuva para acabar de adoçá-las.

Daí era desrespeitá-las, pisoteando-as com sapatos que procuravam firmeza entre junção de galhos, tentando alcançar copa de árvore onde jabuticabas tinham casca mais fina. Quando a mãe gritava filhos chamando-os ao estudo, Lygia e Sonia já haviam levado livros para desaprender geografia e história e com eles balançavam do alto dos galhos, cuspidos caroços que choviam na terra.

O silêncio era picotado pelo barulho da casca mordida pelos dentes e raramente por um grito interrompendo a deglutição das frutas pretas: uma vespa havia sido surpreendida dentro do seu esconderijo no ventre da jabuticaba. Ao descerem, deixavam os quatro pés de jabuticaba circundados por grandes olheiras branco azuladas de caroços que a mãe, por precaução, não nos deixava engolir pois diziam as boas línguas que dava pneumonia.

Para o pai tomar o café depois das refeições, era preciso antes preparar o cigarro. A cafeteira, usando coador que lhe servia de “col roulé”, devia esperar em cima da bandeja, ao lado das grandes orelhas do açucareiro que nada escutavam e da xícara esfolada pela água quente. Sem dizer palavra era retirada a palha do bolso do pai, um canivete era aberto pondo todas as línguas de fora, e com uma delas o pai alisava a aspereza da palha de um lado e depois do outro. Pegava uma bolseta vermelha de borracha fechada por um estrangulamento no pescoço e daí retirava o fumo picado, chegado de Goiás enrolado em pretas serpentes prisioneiras em latas redondas de cinquenta centímetros de altura. Com carinho era o fumo picado depositado dentro da palha enrolada pela firmeza dos dedos do pai, cuja língua molhava toda a extensão do cigarro já pronto. Era então seguro pelos dedos da mão esquerda enquanto a direita fazia sinal para que o café lhe fosse servido. O café tinha como obrigação queimar todo o interior da boca do pai e quando isso não acontecia, a xícara se sentia culpada pois era desfeitiada e refugada para longe.

Não obstante a fumaça subia azul contra o vermelho do papel de parede da sala de jantar, soprada pelos lábios zangados do pai de olhos parados em cima de algum pensamento.

A fumaça do cigarro de Lygia, que não era de palha, era soprada com a mesma volúpia do pai.

Seu maço de cigarro era guardado dentro de bolsa e a bolsa não saía de casa, acompanhando-a por todos os cantos. A fumaça era o oxigênio de Lygia e ela tinha medo de vê-la desaparecer; e quando o cigarro começava a lhe esquentar os dedos, ela outro acendia, deixando-o alerta no cinzeiro para ser vampirado logo depois que o primeiro fosse apagado.

“Uma vez, contemplando a fumaça do meu cigarro, era como se o próprio tempo fizesse seu caminho, sem cessar, se refazendo continuamente.”

Suas mãos não processavam o mesmo ritual que as do pai, domesticando a palha do cigarro, mas tinham a mesma obstinação nos nós dos dedos quando a tesoura pegavam, com firmeza, para “caminhando” cortar em cinta de papel a fita de Möbius.

“Acabo de chegar do atelier do Camargo. Ele fez coisas lindas entrando noutra fase semântica, com os mesmos elementos. Adorei e fiquei com inveja de gente que ainda constroi objetos, matéria viva cristalizada no espaço real.”

OlhO

O grande e preto de Lygia começou a piscar para os rapazes. O pai não gostava e disfarçava, fechava a cara e o portão. Não queria as filhas trabalhando para nenhum patrão a não ser ele; preferiam elas pensar em casamento.

A Praça da Liberdade, onde moças não tinham liberdade a não ser a de passear no centro e serem apreciadas por rapazes nas beiradas, ficava acima da nossa casa a uma distância de quatro quarteirões. Aos domingos havia música nos coretos e Lygia, depois de passar batom aumentando lábio inferior, para lá se dirigia, e de lá voltava correndo, descendo ladeira abaixo, tentando passar pela fresta do portão fechado pelo pai às dez da noite.

De uma feita um carro interceptou-lhe o caminho e dois cavalheiros saltaram do seu interior. O primeiro a se aproximar era de ambos o menor, olhos verdes, beiços vermelhos mal escondendo dentes brancos. O outro demorou a se corporificar. Deixou aparecer grande sapato emitindo raios de graxa, trazendo par de calças vincadas cobrindo pernas que não acabavam de esticar; um corpo erguido abotoado em jaquetão puxado por mãos maiores alçava pescoço grosso sustentando cara pequena, cheia de riso.

Aloysio Clark e seus dois metros, ao aproximar-se de Lygia fez com que ela começasse a diminuir de tamanho chegando a altura de seu umbigo. Teve o cuidado ao dirigir-lhe a palavra de evitar subir no meio-fio, e não a pediu em casamento porque ignorava quais seriam as intenções do amigo, Marco Paulo Rabello.

O engenheiro Aloysio
foi aprovado pelo conselho de família e
acontecido o noivado Lygia começou a emagrecer; havia
perdido o apetite e Sonia ia com ela, pela manhã, ao Parque Municipa-
pal tentando encontrá-lo. O pai incumbiu a irmã Esther de fazer o enxoval
da filha e foi ao Rio comprar peças de linho francês e para poder estar certo da
origem do linho era necessário queimar um fio do tecido na chama de uma vela e,
dependendo da cor da labareda, começariam ou não a dividir a peça em fronhas e len-
çois. Enquanto bordadeiras trabalhavam durante ano e meio, furando dedos com agulha,
Lygia afinava o corpo, um dia querendo casar e no outro não. Foi quando a mãe recebeu, entre
paredes douradas da sala, visita de mãe aflita cujo propósito era pedir que cedesse o noivo de
Lygia para casar com a filha sua, cujo crescimento só fora interrompido ao atingir a moça dois
metros de altura; só havia uma possibilidade de casá-la, encontrar um dinossauro; conquanto
fosse Aloysio divisível por dois, não consentiu a mãe em repartí-lo e a data do casamento de
Lygia foi apressada. Os presentes foram chegando e por fim o vestido de noiva de moiré branco
mostrou a cintura de ampulheta dividindo o corpo de Lygia em duas metades, a de cima e a de
baixo, a primeira brilhando mais no relevo dos seios, as costas encobertas pela névoa do véu,
a cabeça engrinaldada penteada pela própria noiva que introduzira sob topete de cabelos
lisos pé de meia preta, enrolada, para mantê-lo eréctil, vermelho do batom
acentuando grossura dos lábios, flores brotando das hastes dos braços de
branco vestidos. Lygia despiu tudo isso e foi para o sítio do pai com
o marido e de lá escreveu carta para a mãe contando
como tinha sido sua noite de núpcias. Car-
ta essa que a mãe leu e

O anjo da guarda de Lygia tinha sido vacinado e batizado com o nome de Blitz. Era um pastor alemão, nazista, de cor cinza e rabo grosso, cuja convivência com a arte e a paranóia dos artistas tornara neurastênico, mostrando-se possessivo quanto a Lygia e sua estirpe. A noite deitava-se debaixo de sua cama esperando-a acordar pela manhã para poder latir com a aproximação da empregada, bandeja de café da manhã na mão que o susto jogava sobre carpete do quarto. Lygia se irritava lembrando do leite materno que não mamara e a briga se alastrava com a entrada das crianças, através da porta entreaberta, surpreendendo-a com o cinto na mão, livrando Blitz das correadas.

Necessitado de análise, Blitz de possessivo passou a depressivo, negando-se a sair de casa para fazer as necessidades. A porta da cozinha era aberta, Blitz esperava pelo elevador vazio e descia deixando seu cocô em frente à portaria de serviço e de quatro em quatro degraus subia até o oitavo andar, não interrompendo os latidos começados pela manhã. Latidos que se prolongavam até o momento em que Lygia, bocejando, deitava-se entre lençóis para no sono pegar, e o anjo da guarda, língua de fora, se estendia entre seus sapatos debaixo da cama.

De depressivo passou Blitz a psicótico e um carpinteiro foi convocado para fazer porta de madeira em feitiço de jaula separando corredor da sala de jantar, evitando o prazer usufruído por Blitz de poder sobre visitas avançar; e tantos foram os latidos que foi criando um papo disfarçado por pêlo mais claro, separando cabeça e orelhas do corpo cinzento de Blitz. Lygia, cansada do jugo canino, pediu à velha amiga que dele fizesse presente à casal sem filhos quando ela, Lygia, se ausentasse de casa. Aproveitando um fim-de-semana em que todos haviam saído deixando anjo guardando a casa, a amiga cumpriu o prometido e Blitz teve dois dias de filho único e mimado em casa de casal também alemão, que lhe deu acolhida, banho, comida, escova de dentes e ossos de sobremesa. Blitz esqueceu-se de latir e ao assistir junto aos donos da casa a um filme na televisão, viu irromper pela sala o furacão Lygia, que sem desculpas pedir nem mesmo se despedir, sacou da cintura o cinto passando-o pelo pescoço grosso de Blitz, que aos saltos lhe arranhava os peitos.

Ao chegar em casa, esgueirou-se o anjo da guarda debaixo da cama, abaixando orelhas e limpando garganta para de novo se pôr a latir. Estava certo o Hélio Oiticica apelidando Lygia de Bismark.

Cão ciumento era o Blitz. Conseguiu acabar com dois casamentos de Lygia sem demovê-la da idéia de fazer pic-nic com os filhos pequenos. Entravam no automóvel, Blitz, Lygia, filhos e um marido de cada vez, a procura de lugar onde pudessem comer galinha assada por empregada, crianças caírem sem se machucar e Blitz correr sem latir. No mato, Lygia era prima de Tarzan, mas o marido obrigado a se encolher para caber dentro do carro, ao sair, estendia as pernas e não mais abria a boca, seu rosto petrificado contraía periodicamente as mandíbulas rangendo dentes que

não emitiam som. Marido e mulher passavam a procurar clareira escurecida pela sombra, onde não se escondesse cobra, formigas que não estivessem salvando o país e casas de marimbondos cujos habitantes tivessem sido desalojados. Depois de encostas exploradas aos saltos e gritos, meninos e Blitz, peito arfando cabelos sempre no mesmo ritmo, jogavam-se sobre folhas carpeteando chão, delineando com corpos territórios que seriam deles até o pôr do sol.

Depois que o suor tivesse empapado camisas de pai, mãe, filhos e Blitz, garrafas eram abertas e refrigerantes acabavam antes da sede. A galinha esquartejada com antecedência ciscava farofa transportada pelas formigas em correção. Blitz esperava que dele se lembrassem e mantinha boca aberta exibindo língua vermelha de presunto molhado. Pernilongos e borrachudos chegavam para compartilhar e meninos enlouquecidos pelos raios travessos do sol e pelo pólem das flores procuravam micos para com eles desnudar cachos de bananas. Lygia, deitada na relva, subia com os olhos pelo tronco das árvores, alcançando emaranhado de galhos, chegando aos ramos mais finos e lá se deixava ficar balançada pelos ventos da imaginação...

“Duas salas. Na primeira, sanduíches, jornais, refrigerantes. Na segunda, uma tela de cinema e diante da tela plantas, areia, arbustos. Além disso, bicicletas de ginástica. Os espectadores, após terem comprado na primeira sala provisões para comer das quais precisarão, sobem nas bicicletas.

Luz apagada, um ciclista aparece de costas na tela e com um gesto convida os participantes a segui-lo. Todo mundo se põe a pedalar, enquanto a tela mostra a estrada pela qual seguirão.

Segunda sequência: o ciclista para debaixo de uma árvore para fazer pic-nic. Os espectadores descem da bicicleta, se deitam no solo, no meio das plantas, onde se divertem com toda liberdade.

Terceira sequência: o ciclista está novamente a pedalar na tela, seguido pelos espectadores. Ele para diante de um bar onde dançam jovens. Estes, da tela, convidam os ciclistas a se divertirem. Os participantes se põe a dançar contra a imagem.”

As três crianças regredidas pelo cansaço se estapeavam chorando em quatro dimensões.

A figura do marido erguia-se do chão onde estivera sentado sem nada dizer, atingindo a altura da copa das árvores. Colocando dois dedos debaixo da língua, Aloysio Clark emitia som atemorizando pássaros. Era hora da partida.

Blitz se punha sobre as quatro patas e disparava até alcançar topo de morro. Aloysio, anti-pequeno polegar calçando botas de sete léguas, subia veloz atrás dele. Blitz, orelhas em pé o esperava, gola branca de pelos sanfonando em volta de pescoço grosso, com brilho de riso no amarelo dos olhos; deixava Aloysio se aproximar macerando dentes de trás e às carreiras o morro correndo tornava a descer, balançando cauda peluda coberta de carrapicho. Aloysio descia morro escorregando botas e meninos trocavam choro pelo riso e partiam ao encalço de Blitz, nunca se deixando apanhar a não ser que tivesse visto os cabelos sobre tórax de Aloysio subirem e descerem a procura de ar que já lhe faltava. Lygia, Blitz, filhos e marido dobrando o corpo de um metro e noventa e cinco em várias partes entravam no automóvel, marido moendo dentes, olhos fixos na estrada, pensando em como se livrar do próximo “nic-pic”.

Lygia entrou no Instituto dos Surdos-Mudos para dar aulas de arte e surda ficou. Era como entrar em bolha de barulho. Sons agudos e guturais em coral eram reforçados por escalas de gestos que iam dos menos puros aos mais pornográficos.

Pedir silêncio se já viviam em aquário sem som? Seria mais razoável pedir barulho. Lygia optou por se tornar muda depois de ter assobiado, gritado, batido palmas e quando calou a boca, acabou conseguindo que lhe trouxessem os desenhos que haviam feito sob a orientação das outras professoras.

Eram escovas de dente, fogões, soutiens, cabeças carecas, desenhos copiados de anúncios de jornais e pequenas publicações em preto e branco, cujas páginas rasgadas eram jogadas para cima para serem esmagadas pelos sapatos de crianças que jamais escutariam o barulho dos próprios pés correndo em corredores, o ritmo dos saltos quando pulavam degraus de escada e o riso se transformando em cascata dentro de gargantas.

Lygia chegara da primeira estada em Paris; do casamento conservara os filhos e o sobrenome. Aloysio não sumira, era muito grande, mas já não era seu marido.

Vieram com ela os primeiros quadros a óleo, abstratos, todos eles emoldurados, a superfície da tela toda coberta por camada de tinta azul escuro transparente e no abstrato do desenho, o Bicho lá estava escondido.

As malas trazidas estavam grávidas de livros de arte e foi mostrando-os aos alunos que nada diziam e muito gritavam que Lygia, através de gestos com eles aprendidos, convenceu-os a fazerem transposições de pinturas de Picasso, Matisse, Toulouse-Lautrec e Soutine, e obras-tias começaram a brotar sobre suas carteiras. Lygia saía cedo de casa com os dentes escovados por cigarro mantido colado aos lábios, a cara descometizada, examinava os trabalhos dos meninos no barulho do silêncio e, através de gestos, mostrava aprovação ou não ao que lhe era mostrado. Colecionou os desenhos que às vezes superavam os dos mestres em audácia de cores e agressividade de linhas para fazer uma exposição, oxalá um livro.

As crianças se acostumaram à presença de Lygia surda-muda, ao cheiro da fumaça do seu cigarro que a acompanhava como uma cauda a um cometa, transitando entre fileiras de carteiras; numa delas, entre murmúrios e risadas, Lygia descobriu um retrato dela: o cabelo liso dividido em duas metades pretas presas num coque, os lábios finos ajudados pelos olhos apertados machucando cigarro preso à boca, prestes a ser engolido num gesto antropofágico. Lygia pouco demorou no Instituto dos Surdos-Mudos de Laranjeiras. Atravessou a rua, voltou a falar deixando os alunos a esperar e com um gesto de adeus, deixou às barulhentas crianças mudas e surdas um legado de um mundo cheio de cores e desenhos.

Andando para trás no banco do bonde do tempo, recuamos quatro décadas e escutamos a campainha do apartamento número 44 da Avenida Kleber em Paris tocar, pressionada com moderação.

Lygia abriu a porta e no vestíbulo do elevador estava Dobrinsky, cuja idade lhe tirara a vista, os cabelos e alguns centímetros do porte, colocando-os sobre as costas.

Depois de ter frequentado o atelier de Lothe, Arpad Zend e um galpão onde Leger uma vez por semana saltava da motocicleta afim de ver jovens artistas trabalhando, parava diante de Lygia e, olhando o que ela fazia, dizia apenas “ça bouge!” o que já era bastante. Lygia agora tomava aulas com Dobrinsky, velho contemporâneo de Soutine e Modigliani, já célebres e antigos companheiros de república.

Dobrinsky sentava-se à mesa e almoçava com Lygia entre cheiro de óleo e gritos de meninos que logo partiam, mochilas às costas, para a escola. Dobrinsky também se levantava mas era para se sentar no sofá de pernas curvas, como se muito houvesse cavalgado, na sala de visitas. Aconselhava Lygia a usar cores mais claras e num dia de mais coragem não resitiu e perguntou se podia tomar um banho na banheira da casa. Havia meio século que se sentia possuído pelo desejo de mergulhar o corpo e deixá-lo boiar na quentura da água e combinado foi que depois de ter feito a digestão poderia estender seus membros ressequidos dentro da brancura tépida da banheira cheia.

E dentro da banheira ficou Dobrinsky esquecido de si e de todos enquanto horas no Brasil passavam ligeiras e Aloysio, apressado, malas arrumava, roupas dobrando afim de viajar para Paris. A água quente correndo da torneira não deixava esfriar o banho de Dobrinsky e o cheiro do sabão insistia em fechar-lhe os olhos; pálpebras semi-cerradas deixavam entrever meio círculo de retina se escondendo como lua atrás de nuvens. As ventas quase submersas mantinham-no vivo e faziam dele um hipopótamo.

Aloysio Clark entrou no avião, escolheu lugar perto da janela onde não precisava encolher as pernas para deixar gente passar. Colocou o cinto de segurança, sorriu esticando pernas e bigode e estalou como de hábito os dez dedos das mãos.

Os olhos de Dobrinsky fecharam-se para balancete e os anos que havia vivido começaram a voltar para trás e pararam quando ele, jovem, cabeludo e desempenado, contemplava boquiabertamente o corpo nú de um modelo, passando para a tela as curvas e as descurvas do seu corpo de baile.

O avião tudo fazia para se comportar bem mas não podia evitar que correntes aéreas tudo fizessem para peneirar passageiros.

Lygia em casa arrumava escultura com os cabelos improvisando volumes com meias pretas e bombril.

Dobrinsky tinha perdido a densidade, seu corpo boiava, a careca, astro-rei cujos raios eram os fios brancos de cabelos que ainda não tinham caído, crepusculava dentro do líquido morno.

Aloysio sorria para a aeromoça que fez aparecer diante de si café da manhã e canibalescamente a contemplou. Estava há dois mil quilômetros de casa. Lygia desceu pelo elevador, entrou no seu quatre chevaux e numa curva subiu em cima do meio-fio. Escutou o “gueule de con” que merecia, tomando mais cuidado. Embora tivesse o cabelo liso, o pancake que passava na cara fazia com que a vizinhança a apelidasse de a “negresse” - e ela gostava.

O cérebro de Dobrinsky orbitava em zona alpha e os quadros todos que havia pintado apareciam na sua primeira exposição envolvendo-o num mundo de cores. Aloysio franziu o sobrolho diminuindo tamanho de testa e consultou o mostrador do relógio. Lygia tirou o carro do estacionamento onde o havia deixado, deu adeus para a estátua de Balzac, entrou em casa e Dobrinsky ainda fazia glu-glu dentro d’água.

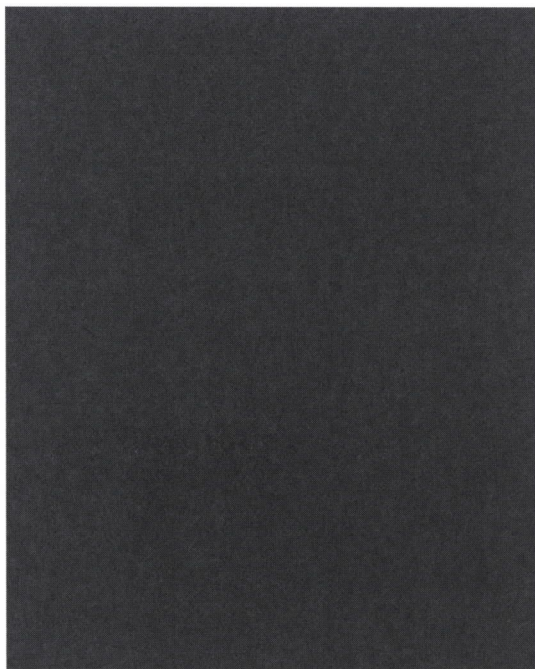
A campainha tornou a agitar dentro de casa ondas sonoras a ponto de se poder fazer surf sobre elas. Aloysio adentrou a sala com malas penduradas nos seus dois metros de altitude; dilatando ventas nada pequenas o ciclope farejou algo e apesar dos seus cinco sentidos nada detectarem, o sexto levou-o direto ao banheiro cuja porta não pode abrir. Deixando a ira enrouquecer-lhe na garganta a voz, quis saber quem havia se fechado lá. Lygia não se deixou contaminar nem conseguiu convencê-lo de que eram os oitenta anos do professor de pintura que jaziam submersos dentro d'água. Aloysio, esticando pernas guliverianas, atravessou quarto em meia passada, saltou corredor e transformado em bola de boliche faltou pouco para jogar ao chão porta trêmula do toalete. Dobrinsky em compota, ilha octogenária, de água quente rodeada por todos os lados, sonhava com a primeira guerra mundial, sendo despertado pelo bombardeio sacudindo porta. Ergueu corpo molhado com pelos brancos ainda espreguiçando e escondeu-se atrás da toalha; levantou sola de pés para enxugá-los, cada dedo fazendo-o pensar numa ameaça, e vestiu roupa que o cobria há quarenta anos atrás. A porta estava acometida de ataque de epilepsia e ao ser aberta deixou passar a figura miúda de Dobrinsky, sacudindo os pelos, entre as pernas de Aloysio, o qual não atinava como um louro galã houvesse envelhecido séculos num único banho e Dobrinsky, ao passar sob pernas aloysianas, não reconheceu o marido de Lygia, há poucos meses retratado por ele.

Cruzaram-se cumprimentando-se como fariam duas formigas e uma delas, espirrando, escafedeu-se pela renda de ferro de elevador enquanto a outra foi macerar caninos contra molares enquanto mastigava pensamentos.

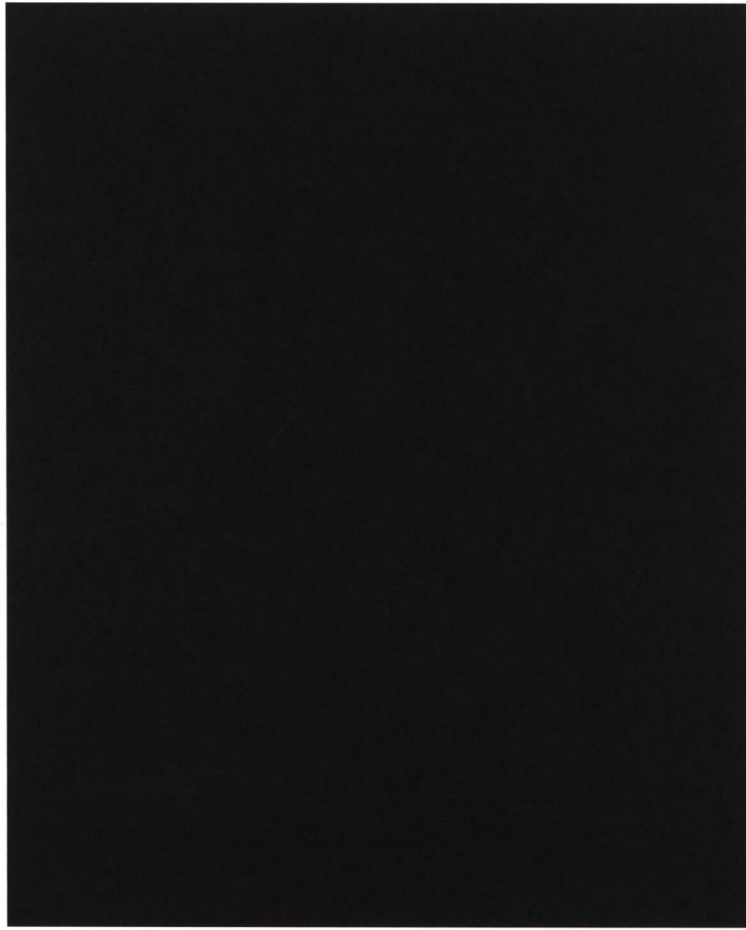
Pela vez terceira o som da campainha fez turbulência no ar. Eram as três crianças chegando da escola e aos empurrões correram pulando em cima do pai. Aloysio jogava-os para cima e aparava-os sucessivamente. Álvaro estava no ar e começava a cair, a franja loura tapava-lhe o arregalado verde dos olhos, era aparado com a mão esquerda espalmada, enquanto Elizabeth era arremessada para o alto com a mão direita em garra, sua risada clara batendo pelas paredes, e Eduardo, usando os mesmos olhos pretos que a mãe herdara da avó Ruth, era catapultado pela cabeça do pai que, ao arremetê-lo, fazia com que pensamentos comesçassem a desvanecer da própria cabeça sustentada pelo pescoço entesado.

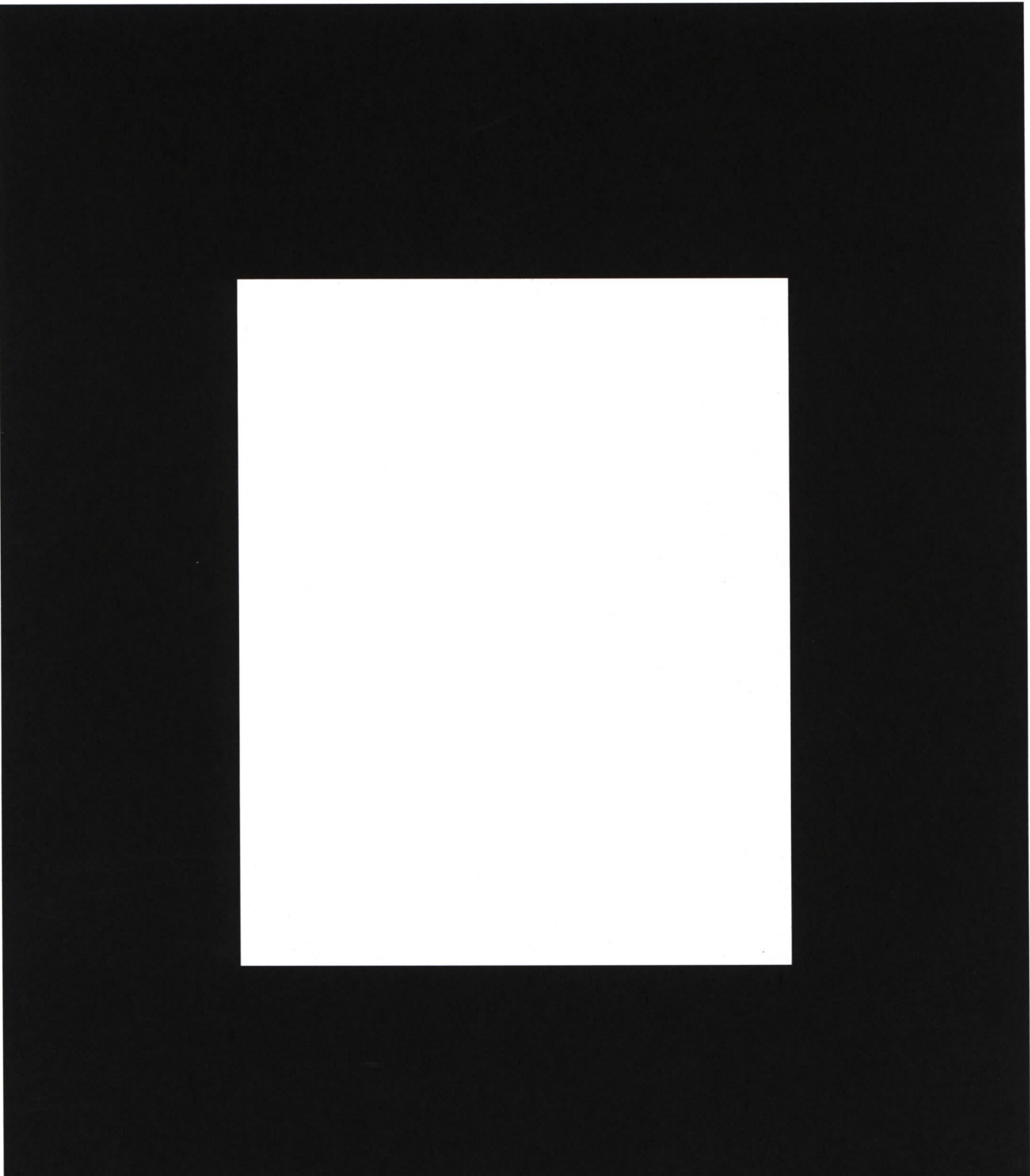


Lygia estava descasada e seus filhos casados fazendo netos. Suas unhas cresciam pintadas de vermelho, sentava-se e com elas batia teclas de uma Remington em Paris: *“Minha fase na análise está genial porque virou uma explosão e é nessa explosão que estou virando gente, falando de maneira forte e incisiva e ao mesmo tempo vivendo a primeira linguagem do corpo antes do verbo ter sido descoberto. Ando muito frágil e muito forte.”* Paris, 11 de Maio de 1973. *“Ando indo muito ao Museu do Homem e vendo bastante coisas interessantes, pelo menos a impressão de estar sendo eu mesma em mim mesma está existindo e isso é novo para mim e belo! Ser mulher não é fácil, se assumir menos ainda. Ando muito pensativa, me perguntando o que é a mulher e vi no Museu do Homem uma mulher nua, sendo medida por um homem (foto) e depois, ao levantar a cabeça, olhei o homem e a impressão foi de que o homem está pronto mas a mulher está se fazendo ainda... Acho que sou eu, no fundo, esse fazer-se, esse achar-se que ainda não acabou.”* Paris, 24 de janeiro de 1974.



Lygia acabou de escrever esta carta e sentiu um cheiro de queimado caminhando da cozinha para a sala. Era a peruca que depois de lavada fora esquecida no forno para secar. Dentro da cabeça coberta pelos finos cabelos da infância as sinapses brincavam de quatro cantos. Havia uma saída. A questão era saber por onde passar. Lygia encarou seu rosto no espelho e esticou os cabelos para trás, amarrando-o em coque de várias voltas. Não sorriu para o espelho, e não deixou que ele sorrisse para ela: *“Tomei consciência de que, na medida em que quase todos os artistas, hoje, se vomitam a si mesmos num processo de grande extroversão, eu, solitária, engulo, cada vez mais, num processo de introversão, para depois fazer a ovulação, que é miseravelmente dramática, um ovo de cada vez. Depois é o engolir novamente, introverter-se até quase a loucura, para botar um único ovo, que nada tem de inventado, mais sim de gerado... Loucura? Não sei. Só sei que é a minha maneira de me amarrar ao mundo, ser fecundada e ovular”* Carta à Mario Pedrosa, 22 de Maio de 1969.





Lygia teve o bom senso de passar pela porta do mau senso.

*“Continuo a
achar que o artista
elabora, a vida inteira, o seu
autoretrato. Dependendo da época, ele
usava a figura para expressar esta situação.
Hoje, como ele introjetou todos os conceitos
religiosos, é o corpo-a-corpo dele, nascendo daí
a necessidade dele expressar um organismo vivo
como ele próprio.” 1963 “Quantos seres sou eu para
buscar sempre no outro ser que me habita as reali-
dades das contradições? Quantas alegrias e dores meu
corpo se abrindo como uma gigantesca couve-flor
ofereceu ao outro ser que está secreto dentro do meu eu?
Dentro de minha barriga mora um pássaro, dentro do
meu peito, um leão. Este passeia pra lá e pra cá
incessantemente, numa procura de diálogo
consigo mesmo. A ave grasna, esperneia, e é
sacrificada. O ovo continua a envolvê-la,
como mortalha, mas já é o começo do
outro pássaro que nasce imediata-
mente após a morte. Nem chega
haver intervalo. É o festim
da vida e da morte
entrelaçados.”*

1967

Se é para brincar eu também gosto.

Lygia, pode começar tudo outra vez. Mexa-se. Não fique aí deitada. Isso é só uma brincadeira de estátua.

Você está viva.

It is fascinating that we have here a book inspired by memories, by childhood, at the moment when its subject is beginning to take on a kind of world presence, to be recognized internationally as one of the great artists of our time. There is a meeting here of two time-scales, to universes. And it becomes specially fascinating when you consider that Lygia Clark's life work was dedicated to undoing, to seeing through and beyond the myth of the artist that we have inherited. "I became aware", Lygia wrote in a letter which her sister Sonia Lins quotes in this memoir, "that, since almost all artist nowadays vomit themselves in a great extraversive process, solitary, I swallow, more and more, in an introversive process, to ovulate later... one egg at a time." Lygia Clark transformed our notion of the relationship between artist and spectator. Her whole sequence of objects and propositions was a means for that former spectator to become a participant and rediscover in himself his own "poetics". Her art has profound implications for our understanding of the relationship between subject and object, between self and world, and between the real and the fantasy. She showed some of these repercussions herself by using what she had discovered to invent a form of 'therapy', and to heal, or at least to free or unblock- in that other who had formerly been art's spectator - some of life's most extreme forms of psychological crisis and contradictions. Just as we are coming to understand the adult Lygia Clark, this book arrives to tell us about the child. The connexion is not at all fortuitous. Throughout this book Sonia Lins makes parallels between Lygia's childhood games and her later work. Sonia's approach is inherent in her title, "**Artes**", which has a double meaning in Portuguese, linking 'art' with 'mischief'. However the last thing Sonia does is to put this idea forward as an academic thesis or with pretended detachment. As she says, in her very first line: "If it is a matter of playing, I also like to...". In other words, she will enter not as a spectator but as a participant, recreating their childhood through her own literary gift, her remarkable linguistic and syntactical imagination, which in turn is rendered in type and ink with wonderful elasticity by Julio Villani. Into this book about their childhood, is inserted a photograph of Lygia near the end of her life. Successive pages focus in towards her eyes, "hungry eyes", as they are described in one of the several references, and then to her mouth. How intelligent to let us read of Lygia's beginnings, within the cacophony of a Brazilian extended family (whose collective portrait Sonia draws in a inimitable way), while looking at Lygia's face marked by life, containing her beauty, her restless spirit, and the exhaustion which must have come largely from channeling into herself the experiences of her "boarderline" patients. The recollection of childhood is a two-way process. According to the same logic of 'playing', one projects one's present into the past, one reinvents it. This is a very kineasthetic book. Its microcosmos are ones of actions, relations, bodily sensations, transformations, which become the seeds of Lygia's later works. I have always been fascinated by the relationship between the cerebral and the corporeal in Lygia's own work. The extraordinary lucidity, simplicity and strenght of her early **Reliefs** and **Animals**, made within the geometric-abstract mode, was never lost, as her work became more and more organic. Her writings are similarly cristal-clear, dialectic, never tangled, even when she speaks of the most subjective, visceral, fantasmagoric matters. When using materials she chose the simplest, and their role was always witty, essential, never excessive, leaving a great space for the imagination. Yet this book, with its extracts from Lygia's letters and hints of other writings which I do not know, made me realise that my own predilection have made me emphasise the immaterial side of Lygia's imagination and underplay its sensous corporeality. "In the abstract design, the Animal lay hiding", as Sonia puts it. We completely revise our notion of intelligence when we see the way the mind is illuminated in Lygia's discourse on the body. Lygia Clark's work made a profound impression on me, such that for 30 years, scarcely a day passed that I did not think about it. It opened a new world, and formed for me "amid some much confusion, a point of reference, an example", as a young admiror once wrote to Pasolini. I saw all the phenomena of international contemporary art in relation to Lygia's position which seemed to cristallise all our dilemmas and possibilities. I often wondered about (since I could not **know**) the Brazilian element in all this. And I imagined that the way Lygia had processed and synthesised her experience of Brazil had given a powerfull direction to her research, and helped her to focus so precisely on this matter of the relation of physical being to the intellect, and of lived experience to thought, summed up in the word she liked to use and pronounced with a special sensous burr: "*vivencias*". In Sonia's recreation of their childhood, the way Lygia always **lived** her work is constantly attested to. Of course "**Artes**" is also a book about the relationship of two sisters. This, to, is alluded to in Sonia's first line. Sonia also played. For her part, from her side, Lygia told me once that Sonia was the beatifull, the brilliant one, that Sonia could have been the better artist, and even once took up art to prove it, but did not continue in that direction. Lygia always portrayed herself as the one without facility, without intellect, who *nevertheless*... And this relationship continues up to the very last line, when seeing Lygia dead, Sonia resolves to write the book. The book's first and last line are continuous and interwoven, and Sonia says: "Lygia, you can start all over again. Move. Don't just lie there. You are playing statue. You are alive!".

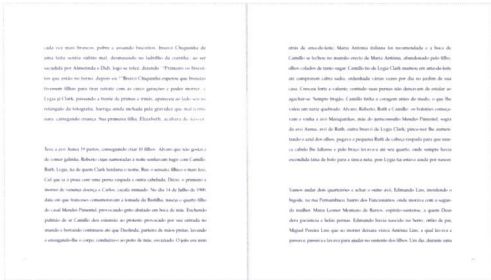
Guy Brett
June 1996

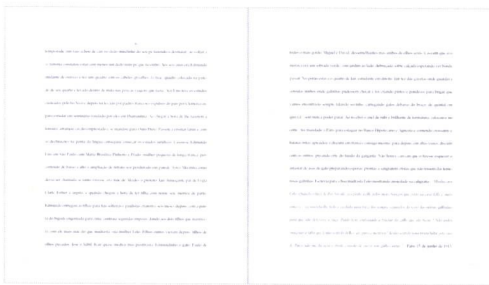
la do Vale, Almerinda Linda do Vale and one male child known as Nhosinho. Aurea, pretty, brave and poor, married Francisco Mendes Pimentel, grandson of a clandestine Portuguese immigrant who had arrived in Brazil with a heavy rash on his leg. Aurea would call her husband Chiquinho and treated him as if he were a prince; his father was the king of the rice in Niteroi. Grandma Aurea quit her job in a cigar plant and married Chiquinho in Barbacena, where he had just begun his law career. Many years later Grandma Aurea and Grandpa Pimentel moved to Belo Horizonte, the new capital of Minas Gerais, so great Grandma Chiquinha went to live with her mother, great great Grandma Donana who was still awake and shrinking as her years of life dwindled. Great Grandma Chiquinha opened a boarding house with the help of Tarcila, whom they called Didi, and along with Almerinda they would make biscuits and sweets using their six hands at the task. The sweets were set to dry on the windowsill until their colours acquired transparency and whenever they ran short of money and fruit they would make their sweets from green vegetables and yellow pumpkins. Almerinda, however, preferred doing crossword puzzles; lean and buck-toothed, when she spoke her eyes would shine more than her curly hair. The doctor would insist that she drink water and she would refuse, saying she didn't like it. At night all three sat on the thin chairs in the dining-room and played cards; Almerinda would win and laugh gleefully, her teeth sticking out to match the cheekbones on her face. Grandma Chiquinha would get up to stretch her thin body, spread Aristolino soap on her hair let free from the bun that had been held fast by pins and go to sleep with her hair all soaped. She said it was the only way to keep it white.

As it got whiter and whiter, great Grandma Chiquinha still poor and baking cookies once felt suddenly ill and fainted on the kitchen tiles; she recovered quickly when Almerinda and Didi began shaking her, and said: "First the biscuits which are in the oven, then me!" Great Grandma Chiquinha waited before she died for her great grand-daughters to have daughters so she could pose for the pictures taken of all five generations and Lygia, already Clark, still recovering from pregnancy, her belly still swollen, stepped in front of her cousins and sisters to appear by her side in the rectangle of the picture. Lygia's first daughter, Elizabeth, had just been born. Grandma Aurea gave birth nineteen times and managed to raise ten children: Alvaro who didn't like to eat chicken, Roberto whose girlfriends dreamt of running away with Camillo, Ruth, Lygia the aunt who left Clark her name, Ruy who was sensible, Chico the ugliest of them all, Cid who

would go to the beach with one leg shaved and the other left hairy, Décio the first to die of venereal disease and Carlos the spoilt youngest. On the 14th of July of 1900 while the French were celebrating the fall of the Bastille, at the Mendes Pimentel home, the fourth child was being born bringing a stifled cry to the mother's throat. Filling his lungs with air, Camillo expanded his protest against his arrival in the world and the screaming continued until Deolinda the midwife with black hands washed and dried his body taking him to his mother's breast, empty though it was. The solution was to go for a wet-nurse; the Italian Maria Antonia was recommended, her son having abandoned her breast and Camillo's mouth closed over the erect nipple, his eyes glued tight from sucking so hard. Camillo, Lygia Clark's uncle, suckled away on his wet-nurse's breast until a healthy goat was bought and milked several times a day in the house's garden. He grew up strong and brave, even though his legs would snap whenever he squatted. Camillo was more fearless than fearful and that cost him a broken nose, for he was rather quarrelsome. Alvaro, Roberto, Ruth and Camillo: when the punching started, in would come Grandma Mariquinha, legal adviser Mendes Pimentel's mother, Grandma Aurea's mother-in-law, Ruth's grandmother and Lygia Clark's other grandmother. With her spectacles magnifying her blue eyes she would take little Ruth by the arm, head shaved so she would always have plenty of hair in the future and take her to her room where there was always a piece of cake hidden for her only granddaughter, Lygia, the aunt not having yet been born. Let's go down two blocks and join the other grandfather, Edmundo Lins, chewing his moustache on Pernambuco Street, the civil servant's neighbourhood, where he lived with his second wife, Maria Leonor Monteiro de Barros, from Espirito Santo, to whom God bestowed patience and beautiful legs. Edmundo was born in Serro; his mother Antonia Lins, having become a widow after Miguel Pereira Lins left Edmundo fatherless, would wash and iron and iron and wash to bring up her children.

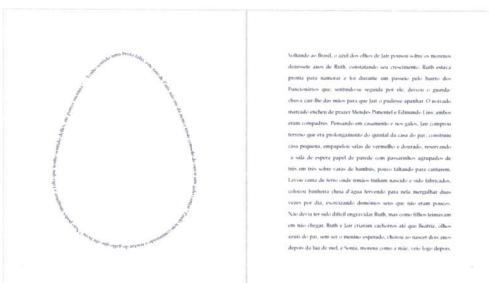
One day, during a storm, a lightning bolt struck her on her little toe making her faint; upon recovery Antonia certified that she had been left with one toe missing on one foot but not on the other. At the age of six Edmundo was a goldsmith's apprentice and made a portrait out of his mother's grey hair which he hung on the wall in his room and would take with him in his suitcase on the few journeys he made. Tio Nico paid for grandfather Lins' study fees, so he was taken to French missionaries who had been deported from their country by Clemenceau, to study at the seminary they had





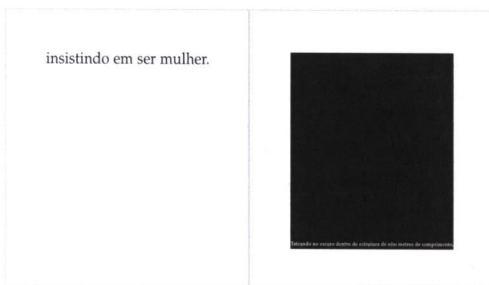
founded in Diamantina. When the time for his head to be shaved came, he escaped to Ouro Preto on a borrowed horse. He started to teach Latin, and with his declensions on the tip of his tongue he was able to begin his law studies. Edmundo Lins married Maria Brasilina Pinheiro e Prado in São Paulo, a small woman with a long braid which ran the full length of the enlargement made of her portrait that hung on the wall. Grandma Mocinha, as she had been called when living, gave birth to Alcides the Mayor, Jair, Lygia Clark's smoky father, and to the shrewd Esther; and when the time had come for her to have a daughter named after herself, she died in childbirth. Edmundo entrusted the upbringing of his daughters to spinster aunts in São Paulo and six months later married again, his moustache tips well starched upward, giving the two sons who remained with him a mother rather than a stepmother. Lolo was her name. Other sons followed, sons with slanting eyes, José the clever, Ivan almost a doctor but a positivist, handsome little Edmundo, Paulo the fattest, Miguel and David both blue-eyed but really unlike otherwise. The green two-storied house where grandfather lived, garden at its side, leaned over the sidewalk, waiting for the tram to pass. In the cellar is where Jair, the law student, had his room. Jair turned the drawers where he kept his long-johns into nests for hens to hatch their eggs, and would bring up chicks to start them fighting; we are sure to find him always talking to himself, carrying roosters under his arm, going about from one backyard to the next; never able to stop. When he received the ruby and diamond graduation ring, he put it in the safe and was sent to Paris to work as a trainee at the Mortgage and Agricultural Bank and, eating croissants and French-fries, he first learned to argue in French with himself, and then to argue out loud with others, drawing the rr's out from the deep of his throat. No French can-can could make him forget the dragging of a cock's wing as it prepared its spurs, ready to draw blood from crests that didn't crown frightened hens. He would write to his good stepmother Lolo, anxiety showing in his handwriting: "My dear Lolo, When the Justice of the Peace Pimentel should come by, ask him how my chicks are faring and, once again, remind him to keep them separated from the other hens to avoid deteriorating the breed. Is Paulo still taking care of the cock that stayed there? You can't imagine how much I miss them, it's hard to believe! I've missed them an awful lot. This damn Paris doesn't even bring me the consolation of hearing a cock crow!" Paris, June 15th, 1913.

ing eyes, José the clever, Ivan almost a doctor but a positivist, handsome little Edmundo, Paulo the fattest, Miguel and David both blue-eyed but really unlike otherwise. The green two-storied house where grandfather lived, garden at its side, leaned over the sidewalk, waiting for the tram to pass. In the cellar is where Jair, the law student, had his room. Jair turned the drawers where he kept his long-johns into nests for hens to hatch their eggs, and would bring up chicks to start them fighting; we are sure to find him always talking to himself, carrying roosters under his arm, going about from one backyard to the next; never able to stop. When he received the ruby and diamond graduation ring, he put it in the safe and was sent to Paris to work as a trainee at the Mortgage and Agricultural Bank and, eating croissants and French-fries, he first learned to argue in French with himself, and then to argue out loud with others, drawing the rr's out from the deep of his throat. No French can-can could make him forget the dragging of a cock's wing as it prepared its spurs, ready to draw blood from crests that didn't crown frightened hens. He would write to his good stepmother Lolo, anxiety showing in his handwriting: "My dear Lolo, When the Justice of the Peace Pimentel should come by, ask him how my chicks are faring and, once again, remind him to keep them separated from the other hens to avoid deteriorating the breed. Is Paulo still taking care of the cock that stayed there? You can't imagine how much I miss them, it's hard to believe! I've missed them an awful lot. This damn Paris doesn't even bring me the consolation of hearing a cock crow!" Paris, June 15th, 1913.



I've missed them an awful lot. This damned Paris doesn't even bring me the consolation of hearing a cock crow! Is Paulo still taking care of the cock which stayed there? You can't imagine how much I miss them, it's hard to believe. On returning to Brazil, the blue in Jair's eyes hit Ruth's tanned seventeen years, noticing her growth. Ruth was ready to fall in love and during a walk around the civil servant's neighbourhood she felt he was following her and dropped her umbrella so he could retrieve it for her. The engagement was made official, filling Mendes Pimentel and Edmundo Lins with joy: each was already the godfather of one of the other's children. Thinking of marriage and cocks, Jair bought a piece of land adjacent to his father's yard, built a small house with red and gold wallpaper for the main lounges. For the waiting room, he chose the one with groups of three birds about to sing, perched on bamboo sticks. He took over the iron bed where brothers

had been engendered and born, set up a bathtub full of steaming water to soak in twice a day and so exorcized his many demons. It should not have been difficult to get Ruth pregnant but as children insisted on delaying their arrival, Ruth and Jair raised dogs until Beatriz, blue-eyed like her father but not a male like they expected, cried as she was born, two years after the honeymoon and Sonia, tan-skinned like her mother, came immediately after her,



insisting on being a woman. Groping in the dark within a structure measuring twenty feet

in length whose centre was a big plastic balloon with deformed walls, Lygia Clark stepped on a canvas, stretched just above the floor and lost her balance. In the dark she felt the walls which gave way just as the floor did. Lygia continued feeling her way along and penetrated into a space full of balloons which made her topple and fall; she managed to get out through the passage at the end of which one could make out a streak of light, feeling the harshness of fringes on her face at the exit of the labyrinth she built in 1968. Lygia cried, she had just been born. Deolinda, the midwife, her hair whitening against her black front, pursed her thick lips tutting, reprimanding as she murmured: a girl... Jair drew his lips into a whistle, and with larger strides than

his legs could manage, keys jingling in time with the swathe of his body, left to send a telegramme to his father, now Minister and living in Rio de Janeiro: "Woman born, 10 at night, Ruth is well. October 21st, 1920." Ruth corroborated



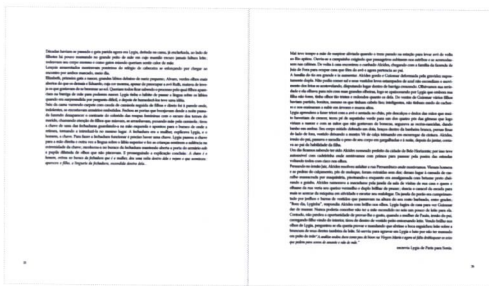
the fear, large eyes blinking: Lygia was born sitting down! She was a tiny October scorpion, whose cries climbed the walls, brushing against the yellow and green of the stained glass windows framed by black lines which spilled over into the street. Lygia, more head than body and more body than legs, had hungry eyes which searched for mother's breasts, sucked dry by sisters born before her. Overfilled with protest, the house echoed both the sound of father's voice, mad at himself, and Lygia's cries as she was lulled by Deolinda who insisted on consoling her with rice water. The yelling could be heard from the pharmacy, leaving mother, who disliked scandals, worried. Lygia, father and mother left in a cab to find the Italian Maria Antonia, still buttoning and unbuttoning her dress, allowing her breast through. She had just finished nursing a son, still tucked in her thick arm, skull almost hard; swallowing and sucking

he did not notice that he had become Lygia Clark's bosom-brother. Maria Antonia's breast popped out of the embroidered blouse. Closing enormous eyes Lygia began emptying it - her crying stopped. She tried the second breast and was taken home burping; on leaving the taxi she demanded to be put in Maria Antonia's lap as her breasts began to fill. Jair would listen to nothing, talking to himself, explaining to himself why he had ordered bricks: he would build a house in the yard for Maria Antonia, where she could feed Lygia on one breast and her son on the other. The hunger felt at birth had never left Lygia. Maria Antonia was back home with her son who had already been eating beans for two years. Helped by mother, Lygia would often have her bottle of milk and coffee lying down, big mouth whistling, her eyes roaming over the boards on the ceiling where salamanders slid. As her legs stretched, she would approach the whitewashed wall, unseen, and lick it. She was caught eating earth and this caused her worms being dislodged by a vermifuge given with slippers applied to her bottom, which was mother's way of naming buttocks. Lygia's nails began to be bitten off and her thin hair was tied by aching bows that would fly off at the first jerk: the long awaited Francisco was born and would tear out Lygia's hair. In the garden the ivy mother planted, climbed the walls, warmly dressing the house. Heraclito, Father's employee, climbed up the stonemason's ladder, then back down after trimming the green wall's beard and moustache. Jair had bought his father's house, for the latter was now in Rio. He worked, typing with two fingers, the bell ringing at the end of each line, thinking of buying bricks to pave the yard, thinking of raising more cocks. He divided the yard with beds where he planted a vegetable garden; we would run along their rims, trying not to lose our balance. Hens would hatch eggs producing chicks which were treated with iodine to cure their throats; father would pluck the cocks' feathers from their thighs and necks and rub rum into the holes in the flesh to harden it. As for the chicks, when they came out of their shells some might die, crushed by running feet. Father had made a wine cellar while whistling under the house, and wine from France was poured from the barrels in which it arrived into half bottles, then sealed with red for red wine and green for white wine. It was set lying on earth shelves and guarded by scorpions to be offered to guests and shared with Heraclito, found sleeping in the dark cellar one day. Once the wine had been sniffed and drunk at dinner, father used the barrels to stock tar. Lygia, wanting a black brother, convinced Francisco to jump into one of them and when he tried to get out, screaming and throwing up his lunch, his blue eyes rimmed with black, Lygia tried to stop him, and almost had her eye clawed out, leaving a clown's teardrop streaking her face along a thin cheek which mother so wanted to fatten. Lygia did not suspect that her first work of art was ready. It was applauded with a spanking which left mother's hand stinging. When father was not with his cocks he would squat and teach us to draw on the ground with pieces of broken stone pots, bringing forms that competed in size with the shadows of the trees in the yard. He would get up hurriedly, keys jingling in his pocket and be off to work. We would get bits and pieces and draw squares which would form into a game of hopscotch: jumping on one foot, kicking the stone which was not allowed to fall on the lines, we would spring over hell and purgatory, cross our feet and finally reach heaven, which gave us nothing in return, since we had lost nothing.



After lunch father pushed his chair back and left for work, leaving a house full of smoke behind. Grandpa Lins had arrived, blowing his nose in red-checkered handkerchiefs, fleeing the Rio heat. Grandma Lolo didn't like Belo Horizonte: there was nothing to buy. When she wasn't making sweets, she was knitting, when she wasn't knitting she would visit her sisters, when she wasn't visiting her sisters she would lie down to read a romance, when she didn't lie down to read a romance, she would make sweets again. Grandfather liked music and sprayed grandmother's legs with the ether-spray used at Carnival. Sitting in an armchair in the sitting room, he would turn on the record player and, keeping rhythm, would tell his grand-children to dance while he tried to sing. At night, the twenty-eight steps which led to

our room creaked as he arrived to tell us stories. We would climb on top of him to listen to him twine Latin phrases in his dry mouth which was full of strong yellow teeth brushed after every meal. He'd tell of incest, swans making women pregnant, water that Tantalus wouldn't drink, aerial depressurized horses, men turning into pigs after having slept with mermaids; tales told with a pointing finger making us believe them to be true. We would fall asleep and dream the Trojan horse was snorting and galloping around our stomachs. In the morning we'd jump out of bed looking for grandfather and wait for him to be through with his bath where he'd been soaking since the first crow of the cock; we wanted to see his fingers, wrinkled from the long stay in the water, then fill our mouths with spoonfuls of the good porridge grandmother prepared while still in her dressing gown. Grandfather would search the garden for the sun which allowed him to become a child along with his grand-children. He would throw coins on the ground and we would jump to retrieve them and if we fought, the blue stripes of his grey pyjamas laughed, shaking over his belly. He would look at Lygia, who hadn't reached the others' height not having been fed on mother's milk, and say she had been born in the gutter, a striped alley cat's daughter. Lygia would cry and grandfather would laugh, insisting loudly on the metaphor until summer was over. Lygia would bite her nails and at night would wander around in her sleep searching for mother. Grandfather and grandmother filled the wagon with their luggage to return to Rio, and the good-bye of their handshakes was full of joy for they knew, as we did, that next year they would be back, grandmother with her coloured knitting needles, grandfather with stories left bubbling in our ears, stirring Lygia's brains: *"I never thought that I had come by so many monsters due to the mythology of grandfather Lins' stories. I have strange symptoms, forms springing from holes in my body and turning into terrifying octopuses or big black spiders. It is an incredibly beautiful process: I opened my body with my hands in the form of a shell, in all capital points. After having found the serpent and the eagle, I can't stop eating the chicken I prepare with enormous lust."* Letter from Lygia to Sonia, Paris, May 24th, 1973.



Decades had gone by and the cat with kittens was now Lygia lying in bed, already "enClarked", next to her cubs who had just finished nursing on their mother's big breast, its dark nipple never out of milk; they surrounded her tan body in search of mother's heat, like kittens miaowing. Rumpled sheets showed the clock's arms trying to reach the mutually appointed hour, twelve o'clock. Elizabeth, first kitten born, had thick lips under a small nose; Alvaro, green eyes open wider than the others, and Eduardo, tan skin, besides worrying grandma Ruth, made everyone who liked to sunbathe jealous. They all wanted to know what process was responsible for the arrival of children in mother's belly and for birth. Lygia had the habit of moistening her lips with her tongue when surprised with a difficult question, and after so doing, she had an idea. She got out of bed, sweeping the floor with the end of her nightgown followed by children, and headed straight for the wall where built-in closets leaned lazily. She closed the doors that had yawned since the previous night, hiding the contrast between the coloured women's clothes and her husband's dark suits and called the miaowing children, scratching and pulling mother's nightgown for attention; she took the key from one of the locks holding it in her left hand and pointed to the keyhole from where she had taken it, then reinserted it. The lock is the woman, explained Lygia, and the man is the key. For the lock to work one needs the key. Lygia passed the key to her right hand and again, her tongue to her upper lip, she had the children feel the relief at the end of the key. She put the key in the keyhole and the open closet door was observed by dilated pupils in eyes that did not blink. Continuing her explanation she concluded: the key is the man, it enters the keyhole which is the woman, it turns inside her and sees what happens: the child appears, like the lock's tongue hidden inside... Mother had barely had time to catch her breath when the train which would take grandfather home to Rio whistled in the station. Everyone heard the bell that demanded the passengers to get on board and to their accommodations. Back home she found brother-in-law Alcides arriving with his family from their farm in Juiz de Fora to stay in the house that had been grandfather's and now was father's. Uncle's family was large and about to get larger. Alcides was fat and Guiomar deformed by the pregnancy which was thought to be twins. She couldn't eat salt and her light blue print dresses didn't hide the foetus' movements, elbowing each other for room in their mother's womb as they grew. We contemplated her seriousness and she contemplated back, dark rings under her eyes, falling in love with Lygia who had eyes as sad and round as hers but wasn't her daughter. Many children had come from Guiomar's womb. They were good-looking, even the ones with straight hair; intelligent, they weren't afraid of dogs and taught us how to climb trees and high walls. Lygia had learned to knit with grandmother and sitting on the floor barefooted with small fingers which would still grow much longer, she knitted a tiny shoe for one of the four feet of the twin girls to be born.

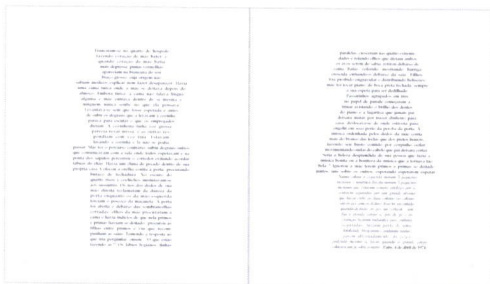
With hands which didn't like dolls, she would hold the new-borns, bathing them both. Her small body bent in two, arms in the white tub, thin legs sticking out, dress showing the V of panties which kept on sliding from the waist. Alcides, father's brother, passed by and rocked all over laughing and, at night, after dinner, would tell father how skillful his daughter was. One day we were told Alcides had been appointed mayor of Belo Horizonte; soon after he got a car with seats where we sat with our cousins for rides down dusty roads, after which all of us returned with specks in our eyes. Thinking of his brother Jair, Alcides decided to lay asphalt on Pernambuco Street where we lived. Men came with stones for the pavement, painlessly extracting the existing blocks or "pé de moleque", an irregular road frosting; gravel was to replace them and be flattened by heavy equipment that stomped it while it was amalgamated with black tar that smelled of guava. Alcides flirted with tarmac through the window of his sitting room and those who saw him from the street could see his red and double chin shining with delight; he would come closer, down the spiral stairs, to listen to the active machinery panting. From the cellar window he was greeted by knees and hems of dresses as they passed at the height of his shaved face held between the bars. "Good morning, little Lygia", Alcides would answer with a gleam in his eyes. Lygia had run away from home to see Guiomar nursing the babies. She could never accept mother's not having hidden some milk away in her breast for her. Nonetheless, she did not miss the opportunity of tasting it, when father's brother Paulo's wife, arriving from inland carrying her child, freed a breast, spilling milk on her dress. Seeing the shine in Lygia's eyes, she asked if she wanted a taste, and telling her to open her mouth, squirted milk over her white teeth, milk teeth. It only served to complicate things further. Lygia's mourning continued. "The analysis has been as hard as a buffalo's prick in the Virgin Mary and now I only have to unlock the breasts which long to be a lover's and not a mother's", wrote Lygia from Paris to Sonia.



The house we lived in stood in the middle of the block facing the Neves Brito Pharmacy, where we would buy mint tablets, when no one gave us any. Popped into the mouth it was like sucking wintertime. Under the porch, outlined by a red creeper, the garden stretched as if it were the house's bib. Jasmine's tiny star-like flowers greeted visitors and grocery men as they entered through the iron gate when it was not locked with a padlock. In the round flower bed with a ceramic border covered by green vegetation, a larger version of jasmine stood, forever budding flowers protruding from branch ends, giving off an almost artificial perfume. It was an Emperor's jasmine nicknamed the Emperor's foot stink. On the right hand side of the entrance, near the ivy wall, father had planted a palm tree to be seen from the street, and it grew without fertilizers, stretching its neck, pushed by a desire to be

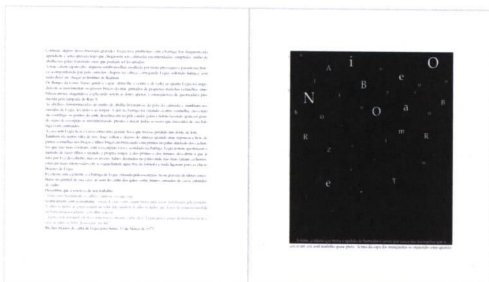
admired by people passing by. Its head resting on the floor of the veranda, a level higher than the garden, was a pink camellia we could not touch for at the slightest collision it would break out in blues and quickly yellow, as if it didn't want to play. It is in this setting that we would run, jumping on Heraclito's hot back, as he was always bending to weed the garden and dislodge armadillos that rolled into hermetic balls on the ground. Heraclito would stand up and dash off with us in races much shorter than we desired so that mother wouldn't see him with her children on his back, which she didn't allow. The garden was then raked and watered. We'd run through the water spray, betting on who could stay driest. The greenery in the flower bed in the centre of the garden waved the plaid of its leaves covered with diamonds of water, in thanks, while the forget-me-nots irresistibly called the sky's colour to come down. Everything was exciting, as if we were in paradise; all rules should be broken. We would climb on the wall hidden by the vegetation, our mouths spilling tap water to be spit on those who happened by in the street and, looking up, they would curse the plants which made us invisible, allowing only the clucking of our laughter to be heard. "I was tiny, in the garden of Pernambuco Street, sniffing and sticking flowers up my nose and suddenly I had the perception of the great mother - through her sex, the celestial vault. I opened the doll's black umbrella to protect myself and that's when I had the idea of a mythological tale that begins like this: in the beginning of the world the sky was a gigantic woman's sex. The sun seems to copulate with that sex and thus the moon was born. The great orgasms of the woman's sex were thunder and lightning and the rain was born falling over the surface of the earth where nothing existed. The earth began to organize itself, the rain formed the oceans and the great sex disappeared and space was created..." Letter from Lygia, 4. 4. 1974 Lygia had learned to exercise on the bar and on the parallel bars father had set up on the lawn under the lit-chi tree with her cousins; wearing pyjama trousers under a pleated skirt, hanging upside down by the legs, hair searching for the centre of gravity, Lygia would turn into a flower of plaid corolla, black-haired pistil and blue flannel stem, choreographing arms and legs, composing geometrical figures unfolding in space. She would run around

the yard pushing a metal arch driven by a fork made from a branch, scraping bricks along the way. It was time to drop it all, which is what she did when she tried to grab a golden feather floating in the air. On touching it she already regretted the gesture. A hairy caterpillar burned her hand and a yellow cover of medicine on her hand was needed to stop her cries. Along with the cousins, she was enrolled in the Grupo Barão do Rio Branco, where Beatriz and Sonia already studied. Dr. Alexandre Drumond, doctor, neighbour and friend, recommended that they put her in the Decroly course, where she would learn to read without knowing the letters and without spelling the words. Only after noticing the phrase profiles would she notice if she already knew how to read. Sitting at the desk of the "de cor li" course, Lygia kept her eyes glued on an engraving on the stand, showing a boy, briefcase in hand, followed by a running dog, walking in the school's direction under the shade of trees beneath a blue sky. The phrase written as an extension to be learned was: PAULO GOES TO SCHOOL. Lygia's look preferred to rest upon the coloured figures. She knew Paulo went to school but didn't understand how he could understand. After finishing the first year, Paulo stopped going to school, and Lygia spent the holidays playing with her cousins.



They locked themselves in the guest room making mother's heart pound and when mother's heart beat faster, red spots appeared on the white of her thick arms and doctors, ignoring their cause, were unable to make them disappear. There was a Turkish bed mother rested on after lunch. Although it was Turkish, the bed spoke no language at all and mother would dive into herself and no one ever knew what she was thinking. She would get up unexpectedly and, before going up the steps leading to the kitchen, she would stop to listen to what the servants were saying. The cook's deep voice made it sound like she was praying at mass, the others answering in a chorus of high pitched voices. They were washing the kitchen and no one could pass. Mother retreated to her room, going up a different flight of steps leading to the room where people waited and on the tips of her toes followed the corridor, trying not to awaken the planks

of the floor. There was a climate of sin in her house. She put her ear to the door, searching for the keyhole. In the darkness of the room, whispers and giggles were interwoven with murmurs. The knuckles on her right hand complained about the door's hardness, while those of the left hand grasped and then turned the knob by the neck. The door opened and brows frowning, her eyes searched the bed for clues that would denounce the cousins that had been there; she sought out her daughters amongst them and found them rearranging their skirts. Fearing the answer to what she would ask she only ventured: "What are you doing there?" The parallel lines of Lygia's lips grew along the four edges and rolling what grandparents said were thrushes' eyes, retrieved from under the bed a coloured balloon, placing it under her skirt to show a swollen belly: "Making children." It was forbidden to become pregnant and, pinching everyone, mother left to play the piano, its black mouth, now shut, always waiting for her fingers. Birds in groups of three on the wall began to chirp at the sight of the piano's shining teeth and the salamander that father never allowed to be killed for it brought money to the household, moved from where it had been to swallow dryly by the "peroba" wood door. The music was milked mainly from the white of the keys rather than from the black flats, extracted by mother's fingers, provoking a quivering of her breasts held by a bodice, swaying with the waves of the hair father had allowed to cut. Was it the beauty she exhaled that made the music beautiful or the beauty of the music which enhanced her own? Mother ignored that the cousins who had lain together on top of each other, hoping to expect. "On a hill to the left live five little girls and on another to the right live five little boys who were always sad for they felt separated by an enormous abyss between the two hills (the hills are the feet and the toes.) This was invented lying down, feet in the vertical position - one day the big body stood up and all the children were gleeful because, although still apart, they were now part of a whole; they played and walked together alternately and, at times, could even touch each other when the great body put one foot over the other." Paris, April 4th, 1974.



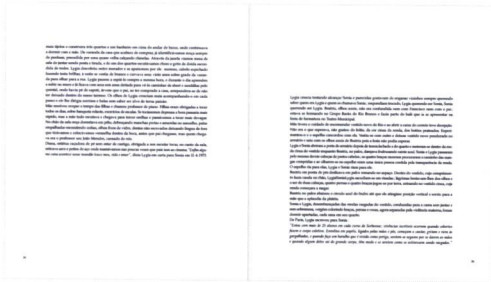
At any rate, after this frustrated pregnancy, Lygia had problems with her stomach. Appendicitis was diagnosed and would be operated on as soon as the six nightgowns, ordered long with the upper half gathered like a beehive pleating the skirts that could be lifted, were ready. Mother put on high heels, arched eyebrows besieged by bad omens and her beauty accompanied father by the arm, his hat on, carrying Lygia, puffing smoke and saying not a word until the Radium Institute had been reached. Short, fat and able, Dr. Borges da Costa opened Lygia's belly and once back in her room all movement was prohibited.; mother's thick arms, all speckled in red, prevented her, caressing her, explaining that the pain was merely a consequence of the burn left by the X-ray. The chloroformed

bees from the beehives freed themselves from the nightgown's straps and buzzed in Lygia's ears, provoking a kind of numbness. The pain in her belly slowly became a red scar, growing till it reached her belly button, the stitches drew the legs, tail and sting of a scorpion which moved, ready to attack every time the stomach muscles contracted. Without Lygia the house was empty like a mouth that had lost its milk teeth. She missed us too; back home, while mother, arms freed from freckles, rested after lunch and the children fought playfully with their cousins in the no longer existing dogs' brick patio, Lygia tried to improve her method of making babies, the scorpion alive and awake on her belly. Taking off her clothes, those of her cousins and brothers, she discovered what Eve had before her but the Adams, nude in the patio where dogs no longer barked, were more interested in squirting each other with cold water from the tap and didn't care one bit for Lygia's conjectures. Eve kept her rights and Lygia's belly, traversed by the scorpion, became pregnant with ideas conceived in her house's yard, to the sound of cock's crowing, within walls crowned with coloured pieces of glass. She discovered that the essence of her work *"was inspired by testicles, a creative, live substance."* She dressed the young students with *"Caesarean clothing whose womb yielded fruit to be distributed by the bearer, eyes closed, to someone in the group sitting around him, eyes closed also, and after taking the first bite passed it on without knowing to whom."* *"Now I am thinking of making a costume with a womb full of water for the Sorbonne group to wash their faces and hands or drink it, how about that?"* Extracts from a letter from Lygia to Sonia, March 19th, 1973. In Belo Horizonte, nicknamed the "Sierra of the Corrals" because of the mountain range around it, the night was dark blue, almost black.



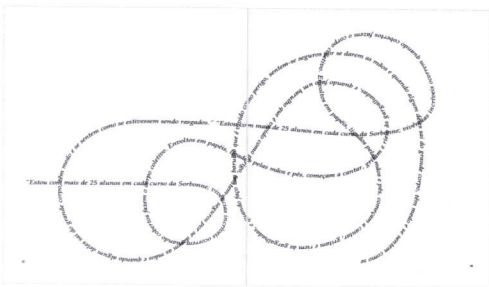
Over the mango treetops hovering like umbrellas under the rain of stars, was a moon which would hide when it didn't want to show itself, only appearing on extremely beautiful nights; but few ever saw it for being *"mineiros"*, they would drink their tea with maize porridge and go to bed early to make children. Father demanded something to chew at dinner with his horse jaws and after imposing silence at table would grind with his teeth the fat forming a border with the edge of the plate around the sometimes roasted meat. Coffee was served once the cigarette had been rolled with corn leaf and, before lighting it, he would suck in the heat of the coffee, drinking it in one gulp. He would push back his chair, scratching the floor polished in the morning and with a mouthful of words uttered to himself, crossed the kitchen door to rub alcohol into his cocks' featherless necks.

Mother would also get up from her chair and with her thick arms would take her daughters by their thin arms to bed in the room adjacent to hers. She would say the Hail Mary and we would repeat without understanding the meaning of the words, eyes fixed on the rim around the room where aunt Lygia had painted figures representing coloured animals and dolls. The lights were turned off, stars would start shining. Sometimes our sleep was interrupted in the middle of the night by mother's coming into our room, her white nightgown flowing in the dark as she yelled incomprehensible words, menacing the furniture and walls with eloquent gestures. The following day we were told that although she was talking and fighting she was asleep for she was a sleepwalker. So when Lygia was found sleeping on a step in the staircase we knew whom she had taken after: mother. The same gestures, the same staring eyes in her nightgown haunting brothers awoken by words pronounced out loud, tongue rolled inside her mouth. But when silence followed its course without being broken, eyes closed and breathing rhythmically as in a rehearsed ballet, all the children grew in the dark: the mangos ripened on the branches, the *"jaboticaba"* streaked their skins and bats in black capes came to taste them, cleaning their teeth with their whistling and opening their nail-tipped wings, moving quickly, frightened by the flapping wings of the first cock as it cleared its throat to announce daybreak. Father knew which cock had awoken the day and, going back to sleep, his ears could distinguish the flapping of other wings and other choruses. Waiting a little longer he would get up to sharpen his razor until it would divide a hair down the middle, thinking of buying the neighbour's house put up for sale. The keyboard of the Remington typewriter had been tapped by father's four fingers, two on each hand, its speed interrupted by the bell ringing to warn that the end of the line had been reached. Filling pages with print as black as the coffee served at ten in the morning in his office while he disconcerted clients, Jair was not to be interrupted until he bought the red brick house on the corner of Pernambuco and Claudio Manoel Streets. Looking from the outside no one could tell it had a wall inside dividing it in two. Neighbours seemed so close in the almost Siamese windows, despite the fact that they didn't know each other. Without mother's being aware we observed father from the window of our rooms which were now on the second floor,



since he had ordered more bricks and had built three rooms and a bathroom over the ground floor where he continued to sleep with mother. On the veranda of the house that had just been bought we could already identify a lady always in a red robe, preceded by an almost old woman in slippers. Through the window we saw a dining-room table being set and cleared, and from one of the rooms we could hear the crying and screaming of a mad-woman hidden from everyone. Lygia discovered another resident and fell in love with him: tanned, hair stretched back making his front shine, at night he would dress in white and lean his twenty years over the railing of the veranda to watch the street. Lygia began to spy on him, always at the same time and, during the daytime, she learned to climb on top of the wall and would lie her six years there, to see him walking in bermudas and sandals in the

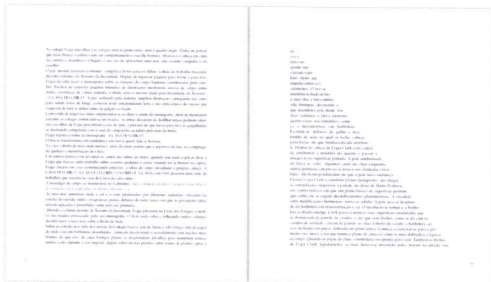
yard where there was a "sapoti", a tree which father regretted not having left in our garden when he bought the house. Lygia's eyes grew larger following his every step and he would offer her candy and smiles not knowing he was the object of a warm passion. Mother decided to occupy her daughters' time and called for a piano teacher. Daughters on adjustable stools were forced to practice scales every day. If we played quickly the hour went by faster but mother heard everything and would come to pull our ears so we would play more slowly. A jaguar dozed on the sitting room floor, its black and yellow spotted skin leaning on the planks of the floor, stuffed paws hiding its claws, glass eyes fixed, unbrushed teeth allowing a red tongue to hang out; we would take it out and stuff it back into its mouth before father arrived, but it was our teacher Mr. João Mendes who arrived, tired of us. Diana, the hunter, stood unpunished in the corner of the room, forced to listen to our music. We would feed on her breasts the few times our parents went to the movies as she stretched the string of her bow. "Finally something is happening in this crazy world of mine - love and life", said Lygia in a letter to Sonia on 11-IV-1973. Lygia was trying to catch up with Sonia and looking alike they liked to fool neighbours forever trying to figure out which one was Sonia and who was Lygia; they would answer by switching, Lygia wanting to be Sonia and Sonia wanting to be Lygia. Blue-eyed Beatriz was taken to be neither Francisco nor her father; she was studying at the Barão do Rio Branco Group and was in the ballet which would present itself at the Municipal Theatre on graduation day. Mother had been attentive and had ordered a new dress from Rio, but when the box that arrived by mail was opened, she was disappointed. It was not what she had expected. She didn't like the cut, nor the grey lace, nor the silver buttons. She tried it on and the mirror agreed with her. She put another dress on, left the new dress hanging in the closet and was off with Beatriz's blue eyes to the party that would not wait. Lygia and Sonia opened the closet door after shutting the bedroom door and penetrated the dress' grey lace while Beatriz ruffled her blue skirt, dancing away on stage. Sonia and Lygia fitted black-haired heads through the same low-cut neckline; the four tanned arms searching for the way to the long sleeves and, looking in the mirror, they were one and the same person contained by the lace's transparency. The mirror laughed at them and they laughed at the mirror. Beatriz slid on the stage on tiptoes, rowing in space. Within the dress which left a lengthy tail on the floor, LygiaSoniaLygia rocked with laughter; the double-headed creature with four legs and four arms threw itself on the floor, tears springing from its eyes, peeing on the grey dress whose lace had begun to tear. On stage Beatriz lowered the circle of the blue ruffle of her skirt, until it reached the vertical position and smiled at mother as she applauded from the audience. Sonia and Lygia, freeing themselves from the dress' torn lace, were driven to bed without supper nor dessert, blue marks colouring their arms, legs and thighs, went to sleep each in her own separate room, taken apart by mother's violence. Lygia wrote Sonia, from Paris:



"I have more than twenty-five pupils in each course at the Sorbonne; when covered they form a collective body. It is an incredible experience. Rolled up in paper, connected by hands and feet, they begin to sing, they yell and burst out laughing and when I make a noise, they feel threatened and safer by holding hands. If one of them leaves the large group they are afraid and feel as if they were being torn apart."

The city of Belo Horizonte grew along with us. Grandpa Lins would come every year to be in the parade at Carnival with his grand-children in Dutch clogs hurting their feet, as red satin Satan with a tail that did not wiggle, or covered with yellow organza feathers turning them into canaries that did not sing. Lygia's costume was always like Sonia's and all would laugh when Grandma Lolo screamed, feeling the cold ether spraying her legs whose beauty Lygia had noticed before everyone else. Grandpa Pimentel, working in Minas, had been appointed Rector of the University. The govern-

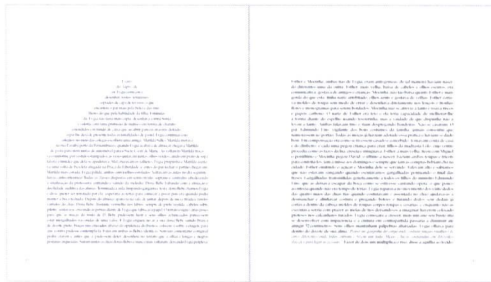
back its leg, holding it with one of her hands, her green body keeping rhythm like a pendulum. She was applauded by everyone standing up. The seamstress was brought in to take her measurements for the Sacré-Cœur de Marie School's uniform. Lygia seemed small in the blue pleats of her skirt which opened when she ran and swirled, her feet free in the air, hands clinging to the iron posts which held up the covering of the corridor that linked two pavilions. In the afternoon we returned where we didn't always want to go, home, mother telling us to take off our uniforms, whereas we preferred playing with them on. In the yard the vines bent under the weight of coloured grapes. Father's hens would rise in short flights and land choking, their beaks full of grapes. He had to move them to the orchard, which was now his, in the garden of the red brick house. Lygia and Sonia arrived from school and hesitated to change their uniforms and only after mother's continued insistence did they go up the stairs to the second floor. Night was falling and fear followed upstairs, stepping on heels climbing step by step until the two sisters reached their rooms; shadows spread over the walls. Nails chewed off were spit out while they gathered the courage to look under the frill of the bedspread. Not finding anything, a frustrated relief was felt. The next day the same fear would be waiting for them, hanging onto the room's very high walls, the enlarged windows protected by black bars. When there were no visitors in the sitting room they would come sliding down the handrail and their fear knew how to remain silent until bedtime. Lygia owned the dressing table which took up the whole front of her room. She'd sit on a pouffe in front of the mirror looking at her straight hair and, dreaming of making it curly, would put metal curlers which would stop her from sleeping, over her ears, until rebellious hairs began to fall off. Lygia was rewarded when she arrived at school in the morning and her classmates would ask her to comb them and, even Carolina, her teacher, would come into her room while Lygia was still asleep. She would let her hair down, noisily undoing her bun to wake Lygia up and, still in her nightgown, Lygia would divide Carolina's hair into organic lines, unbraided until then, dividing the scalp into regions so she could leave the classes she gave and immediately go meet her boyfriend. Lygia would get back into bed looking tired and sometimes fell asleep again, forgetting to complain.



At school, Lygia didn't look at classmates nor at the teachers, not even at the blackboard. She might even think it was white. She received seven out of ten for behaviour and that was enough for her. She would lower her head over her desk and draw. It was her turn to present a thesis on a subject of her choice. Father, even when he was saving, bought books for his children; he arrived home from work bringing eighteen volumes of the "Treasures of Youth." After leafing through its pages, forwards and backwards, Lygia decided to do her report on the functions of the human body, coordinated by the brain. Portraying the inside of the body as a building several stories high, she filled the illustrated pages with words. The title would be the same as the one in the "Treasures of Youth:" "Chico's House". Seduced by her subject, Lygia enlarged the illustrations, insisting heavily

on the colours and writing the text with round letters so they would be seen from afar. She was so sure of her success that she forgot to bite her nails before stepping up on the podium. With her paper scroll in her hands her first surprise came with the title she announced. Her astonished classmates giggled as she writhed. The Sisters stopped fingering their rosary beads to ask for silence and, as the roar spread, Lygia's eyes travelled around the classroom searching for the source of such laughter which competed with the sound of the bell shaking in the Sister's hand. Lygia repeated the name of her report: "CHICO'S HOUSE!" The laughter spread like an epidemic and no one was spared from it. In the ivy-covered house where she lived, behind the black gate which protected it from the street, only the maidservant said "Chico" for menstruation. A smile insisted on lifting the corners of the Sister's lips, when suddenly, without explanation, she told Lygia to do another report on the same subject and, turning her back, went to the chapel for blessing. Lygia arrived home and, thrifty with words, the idea of the body invaded her head: CHICO'S HOUSE, THE HOUSE IS THE BODY, THE BODY IS THE HOUSE and in 1968 she hatched a series of works which had been born in Chico's house decades before. The nostalgia of the body could be found in the "Labyrinth", "where man encounters his body through tactile sensations coming from objects outside himself." The sensorial masks where colour and sound produced by different materials put to the ear, along with different fragrances taken to the nose, made the tactile perceptions sharper and perceived as if for the first time. Opening Vol. XVIII of the "Treasures of Youth" to the "Book of Whys", Lygia searched for the reason her report had provoked such laughter. The Book knew nothing of the sort and so Lygia decided to do her new thesis on the silkworm, leafing through other volumes. She stepped up on the podium of the Sacré-Cœur de Marie School's Science Club with a scroll out of which flew painted butterflies; she began by describing the mating with males more

beautiful than the females, from whose flat bellies hooks sprang during their wedding flight to hold fast the females. The males would then let them free on the stems of plants, already pregnant and ready to spawn. Then, they would exhale an odour which prevented further mating. The eggs remained closed for three to five days, at which time a tiny larva would break out, devouring everything it found on its path. In two weeks the larva multiplies its size by four and the metamorphosis into a butterfly begins. It hides itself under a branch and weaves its silk pillowcase in which it encloses itself, upside down, until the stretched case bursts. The idea of breaking the painting's frame and integrating it onto the painted surface came to Lygia. The cocoon bursts and the larva is free. Some fall to the floor while others remain tangled in the webs and are called chrysalises. There they remain, hanging, until their new skin hardens. Lygia Clark went on to construct juxtaposed planes which would reach the constellations hanging on the wall, as Mario Pedrosa would say, the counter-relief where one basic plain surface allows the "construction of unfolding planes" over it. The chrysalises undergoes hormonal change, becomes an adult. The changing butterfly sheds its dry skin which falls off. The covering breaks and the butterfly emerges, ready. Clark goes on to identify her modular surfaces which move away from the wall of cocoons saying that her creatures, as happens with real cocoons, fell on the floor from the wall. Free from the cocoon, the butterfly falls, its wings closed in prayer, folded in a single plane. It begins to exercise for its first flight, moves the wing, forming the upper plane as if it were bound by a hinge to the body. Lygia Clark's "Bichos" (animals), the lepidopters, would have flown, in the same way, had she invested in them any further.



Lygia began to draw female faces which pleased father more for their beauty than for his daughter's skill; they were copied from magazines, using coloured pencils. Stimulated, Lygia no longer copied but drew her sister, Sonia, whom she coloured with a profusion of cigar-shaped shades, taken from a box where they spread like a rainbow lying down, when it was opened. Father had given her all the hues of pastels as a gift. Lygia continued in school and picked a friend amongst her classmates: Marilda Salles. Marilda lived on Paraiba Street near Pernambuco Street and when Lygia finished lunch Marilda arrived with her briefcase for them to go to Sacré-Cœur de Marie School together. When they arrived back, Marilda would change her uniform for a print dress and they would sometimes have dinner together, her green eyes falling into the bowl of soup, overtaken by shyness. As soon as their knives and forks

were crossed in their plates Lygia would propose a bicycle ride and Marilda would accept. They were rented on Liberty Square and before father closed the gate they would be back, Marilda flushed and Lygia pale, both with scraped knees. At school the next day there was choir rehearsal. All the classes were arranged in a semi-circle, the soprano and the contralto followed the teacher's signals, in and out of the melody. Mrs. Bébé drooled over her pupils' acoustic docility as well as their singing in tune. Once, when class was over, clearing her throat and wiping her forehead, Mrs. Bébé called Lygia and said she would like her portrait done. She said she would wait for the holidays before starting to pose since it was then that she could keep her mouth shut. Mrs. Bébé would arrive in the dining-room after lunch, once the table had been cleared and the crumbs swept, with lots of red on her lips, always in black, her hair stiffened. She would sit, legs crossed, in front of Lygia who scribbled on her paper. In order to capture the shining apples on Mrs. Bébé's cheeks and get her Chinese-like eyes to look as if they had dived into the waves of a waltz, the portrait required many days of posing. Lygia lifted her Mrs. Bébé in the air, white rising out of her black neckline, nude arms crossed below the opulence of her breasts, setting it on the shelf so the other could contemplate it. Both "Babies" were identical. The original asked for a crayon, without making any comment, and before she could be stopped, drew black curly eyelashes on the portrait which looked at her. The two "Babies" left together and never returned, leaving Lygia quite perplexed. Esther and Mocinha, both aunts of Lygia's, were anti-twins, so different were they from one another. Esther, the older of the two, was short and dark-haired, communicative, liked friends and children. Mocinha, was fatter but not as short as Esther, had a turned-up nose, blue eyes and appreciated the elderly. Esther could cut dress patterns without fearing mistakes and drew flowers and monograms directly on sheets and pillowcases to be embroidered. Mocinha did not dare as much and used instruction patterns and carbon paper. Esther's nose was ugly and she had the capacity to improve it using scissors in front of the mirror but the vanity she disposed of did not push her that far. Both spoke in a high-pitched voice and laughed loud and free. They didn't marry. Their father, Edmundo Lins, always on guard for the family's reputation and manners, never allowed them to flirt at the gate. All the young women had already adopted that method successfully. On the other hand, it was as if they had married and conceived: they took care of the house and money, and each had a child to raise for their stepmother Lolo, whose womb fol-

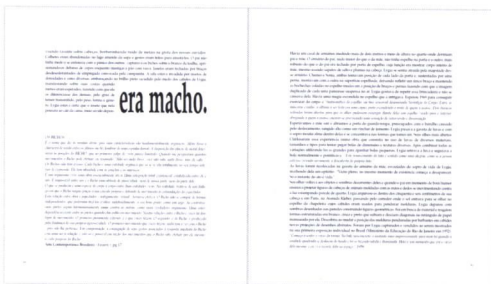
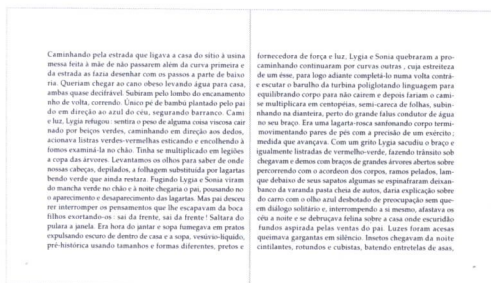
lowed the moon in its phases, growing and waning. Esther, the elder, kept Miguel, the second to the last and Mocinha kept David, the last to be born. They both made clothes and knitted to decorate them, went to church on Sundays and would have plenty of tea whenever they went shopping downtown, Esther not taking sugar while Mocinha had plenty. They spoke loudly and we knew they were not fighting only when we heard their laughter punctuating the end of their sentences. Laughter, genetically transmitted, was given to all of Minister Edmundo Lins' children, he himself letting it escape from his mouth as if he was singing an opera, something which only happened when he was on holiday. Lygia followed the movement of the twenty fingers on the two aunts' hands when they were sewing and sitting on the floor, would help them undo and tack the sewing. Sewing on buttons and pricking her fingertips unprotected by thimbles, she was already cutting patterns for "clothes bodies and clothes caesareans" in her mind, and while she could not execute them she would darn uncles' socks, which set them thinking they had put prosthesis in the holes of their heels. Lygia began to grow and in one year her breasts developed impatiently while her waist reduced to fifty-two centimeters. Her eyes kept their lids down, looking into the plunging neckline of her soul. "I think of the body's geography when I sew the different coloured knitted garments where all will get in to form one body. Socks and gloves sewn in different directions to bring people together." To turn two into one, one multiplies the laughter, said the needle to the cloth.

Walking down the road that runs from the farmhouse to the power station, Lygia and Sonia broke the promise they had made to their mother not to go beyond the first curve and continued along other narrow curves, drawing first the lower end of the S and completing it around the next bend. They wanted to reach the wide pipe that carried water home and listen to the sound of the polyglot turbine as it spoke a language they could almost understand. They crept up the back of the large pipe, taking care not to lose their balance, thinking of running on the way back. The one bamboo stalk father had planted had multiplied, becoming a half-bald centipede climbing towards the blue of the sky as it held the bank in place. Walking in front Lygia cried as she reached the great phallic water and electricity conductor: she had felt the weight of something sticking on her arm. It was a caterpillar, its ribbed body ending in green lips as

it walked towards the fingers moving its pairs of legs with the precision of an army. It set its green and red stripes in action, stretching and shrinking as it advanced. Lygia shook it off her arm with a scream and we proceeded to examine it on the ground. It had multiplied into legions of likewise green and red stripes, moving under the treetops in a constant traffic. Looking up to see where they came from, we found the shaved, open arms of grand trees over our heads, caterpillars moving up and down the naked branches in place of the leaves, licking off the green that still remained. Fleeing the scene, Lygia and Sonia could see the ones they reduced to spinach under their feet, leaving green stains on the ground; in the evening father would arrive and, putting his briefcase full of legal documents down on the veranda bench, would tell us all about the coming and going of the caterpillars. But, instead, father got out of the car with the blue faded from his worried eyes, unable to interrupt the thoughts that slipped from his mouth in a solitary dialogue and pushed his children aside urging them out of his way. Night had jumped down from the sky and lay like a feline over the house into which darkness had crept through the windowsill. It was dinnertime and the smoke exhaled from the soup bowls was inhaled by father's nostrils. Lights were turned on, driving the dark out of the house and soup as the liquid Vesuvius burnt our silent throats. Insects arrived from all over the pre-historic night wearing different sizes and forms, sparkling black, rotund and cubical, flapping interlined wings,

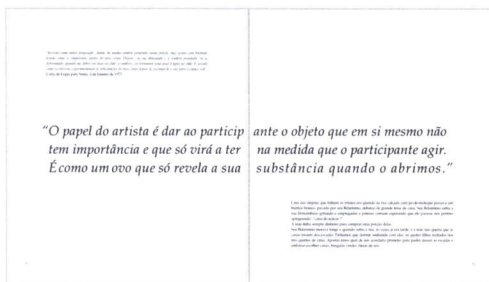
whizzing overhead, bubbling metallic sounds in the grottoes of our ears. Spoons were left abandoned in the yellow lake of the soup to shoo them away with uncoordinated gesticulation. Father was not afraid and was furious at the others' panic; he'd capture the animals on the white tablecloth, gaoling them under glasses while he angrily chewed his bread. Windows were closed by undeodorized servants' arms, summoned with a bell. The dining-room was invaded by insects of different colours and densities, entangling themselves in the shining black of Lygia's hair, shaking with fear, showing up on her back when least expected, obliging her to differentiate them from the rest by the degree of fear they transmitted by their weight, form or gender. Lygia was sure that the insect which landed on her in bed, half a century later WAS A MALE. THE ANIMALS It's the name I gave my works, for their characteristics are fundamentally organic. Besides

that, the hinges linking the planes remind me of a spinal cord. The way the metal plates are set determines the ANIMAL's positions, which at first sight seem limited. When people ask me how many movements the ANIMAL can accomplish I

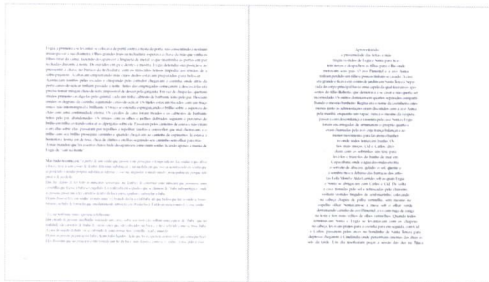


answer: "I know nothing about it, only it knows..." The ANIMALS have no inside or outside. Each animal is an organic entity which only reveals itself entirely according to its internal expression and timing. It has an affinity with shells and molluscs. It is a living organism, essentially an active work. A total integration is established between itself and us. It is impossible to maintain a passive attitude between ourselves and the ANIMAL, on our side or his. What has been produced is a kind of hand to hand fighting between two living entities. In reality, it is a matter of a dialogue, according to its own defined circle of movement, in reaction to the spectators' stimulation. This relationship between spectator and work of art - virtual in the past - becomes real. The ANIMAL is not composed of independent forms, which could make them evolve indefinitely, at their own fancy, as in a game. On the contrary: their parts play harmoniously, the one against the other, as in a real organism. There exists an interdependence amongst the pairs when they are in motion. There are two types of motion in the relations existing between you and the ANIMAL. The first is purely exterior, it is what you do. The second is the ANIMAL's, it is produced by the dynamics of its own aggressiveness. The first movement, the one you can do, has nothing to do with the ANIMAL - for it doesn't belong to it. On the other hand, the conjugation of your gestures, associated to the ANIMAL's immediate answers creates a new relationship, and this is only possible due to the movements the ANIMAL knows how to make on his own, the ANIMAL's own life. (Arte Contemporânea Brasileira, p. 17). There were a couple of closets two-and-a-half meters high in the room where mother and father slept. Father's closet, no larger than mother's, did not have a mirror on the door, and the other, more robust than father's, was kept shut by a mirrored door whose duty it was to show mother's entire body, even when on high-heels and with feathers on her head. Lygia was attracted by this wardrobe's majesty. She would call Sonia, they would take their position on either side of the door. Standing on one leg, they climbed on the mirrored surface each using the other, letting only one arm be reflected and, while keeping their cheek glued to the mirror, they would change the position of arms and legs, giving the impression that their reflected double image was suspended in space. Lygia liked repeating that game and never tired of it. There was a kind of magic hidden in the mirror that intrigued her. She waited until 1969 to exorcize the phantasmagoria of the mirror from her body in a sensory phase called Nostalgia of the Body. *"Amongst the masks made was a black hood which hid the wearer's face. Two round holes were cut so the eyes could see a mirror before them, forcing the looker to turn inward, provoking a feeling of introversion and disassociation."* We would wait for mother to go out and open the wardrobe's door, worried about the noise the movement made, a loud whining like the neighing of a mare. Lygia would pull out the glove drawer and blow soul into them, concentrating on the forms they took. Her eyes more open still, "Clarked" this experience into a work which consisted of wearing gloves of different materials, sizes and textures. After combining all the different variations, using large gloves to grasp little balls, Lygia would take off the glove and hold the ball normally and point out: *"This rebirth of the tactile is experienced as joy, as if the person were reliving the discovery of his own touch."* The gloves were put back into mother's wardrobe drawer and, emptied of Lygia's vital breath, received an epitaph instead: *"Full emptiness begins to vanish the moment it exists. Only the momentary act is life"*. Her gaze returned to the objects and the shadows they formed and when father, momentarily in a good mood, taught us how to project animal's heads moulded from hands and fingers moving against the light, stamping the walls in the room, Lygia would register them within the fifty-six centimeters of her head. Once in Paris, at Avenue Kléber, going down the hall where the sun came in to see herself in the hat-rack's mirror, its hooks taken up by hanging frames, Lygia met with shadows forming geometric figures traced on the walls. She went in search of material and recovered the forms which rose and descended diagonally on the white rectangle of the paper she handled, with white, grey and black structures. Changing the positions of the frames tied with threads on hangers, she discovered new projected abstract drawings. They were captured by Lygia and sold when shown at her first individual exposition in Brazil. (Ministry of Education, Rio de Janeiro, 1952.) *"I begin to feel the emptiness of forms. In the neo-concrete ballet, I found the most impressive moment to be when the square unit moved from the background and became clearer and more illuminated. There was a moment when it was emptied of itself and I saw its outline in space."* (1959).

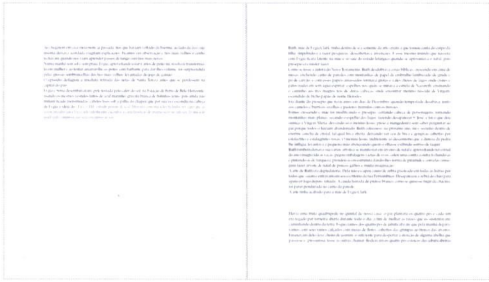
"I invented another proposition: facing my shadow projected on a wall I gesticulate tensely, as if pushing parts of my body. Then I start to lean down and the projected shadow starts to get deformed. When I double up on the floor, the shadow and myself form a puddle of water on the floor. It's funny, as if I were experiencing my body's joints after having recomposed it and gone out into the real space." (Letter from Lygia to Sonia, January 4th, 1973). *"The artist's role is to give the participant the object, which is not important in itself and which will only be when the participant begins to act. It's like an egg which only reveals its substance when we open it."* One of the brother's and sisters' joyful moments was when a white donkey, drawn by Mr. Belarmino, came up the street paved with round stones, under a huge load of sugar cane. Mr. Belar-



mino would call "sugar cane!" and servants and mistresses would run to wait for him to stop at the gates. Mother always had money to buy a bundle of them. Mr. Belarmino lived far away and when he came up the street, sometimes it was already late, and mother wouldn't allow the cane to be peeled. We were forced to sleep, dreaming of them, four children locked in the three rooms upstairs. We would bet to see who would wake up first to go downstairs and choose the cane, one of the green walking sticks full of knots.

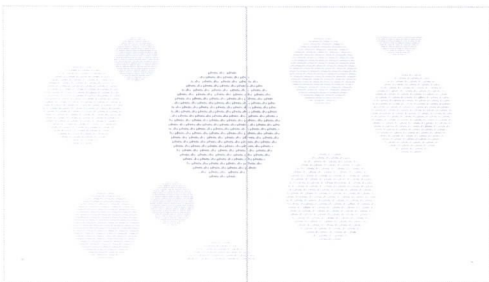


Lygia, the first to get up, would take her place in profile by the door slit and would not allow anyone to get in front of her. Her large eyes fixed on the lock, she would wait for mother's key to come get her children out of bed, making the metal bolt of the lock disappear after keeping the double door shut during the night. Ears pricked and white teeth showing, Lygia would defend her position, and, feeling the key in the keyhole, muscles tense, would prevent her brothers from overcoming her. They wound up pushing mother, whose fingers were ready to pinch. There was tumbling down the staircase and dashing down the corridor until the kitchen, where the sugar cane had spent the night behind the door, was reached. The porridge full of skimmed milk had to be eaten, even if there was no way of getting it down, before the maidservants peeled the cane. But, before that, before the sucking began, the children wanted to ride them around the yard. Each one had a string halter father had made. Down the kitchen stairs rode the children, sugar cane sticks taken for mounts. The bricks were marked with a single stroke, shining, unbroken. The dash lay its glimmer over the harsh pavement in endless continuity. The sugar cane horses were stopped and the string halters put aside. Eyes on bending knees followed the glittering trail that lay open, careful not to glue sandals on it. Taking no notice of the dew covering the beds of spring greens, they had gone by cabbages cabbaging, smelly "taiobas" and cauliflower, the sparkling trail continued on its way and when the spinach bed was reached, there was the benefactress, a pink slug full of horns and ears, going about its business without looking back. Mother ordered that the floor be washed and everything disappeared as if in a dream, leaving only Lygia's compulsion of "getting downstairs first" behind. But it all came back "starting with a dream which began to harass me all the time. I would dream that I would open my mouth and draw a never-ending substance from inside, and as this went on I felt I was losing my own inner substance and this distressed me very much, mainly because I couldn't stop losing it. One day, after having made the sensory masks, I thought of making a mask with a spool so the drool could be swallowed. Following that, the "anthropophagous drool" as it was called, was executed, people having spools in their mouths so they could spit out and swallow their drool." "After that I only had one dream: once again I was drawing that drool out of my mouth, until everything that had come out turned into a plastic tube which I immediately put in my mouth. I never had that dream again." "I carried out a beautiful experiment at the Sorbonne: a circle of people kneeling around a guy are drooling on his face, this drool coming from coloured threads on spools in their mouths, the thread being pulled out like the drool. The guy's face gets covered by that mass of red, blue and yellow threads. Then the people hold on to the drool and all are connected. I think it was the strongest experiment I was able to do. They said that to begin with they were taking a thread out of their mouths but then it was like turning their insides out." Taking advantage of the fact that the holidays were coming, mother dyed Lygia's and Sonia's dresses for them to look new and sent her daughters to Rio, where her parents lived. Grandpa Pimentel and Grandma Aurea had lost a son and few had married. The house was large and stood in the centre of a garden in Santa Tereza. Separated from the main house was a chapel which they had transformed into Roberto's room, as he was taking a long time to marry and didn't want to be disturbed. The others slept in separate rooms, sharing the bathroom. The cook was called Regina and in the morning Grandma would discuss the day's menu with her, complaining about her mistakes, while a boy, never the same one that had left the evening before, suspiciously swept the house. Sonia and Lygia were told to clean their own room and would be called by Grandma, her braid swinging at the slightest movement, to wash the bathroom everyone had used. The younger uncles, Cid and Carlos, shared a taxi with their nieces to go to the beach in Copacabana where the waves were cold, the ice cream pineapple and freezing, the sun hot and the shade cool under the umbrellas of artists Leila Morel and Alda Garrido, refuge where Lygia and Sonia sought cover along with Carlos and Cid. Back home again, baked by the sun and refreshed after a shower, they would slip their navy-blue dyed dresses on, putting red straw hats on their heads without even glancing at the mirror. They'd sit at the table under Grandpa Pimentel's green look which poured fondness over them, Grandma wearing her mad frown, and the older uncles' eyes simply red. When everyone had finished, Sonia and Lygia would get up, straw hats on their heads, take the plates to the kitchen and catch the Santa Tereza tram with Cid and Carlos, under the arches, to arrive quickly at Cinelândia, where they would wander in the movies from two in the afternoon till six. Once they decided to go to the ten o'clock show in Tijuca.



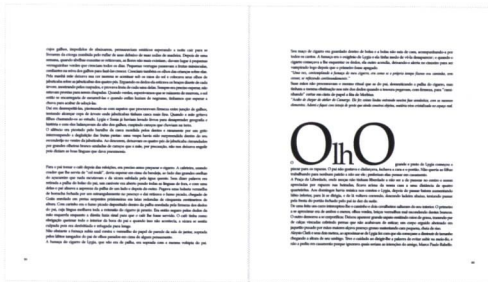
Arriving home after midnight, uncles already home from their evening fun awaited explanations, standing next to Grandma, whose insomnia had kept her awake. We were set under observation by older uncles who would glare when they saw us learning tango steps with younger ones. One sunless and beachless morning, taking advantage of the fact that Carlos was naked from the waist up, Lygia decided to transform him into a woman and was caught by the thick brows of older uncles who had stopped playing backgammon, as she tried to give his breasts volume by tying them with a string. The episode degenerated into an immediate retreat of the grand-daughters from Santa Tereza, before they would fall victim to the streets of the country's capital. Lygia and Sonia stepped off the train, their skin baked by the sun's heat, at the Belo Horizonte railway station, wearing the same navy-blue

dyed dresses, their white ties blue-dotted for they had not yet menstruated, straight hair under the straw of their hats hiding in Lygia's head the idea of *"Me and you wearing other people's sexes within our zipped-up overalls which when unzipped by the other would reveal their own sexual characteristics, the opposite of the ones the partner wearing them really had."* Lygia Clark's mother, Ruth, carried, within, the seed of creative art which seized her daughter, impelling her to research, discover, invent. And this world, born with Lygia, remained latent in mother, only awakening from its lethargic state when Christmas drew closer, to set up the Nativity scene, a must. Ruth would execute the biblical stories as if she were the author of the New Testament, unravelling them over tabletops, filling corners with mountains of wrapping paper smeared with glue and coal dust; with crumpled paper she would make grottoes and valleys full of lakes where swans and ducks swam without splashing water about, whose mirror surfaces reflected the star of Nazareth, guiding the three thin, hard-headed kings on their way to find the Virgin-born boy, hidden from Herodes, the bogeyman. Trembling because of the thunder, we would pray before the scene during December, standing by camels, donkeys, sheep and shepherds while the storm rumbled. As we grew, mother modified the Nativity scene, cutting off character's heads, turning mountains to plains, drying mirrored lakes, making St. Joseph vanish, causing Virgin Mary's disappearance, leaving only baby Jesus bound in the manger, not knowing how to ask his Father why all had abandoned him. The following year Ruth put him, naked and alone, in an enormous crystal shell that looked like an open mouth where one could see the roof and gums covered with purple stalactites and stalagmites. Little boy Jesus, with a fakir's smile, held his hand up, blessing anyone who might look at him, utterly indifferent to the discomfort the hard rock inflicted upon him. Ruth also showed her varicose artistic vein on Christmas trees and, taking advantage of the fact that it was the end of the seven lean years, she fetched empty egg cartons, closed them one over the other, painted them turquoise, fastened them in a pyramidal structure and was able to make a Christmas tree of few branches and much imagination. Ruth's art was predatory. No zebra skin, its stripes stomped over by all who came in and out of the office at Pernambuco Street, could escape her. The zebra disappeared from the floor to reappear shortly after, sliced up. The black and white striped tail, as if trying to escape her, wound up hanging in a corner of the wall. Art was over for Lygia Clark's mother. There was a four-footed fruit in our house's yard: father had planted four stalks and the tap was left running all day long to get the water to the roots which crept underground to hold them up. We would forget the four "jaboticaba" plants until morning, when we would come across their branches wearing flowers, covering them from the thin upper branches down to the trunks. They gave off a light jasmine-like smell, just enough to catch some passing bee's attention so it would hurry off to call the others. They would surround the four stoic



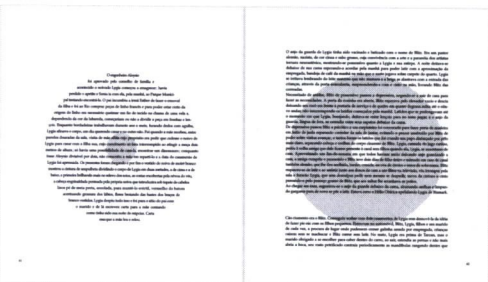
"jaboticaba"

trees whose branches were kept from drooping as they remained static, waiting for night to come and free them from the tickling buzz of quivering wings under their woody armpits. Once the week was over and the exhausted bees retreated, there were no more flowers. Instead there were little green warts which grew daily. The little warts became tiny fruit, confident that the sap in the branches would let them grow. The children's eyes, fixed on them, also grew. In the morning mother would let her tan deepen under the sun's rays, her "jaboticaba" eyes on the berries covering the four plants. Lifting her fingers, she would stretch her arms under each tree, shaved armpits showing, and would taste the fruit of each plant. It was always necessary to wait, they weren't ready to be sucked yet. When they were green we had to wait for them to become streaked with brown, then the sun would darken them and when, finally, they were shining black, we had to wait



for the rain to finish giving them their sweetness. Then it was time to disregard any respect for them as we trampled all over them with shoes that searched for a sure foothold at the intersection of branches, trying to reach the top of the tree where the "jaboticabas" had thinner skin. When mother called her children, beckoning them to their homework, Lygia and Sonia had already taken up books to unlearn geography and history and swung with them, spitting out pits to rain on the ground. The silence was cut only by the sound of teeth piercing skins and rarely would a scream interrupt the swallowing of the black fruit: a wasp had been caught in its hiding place inside a jaboticaba's womb. On coming down, they would leave the four trees surrounded by great blue and white rings of pits which mother forbade us to swallow out of precaution as common sense said they caused pneumonia. For father to have his coffee after meals, he first had to prepare his cigarette. The coffee pot, wearing a filter bag as a turtle-neck, had to wait on the tray, next to the large deaf ears of the sugar bowl and to the scalded coffee cup. Without a word, the straw rolling paper was taken out of father's pocket, a penknife was opened to stick all its tongues out and with one of them father would smooth out the rough straw, first on one side, then on the other. He would fetch a red rubber pouch, its neck strangled to keep it closed, and from inside would retrieve the shredded tobacco that had arrived from Goiás, rolled to form black serpents imprisoned in round cans, one foot high. The shredded tobacco was stretched tenderly within the straw and rolled by father's fingers, his tongue moistening the length of the finished cigarette. It was then held between the fingers of the left hand while the right hand signalled for the coffee to be served. It was the coffee's duty to burn the whole inside of father's mouth and when this didn't happen, the coffee cup felt guilty for it was insulted and pushed far away. Nonetheless the smoke rose blue against the red dining room wallpaper, puffed through father's angry lips, his eyes hovering over some thought. The smoke from Lygia's cigarette, which was not made with straw paper, was puffed with the same voluptuousness as father's. Her cigarette pack was kept in a purse which never stayed home, following her everywhere she went. Smoke was Lygia's oxygen and she was afraid it would disappear; and when the cigarette began burning her fingers she would light another one, leaving it on the alert in the ash-tray to be devoured as soon as the first one went out. "Once, contemplating the smoke from my cigarette, it was as if time itself was moving on its way, never stopping, continually regenerating itself." Her hands didn't carry out the same ritual as father's, taming the straw for his cigarette, but they had the same obstinacy in the knots of her fingers, firmly picking up a pair of scissors to cut the Moebius band into a paper strip as she walked. "I just got back from Camargo's atelier. He did some beautiful things, entering a new semantic phase, using the same elements. I loved it and envied people who still construct objectives, live matter crystallized in real space." Lygia's large black eyes started blinking at boys. Father didn't appreciate it but pretended not to see - he would frown and close the gate. He didn't want his daughters working for any boss other than himself. Liberty Square, where the girls were not free at all except to stroll around its centre and be admired by the boys standing around the border, was four blocks up from our house. On Sundays there was music on the bandstand and that is where Lygia would go after enlarging her lower lip with lipstick, as it was there that she would return from, running down the hill on the way back, trying to pass through the slit in the gate father had closed at ten. Once, a car cut in front of her and two gentlemen jumped from inside. The first to approach was the shorter of the two, red lips barely hiding white teeth. The other took a long time to take shape. First he showed a large foot with beaming rays of polish, followed by creased trousers covering legs which kept on stretching until an erect body buttoned in a jacket came out pulled by large hands, the whole topped by a thick neck holding a small face full of laughter. Aloysio Clark's two meters made Lygia grow smaller and smaller as he approached, until she was as tall as his belly button. He was careful not to step up on the sidewalk while he talked and didn't ask her to marry him, not knowing his friend Marco Paulo Rabello's intentions.

Aloysio the engineer was approved by the family council and after the engagement Lygia started to lose weight; she had lost her appetite and would go to the Municipal Park in the morning with Sonia to try and meet him. Father put his sister Esther in charge of preparing the trousseau and left for Rio to buy the French linen cloth. To be certain of its origin it was necessary to burn a thread, pulled from the linen, in a candle flame and, depending on the colour of the flame, the division of the roll into sheets and pillow cases could begin or not. While the women who did the embroidery pricked fingers with needles for a year and a half, Lygia's body grew thinner, wanting to marry one day, changing her mind the next. It was then that mother received the visit, within the four walls of the golden sitting room, of an anxious



Aloysio the engineer was approved by the family council and after the engagement Lygia started to lose weight; she had lost her appetite and would go to the Municipal Park in the morning with Sonia to try and meet him. Father put his sister Esther in charge of preparing the trousseau and left for Rio to buy the French linen cloth. To be certain of its origin it was necessary to burn a thread, pulled from the linen, in a candle flame and, depending on the colour of the flame, the division of the roll into sheets and pillow cases could begin or not. While the women who did the embroidery pricked fingers with needles for a year and a half, Lygia's body grew thinner, wanting to marry one day, changing her mind the next. It was then that mother received the visit, within the four walls of the golden sitting room, of an anxious

mother whose purpose was to ask that Lygia's fiancé be set free to marry her daughter who had interrupted her growth on reaching the two meter mark; the only way for her to marry was for them to find her a dinosaur. Although Aloysio could be divided in two, mother did not consent to sharing him and the date for the wedding was quickly set. The presents began to arrive and finally the white shimmering wedding gown showed Lygia's hourglass waist dividing her body in two halves, the upper and the lower, the first shining more along the borders of her breasts, her back covered by the veil's mist, the veiled head coifed by the bride herself by introducing a black stocking rolled up under a quiff of straight hair, to keep it up, the thickness of her lips enhanced by the lipstick's red, flowers budding from the stems of the white gown's arms. Lygia took it all off and left for father's ranch with her husband and wrote home from there, telling mother how her wedding night had been. A letter which mother read over and over. Lygia's guardian angel was vaccinated and baptized Blitz. It was a grey, thick tailed, Nazi German shepherd, gone neurasthenic from living with art and the artist's paranoia, overtly possessive of Lygia and her direct lineage. At night, he would lie under her bed, waiting for her to wake up in the morning to bark at the approaching maid, breakfast tray in hand, until it would tumble to the floor out of fright. Lygia would get irritated, remembering the mother's milk she had not been fed, and the fight would go on with the arrival of the children through the half-open door, catching her belt in hand, saving Blitz from a whipping. In dire need of analysis, Blitz evolved from possessive to depressive, refusing to go outside to satisfy his physiological needs. The door would be held open and Blitz would wait for the empty elevator and go down, leave his turds in front of the service entry, climb back to the eighth floor four steps at a time, barking all the way, as he had been doing since morning. The barking would continue until, yawning Lygia would lie down in her sheets again for a nap and the guardian angel, tongue sticking out, would stretch out amid her shoes under the bed. From depressive, Blitz went on to psychotic and a carpenter was called to make a wooden door, like a cage, to close off the dining room from the hall, cutting short Blitz' pleasure, enjoyed until then, of attacking visitors; he barked so much that he wound up developing a double chin, hidden under his thick coat, separating head and ears from the rest of his grey body. Tired of this canine tyranny, Lygia asked her old friend to give him to an old couple without children when she was away from home. Taking advantage of a week-end when the family was out, the angel took leave of guarding the house, the friend kept her promise and Blitz lived as an only spoiled child for two days in the house of a couple, also German, who gave him shelter, food, toothbrush and bones for breakfast. Blitz forgot to bark and as he was watching television with his new family, he was interrupted by Lygia who burst into the living-room like a hurricane and without excusing herself or saying good-bye, pulled her belt from around her waist and put it around Blitz' thick neck while he scratched her breasts jumping up on her. Jealous dog he was, old Blitz. He managed to put an end to two of Lygia's marriages without her being talked out of going on picnics with her small children. They would get in the car, Blitz, Lygia, children and a husband at a time, search for a place where they could eat the chicken the maid had roasted; the children could fall without hurting themselves and Blitz could dash off without barking. In the woods Lygia was Tarzan's cousin, but the husband, having been forced to shrink to fit in the car, would stretch his legs on getting out and open his mouth no more. His face petrified, he would contract his jaws from time to time, grinding his teeth but uttering no sound.

Husband and wife would look for a clearing, darkened by the shade, where there would be no snake hiding, ants would not be creeping, nor wasps' nests emptied of their inhabitants. After exploring the slopes, jumping and screaming, the children and Blitz, his breast panting in his coat to a constant rhythm, would throw themselves on the leaves carpeting the ground, their bodies determining the territory which would be theirs until sunset. When father's, mother's, children's and Blitz' shirts were soaking with sweat, bottles would be opened and soft drinks would finish before the thirst did. The chicken butchered in advance picked at the manioc flour the ants marching in line were carrying. Blitz waited to be remembered, exhibiting his red, wet ham tongue. Different varieties of mosquitoes arrived for their share and the children, gone mad with the sun's mischievous rays and the flowers' pollen, searched for

little monkeys to peel bananas with. Lygia, lying on the grass, climbed up tree trunks with her eyes, reaching the entangled branches at their finest peaks, letting herself be lulled there by gusts of imagination... *"Two rooms. In the first sandwiches, newspapers, soft drinks. In the second a giant movie screen with plants, sand and bushes in front of it. Exercise bicycles also. The spectators, after buying the supplies they will need in the first room, get on the bicycles. Lights out, a cyclist appears on the screen, his back to the audience. With a gesture he invites them to follow. Everyone starts pedalling, the road they will follow appearing on the screen. Second sequence: the cyclist stops under a tree to picnic. The spectators get off their bicycles, lie on the*

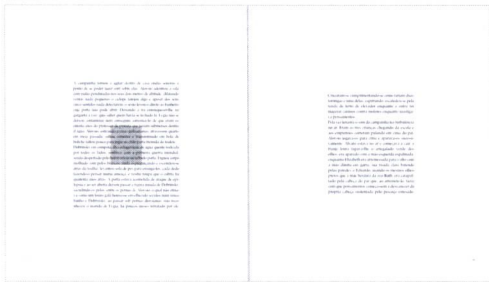
ground in the midst of plants where they can amuse themselves at will. Third sequence: the cyclist is again pedalling on the screen, followed by the spectators. He stops in front of a bar where teenagers are dancing. They beckon the cyclists, from the screen, to have fun. The participants begin to dance with the screen in the background." The three children, having undergone regression due to fatigue, were hitting each other, crying in four dimensions. The father-figure would rise to the treetops from the ground where he had been sitting without saying a word. Taking two fingers to his mouth he would terrify the birds with the sound he emitted. It was time to leave. Blitz would get up on his four legs and charge up to the top of the hill. Aloysio, putting his seven league boots on, would charge up after him. Blitz would be waiting, a smile shining in the yellow of his eyes, ears pricked, white pleated collar around his thick neck; he would let Aloysio approach, grinding his teeth, and gallop down the hill again, wagging his hairy tail, now entangled by a variety of seeds that clung on obstinately. Aloysio would come down the hill, boots sliding, and the children would switch from crying to laughter, chasing Blitz who would not be captured unless he saw the hair on Aloysio's chest moving up and down in search of the air which was now already lacking. Lygia, Blitz, children and husband folding his six-foot-eleven body in various parts would all get back in the car, the husband's jaws locked, eyes fixed on the road searching for a way out of the next "nic-pic". Lygia joined the Institute for the Deaf and Dumb to teach art and became deaf. It was like going into a noise bubble. High-pitched and guttural sounds were reinforced by scales of gestures going from less pure to outright pornographic. Ask for silence when they already lived in a soundless aquarium? It would be more reasonable to ask for noise. Lygia decided to become dumb after having whistled, yelled, clapped her hands and once she had shut up, she finally managed to have them bring her the drawings they had made, following other teachers' guidance. They were tooth-brushes, stoves, bras, bald heads, drawings copied from newspaper ads and small black and white magazines, whose torn pages were thrown up into the air to be trampled on by children who would never hear the sound of their own feet running down halls, the rhythm of their leaps as they skipped up the stairway, the laughter gurgling like a waterfall down their throats. Lygia had arrived back from Paris. From her wedding she had kept her children and name. Aloysio had not disappeared, he was too large for that but he was no longer her husband. Along with her she brought her first oil paintings, abstracts, all of them on frames, the canvas surface entirely covered with dark blue transparent paint and, in the abstract design, the Animal lay hiding. The suitcases she brought were pregnant with art books and, showing them to her students who said nothing but yelled constantly, got them to copy Picasso, Matisse, Toulouse-Lautrec and Soutine, using the signs she had learned from them. Masterpieces began to sprout from their desks. Lygia would leave home early, teeth brushed by the cigarette glued on her lips, face decosmeticized, would examine the children's works in the noise of their silence and, using gestures, showed approval or disapproval at what she was shown. The children became accustomed to Lygia's deaf and dumb presence, to the smell of her cigarette following her like a comet's tail as she wove through the lines of desks; on one of them, amidst murmurs and laughter, she discovered her portrait: straight hair divided in two halves held in a bun, thin lips helped by eyes tightly squeezing a cigarette held in her mouth, ready to be gulped in a cannibalistic gesture. Lygia did not stay long at the Institute for the Deaf and Dumb of Laranjeiras. She crossed the street, started talking again and left the noisy dumb and deaf children a world full of colours and drawings



as a legacy, with a wave of good-bye. Going backwards in time, sitting on a tramway bench, we travel four decades and hear the doorbell of 44, Avenue Kléber ring, its button pressed with moderation. Lygia pushed the door open and Dobrinsky, whose age had left him sightless and bald, with some inches of his height added to his back, stood in the hall. After having been in Lothe's and Arpad Zend's ateliers, and to a warehouse where once a week Léger would jump off his motorbike to oversee young artists at work, stopping in front of Lygia and looking at what she was doing, briefly said "ça bouge!" - which was already enough; Lygia now attended courses with Dobrinsky, a contemporary of Soutine's and Modigliani's, both old boarding house companions of his, already famous. Dobrinsky would sit at the table and have lunch with Lygia, amidst the smell of oil and children

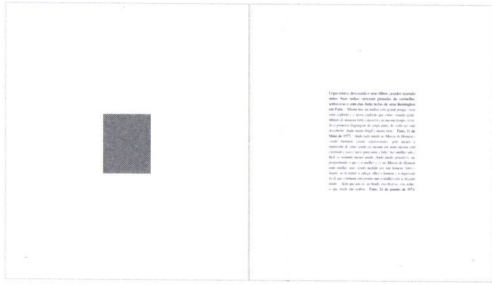
yelling before leaving for school, knapsacks on their backs. Dobrinsky would get up also but only to sit on the couch in the living-room, legs curved as if he had been riding. He would advise Lygia to use lighter colours and one day when he felt braver than usual, did not resist the temptation of asking if he could take a bath in the bathtub. For half a century he had been haunted by the desire to soak his body in the heat of the water, letting it float, and they agreed that once digestion was over he could stretch his dried limbs in the tepid white of the full tub. In the tub he stayed, forgetting himself and everyone else while the hours passed quickly in Brazil and Aloysio, in a hur-

ry, packed suitcases, folding his shirts to travel to Paris. The hot water flowing from the tap kept Dobrinsky's bath from cooling and the smell of soap insisted on closing his eyes; half-closed eyelids showed half the circular retina hiding like the moon behind the clouds. His almost submerging nostrils kept him alive, making a hippopotamus out of him. Aloysio Clark got on the plane, choosing a seat by the window where he could sit not having to draw in his feet to let people go by. He put on his safety belt, smiled stretching his legs and moustache and snapped all ten fingers as he was in the habit of doing. Dobrinsky's eyes closed for a balance of his years of life and began to go backwards until they stopped at his youth when, hairy and unbent, he contemplated, mouth hanging open, the nude body of a model, putting on the canvas the curves and non curves of her dancer's body. The aeroplane did all it could to behave but was not able to prevent aerial currents from shifting the passengers. At home, Lygia tidied up the sculpture that was her hair, improvising volumes with black stockings and brillo pads. Dobrinsky lost density, his body floated, his bald star-king head whose rays were the white threads of hair that hadn't fallen off, highlighted in the warm liquid. Aloysio smiled at the hostess who brought breakfast and contemplated her with cannibalistic greed. Two thousand kilometers from home. Lygia went down the elevator, got in her "quatre chevaux" and climbed on the sidewalk on a curve. She heard the "asshole" she deserved, trying to be more careful. Although she had straight hair, the pancake she spread on her face made the neighbours nickname her "negresse", and she liked it. Dobrinsky's brain was orbiting in the alpha zone and all the paintings he had painted appeared in his first exhibition submerging him in a world of colours. Aloysio lifted his eyebrow making his forehead smaller and consulted his watch's face. Lygia got the car out of the parking lot where she had left it, said goodbye to Balzac's statue, arrived home and Dobrinsky was still gloo-glooming in the tub.

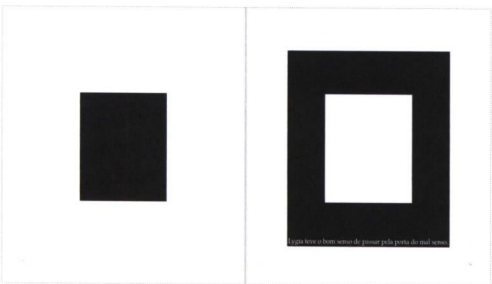


The doorbell again created such sound waves in the house that one could practically surf on them. Aloysio came into the living-room with suitcases hanging from his two meters. Dilating his not so small nostrils the cyclops scented something and although his five senses didn't detect what it was, the sixth took him directly to the bathroom whose door he could not open. Allowing rage to make his throat hoarse, he wanted to know who had put the lock on from within. Lygia did not allow herself to be contaminated and was unable to make him believe that it was the eighty years of her painting professor who lay submerged in the water. Stretching his Gulliver's legs, Aloysio crossed the room in half a step, skipped the corridor and like a bowling ball, by a fraction of a second did not throw the quivering bathroom door to the floor. Dobrinsky in syrup, octogenarian island surrounded on all sides by hot water,

dreaming of the First World War, woke up with the bombing shaking the door. He lifted his wet body, white hairs still stretching, and hid behind a towel; he lifted the soles of his feet to dry them, each toe making him think of some menace and put on the clothes which had been covering him for forty years. The door, caught in an epileptic attack as it opened, allowed Dobrinsky's frail figure shaking its hairs to pass between Aloysio's legs, the latter unable to understand how a blond charmer could have gotten centuries older in only one bath, while Dobrinsky, passing under Aloysian legs did not recognize Lygia's husband whom he had painted a few months before. They crossed and greeted each other as two ants would and one of them, sneezing, sneaked off through the iron lace of the elevator while the other went off to grind canines against molars while chewing thoughts. The sound of the doorbell created a turbulence in the air for the third time. The three children were arriving from school and, jostling each other, jumped on top of their father. Aloysio would throw them into the air and catch them one after the other. Alvaro was in the air and began to fall into the palm of the open left hand, his blond fringe covering pop-eyed glee, while Elizabeth was thrown up with the clutched right hand, her clear laughter bouncing around the walls and Eduardo, using the same black eyes his mother had inherited from grandma Ruth, was catapulted by his father's head held on an erect neck. Lygia was unmarried and her children married making grand-children. Her painted red nails grew and she would sit and tap on the keys of a Remington in Paris: *"My phase in analysis is great because it turned into an explosion and it is within that explosion that I am becoming someone, speaking with strength and conviction and at the same time living the body's language from before the verb was discovered. I'm feeling very fragile and very strong."* (Paris, May 11th, 1973) *"I've been going often to the "Musée de l'Homme" and seeing lots of interesting things; at least the impression of being myself in myself exists and that's new to me and beautiful. Being a woman is not easy, assuming oneself even less. I've been very thoughtful, asking myself what a woman is and I saw a nude woman having her measurements taken by a man (photo) in the Musée de l'Homme and then, after lifting my head I looked at the man and I had the impression that man is ready but woman is still in the making... I guess it's really me, this making of oneself that isn't finished yet."* Paris, January 24th, 1974.



know. All I know is that it is my way of attaching myself to the world, being fertilized and ovulate." Letter to Mario Pedrosa, May 22th, 1969.



Lygia had the good sense to go through the door of nonsense.



"I continue to think the artist elaborates his or her own self-portrait during his or her lifetime. According to the period, the figure was used to express this situation. At present, as he has assimilated all the religious concepts, it's his own internal struggle, giving birth to a need of expressing a living organism like himself." (1963) "How many beings am I, to be always searching for the realities of contradiction in the other being that lives in me? How much pleasure and pain did my body opening up like a gigantic cauliflower give the other being who is secretly in me? In my stomach lives a bird, in my breast a lion. The latter strolls from one side to the other incessantly in search of dialogue with himself. The bird caws, kicks and is sacrificed. The egg continues to envelop it like a shroud but it is already the beginning of the other bird which is born immediately after death. There is not even an interval. It is the feast of life and death entangled." (1967).

If you want to play, well so do I. Lygia, you can start all over again. Move. Don't just lie there. You are playing statues.

You're alive!

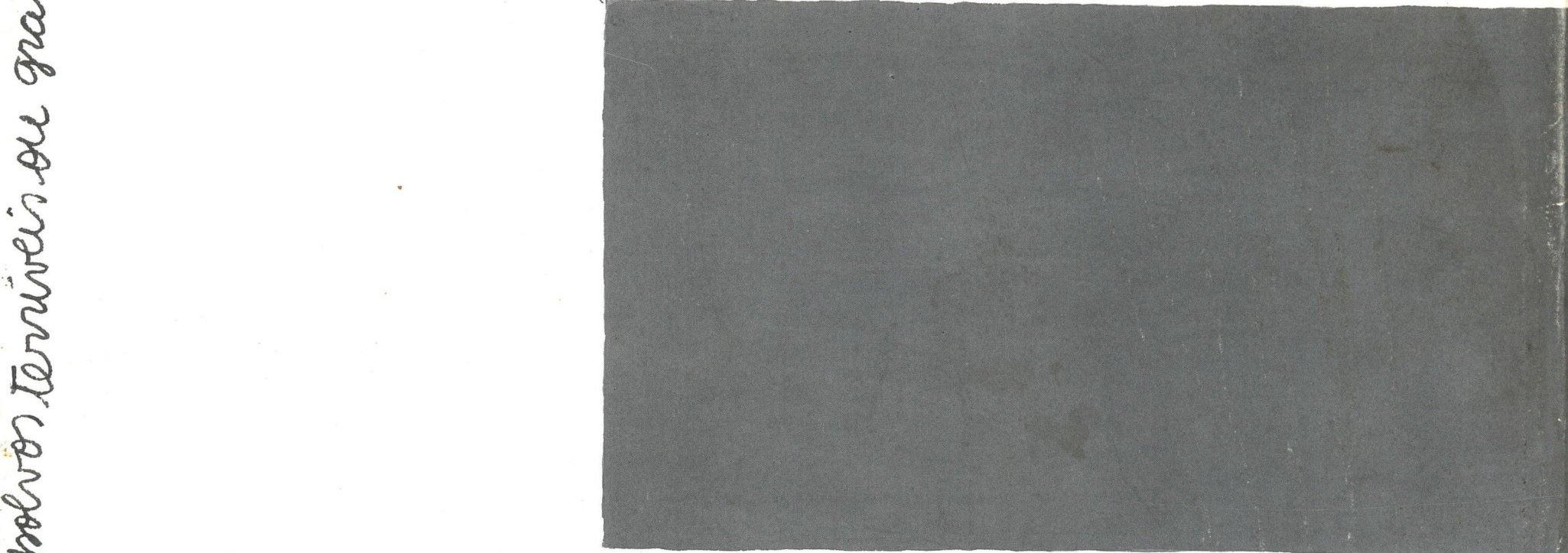
É ainda nesta região, agora na subjetividade do espectador, que parece estar colocado o alvo da obra de Lygia. Isto se torna cada vez mais intencional à partir da virada radical que se opera em seu trabalho após os Bichos, em meados dos anos sessenta. À primeira vista, os objetos que ela cria nesta última fase de sua obra parecem dirigir-se a um eu, e dele depender para fazer sentido. Mas é todo o contrário: é da eclosão deste eu que estes objetos irão depender realmente. O espectador é levado a deixar de se perceber exclusivamente no terreno de uma representação de si, para investir a vibratibilidade de seu corpo como referência de sua alto-percepção. Ele passa então a desenvolver uma escuta para as intensidades que o povoam no contato com estes objetos, em função das quais ele irá reconfigurar-se. É nesta mudança produzida na subjetividade do espectador que estes objetos ganham todo seu sentido. Talvez aí resida a força maior da obra de Lygia Clark, sua contribuição mais original para as questões que se colocam no contemporâneo. É que nesta virada de século, a subjetividade impõe-se como tema central para se pensar ou promover qualquer transformação efetiva da realidade. Lygia Clark parece nos apontar um caminho, ao pretender, com sua obra, criar condições para que o espectador conquiste na subjetividade um certo estado no qual possa suportar a contingência das formas, capacidade mais do que necessária nos dias de hoje, em que as formas tanto objetivas como subjetivas, perdem sentido com muita rapidez. Um estado em que se torne possível para o espectador desgrudar de qualquer forma que ele viva ilusoriamente como sua identidade, para conseguir navegar nas águas instáveis do corpo vibrátil e adquirir a liberdade de criar outras formas, toda vez que a onda trazida por um novo feixe de sensações assim o exigir. Lygia chamou isto de "atingir o singular estado de arte sem arte".

Não é exatamente neste estado que nos lança Sonia Lins? A impressão que fica é que, neste livro, Lygia de fato se mexe, levanta e começa tudo de novo, como amorosamente lhe ordena a irmã. Lygia Clark está viva.

casa-corpo mais vivencial do que ela é impossível, no fu

acabando de almoçar, pai afastava a cadeira e saía para trabalhar deixando a casa cheia de fumaça
aos seus cheiros de tremuluzendo do calor do Rio apertando nceriz em lençóis de xadrez, encarnado
vivo logo mais dozeira de Belo Horizonte, não tinha nada para comprar. Quando não fazia o que fazia
trabalho quando não fazia mais visitas às irmãs, quando não visitava as irmãs e não fazia o que fazia
quando não deixava mais ler romances nem ficava a fazer doce. Os seus gostos de música e de jogar banca, perfume nas
barrancas da avó, sentado em poltrona na sala de espera, ligava a vitrola e marcando o tempo mandava as danças
bancarem, ouvindo contar a noite encalando vinte e oito degraus de madeira que se levava para o novo quarto
chegava na conta histórias chigava, macontare histórias, histórias em uma dele para exuta-las, misturadas na
traves em latin gadas da boca de xadrez, dava chita de dentes fortes e amarelos, xadrez de aparada reflexo, cont
contava de moletins, cisnes engravidando mulheres, água alee lençóis na helira, cavalos aerlhos de prensa
zados, homens se transformando em porcos por haverem adivinado um serafim, histórias contadas com o
dado em vista e que nos fazia acreditar em sua veracidade, invocando e sonhavam, e as o cavale de trua
mos que saute do sanho onde esteva mergulhado, desde o primeiro canto do galo, queríamos ver, zéis d'el
invitados para a demorada permanência na água, levava a boca a colher de pingalim parado pela avó sem
sempre de pensar avó procurava-se de jardim para virar criança com orelhas, procurava moedas no heide não
preocupavam para apanhar-las e se brigavam, gargalhava e avó, sacodindo na barriga lista as leis do pi
pucma cura. Chegava para beber, auge falta de leite de mãe não permitia atingir o lamantinho dos outros e de
deixa ser ela a filha de galaxada, parada no meio de casa, sugia chorava e avó ria, inspirando a gritos na m
melhora ali calor, a libar. A água não arimhas e a noite se chamulava procurando mais avó e avó encha
enchiam o vago de bagagem de volta do rio e o adeus, saudades pelas mãos de ampor era abgre, achavam e em
nos, que vilariam no ano seguinte, a avó com agulhas coloridas de lúcio, e avó com estrovas que ficavam h'horiam
horio quando no curado nos, menudo um mtolo de lúcia. "numa penha que tive me apropriado de tantos monst
monstros graças a toda mitologia que nos foi contada pelo avó e uns, estou com sintomas incruis, xalm formado
surdos dos meus do meu corpo e se tornam novos, terríveis ou grandes rancheis, negras. É invível mente não o me
procuro, ami meu corpo com as mãos em forma de condra em todos os pontos capitais, depois que encontrei a serpente
serpente la água e a água, vort comento frangos que me cura com uma teia magistral, numa colina a crua
muerda morcem 5 peçonas, meninas e na outra a d'ritei 5 peque nos menthos que encaram sempre ante
infelizes por se sentirem separados por um grande chomo que havia entre as duas colinas (as colinas não os pes de
daí dedr. Isso foi inventado quando ditaba de ludei, os pes na vertical, um dia o grande corpo se no de ple as ora
crianças ficavam radiante, nos imhois separadas faziam parte de uma mesma totalidade, irincarcm e ant
andaram juntas, pore m alternadamente, a vezes molendo mesmo se tocalem quando o grande corpo colou na
um ni nome o outro suraco, da fechadura, no escuro do quarto não e cochilos, h'horiam, se do, mimmo, e no
nos dos dedos de sua mão direita reclamavam da dureza da pele enquanto a da mão esquerda rec, l'oriam e peço
peço da malaneta a mata foi aberta e de baixo da sombra nelhas cerradas, o choro de mãe procuraram a casa e h'horiam
pudiam de que nella n'rimos e m'umas haviam clivado procurou as filhas entre os mimos e riu que recompunham as

mancaam e no quantidade h'pedes, fazendo covado de mal mata



de tantos monstros graças a toda mitologia que nos fu